

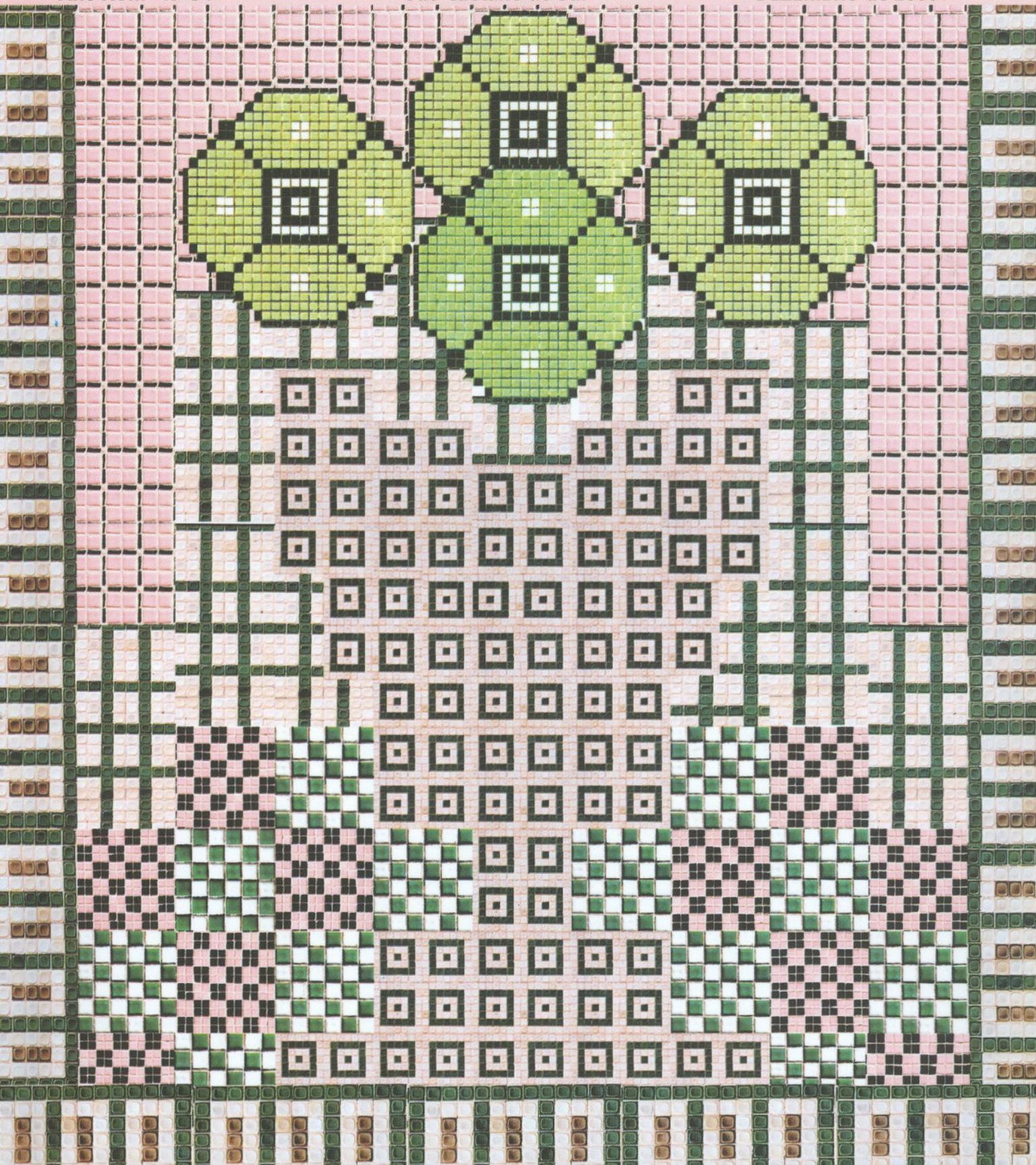


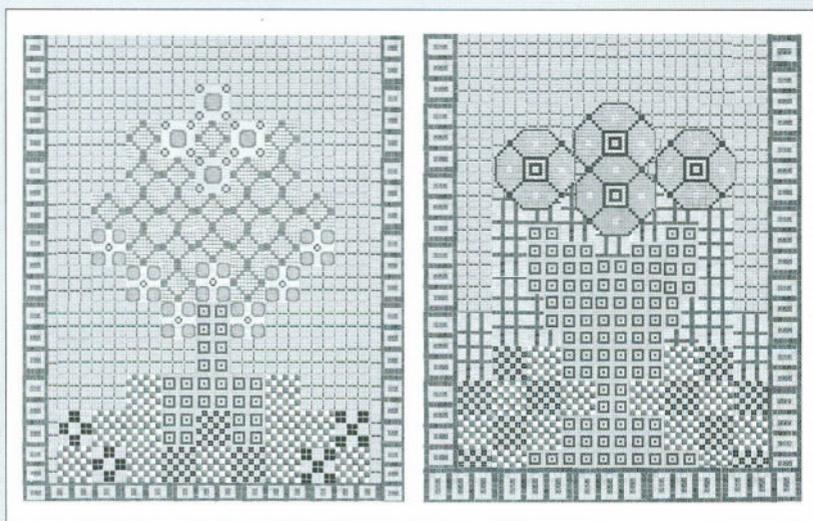
RAÍZES

Ano XVIII - Nº 34

São Caetano do Sul

DEZEMBRO de 2006





Como sempre, apresentamos na tradicional capa da revista Raízes trabalho referente ao conteúdo mais extenso da revista, denominado dossiê.

A capa e a contracapa de Raízes 34 trazem montagem computadorizada de fotografias realizadas nas ruas, avenidas e praças de São Caetano do Sul.

Procuramos, por meios eletrônicos, reproduzir, peça por peça, as pastilhas cerâmicas que revestem grande número de edifícios públicos e particulares na cidade.

Ambos os quadros, apresentados na capa e contracapa, foram criados especialmente para a revista, mas as pastilhas, isoladas ou em conjunto, são exatamente as mesmas que adornam fachadas, muros e paredes internas ou externas dessas edificações. Não retiramos nem maquiemos pequenas irregularidades, que aqui permanecem porque são as marcas do tempo e do processo artesanal para aplicação desse revestimento.

As capas e o encarte central da revista podem desafiar os leitores a encontrar nas ruas da cidade as cores e formas aqui utilizadas. (Neusa Schilaro Scaléa)

A Revista **RAÍZES** é uma publicação semestral com distribuição gratuita.

■ **Editada e Publicada pela** Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula
CEP 09541-520 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420

www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br
raizes@fpm.org.br

■ **COORDENAÇÃO GERAL**

Sônia Maria Franco Xavier

■ **REDAÇÃO**

Jornalista responsável: Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Digitalização de Imagens: Sandra R.B.Gouveia

Pesquisa: Cristina Toledo de Carvalho

Secretaria e Coordenação: Maria Ap. M. Fedatto

Assessoria: Paula Fiorotti e Eduardo Koga

Conselho Editorial: Alexandre Toler Russo, Celso de Almeida Cini, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, Paula Fiorotti, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Yolanda Ascêncio.

■ **IMAGENS**

Fotografia: Antônio Reginaldo Canhoni

Capa: Neusa Schilaro Scaléa

■ **PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO**

INTEGRAÇÃO - Ponto a Ponto, Bairro a Bairro, Notícias e Variedades / Antonio Devanir Leite Júnior - MTb 19.866

■ **FOTOLITOS E IMPRESSÃO**

Estúdio ABC e Gráfica Provo

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Editorial

Há grandes lapsos de memória
Grandes paralelas perdidas
E muita lenda e muita história
E muitas vidas, muitas vidas.
(Fernando Pessoa)

Esta revista pretende registrar e divulgar diferentes aspectos do patrimônio que compõe nossa cidade - lembrando que a cidade é um espaço em constante construção, no seu aspecto físico e humano. Na tentativa de tornar coletivas as histórias de cada um, enfocamos neste número o revestimento de fachadas com pastilhas de cerâmica e outros materiais. Buscamos, através da fotografia de diferentes locais, a grande variedade de produção de desenhos e imagens que formam o cenário urbano.

Com este número queremos estimular a relação da população com seu patrimônio artístico, histórico e cultural, marcado sempre esse patrimônio pela apropriação e reflexão por parte de seus herdeiros.

Por esse motivo receberam atenção redobrada as antigas indústrias cerâmicas locais, a produção de pastilhas, a arte com pastilhas, o impacto dessa arte sobre o cotidiano das pessoas ...

Ainda outros temas enriquecem esta publicação, como os enfocados nos artigos regionais, nos depoimentos e na memória esportiva, tornando-a, de certa forma, o microcosmo da sociedade e da cultura plural em que vivemos.

Sônia Maria Franco Xavier
Presidente da
Fundação Pró-Memória de São Caetano Sul

Palavra do Prefeito

José Auricchio Júnior,
Prefeito Municipal
São Caetano do Sul

Antes mesmo de abrir a edição 34 de *Raízes*, o leitor deve ter se sentido desafiado. Por meio de montagem computadorizada, a imagem da capa é formada por pastilhas cerâmicas de vários prédios de São Caetano do Sul.

Em conjunto, as pastilhas formam uma bela imagem; isoladamente, são igualmente bonitas, embora, mais que isso, representem um retrato — ou, poderíamos dizer, literalmente porções — da história urbana de São Caetano do Sul. Estamos, portanto, diante de um mosaico de nossa história.

O desafio está em reconhecer de onde são as pastilhas retratadas na capa de *Raízes*. Para em seguida se deliciar com a leitura do dossiê sobre o assunto que a revista sempre competentemente oferece a seus leitores.

Trata-se de uma excelente oportunidade para que todos nós deixemos levar pelas lembranças. Seja pelas pastilhas e as várias épocas que representaram, arquitetonicamente ou por meio das indústrias do ramo que atuaram no município, seja pelas outras grandes reportagens dessa publicação.

Mais alguns pedaços de nossa história desvendados por *Raízes*. Boa leitura.



Dossiê / Pastilhas

- 5 - Recordando as pastilhas
Urames Pires dos SANTOS
- 6 - O que são pastilhas
Ademir FORNAZARO
- 7 - Mosaico de lembranças
Cristina Toledo de CARVALHO
- 12 - Memórias da Marinotti
Alexandre Toler RUSSO
- 17 - A Arte dos Azulejos
André Balsante CARAM
- 22 - Arte em pastilhas no cotidiano familiar
Celso de Almeida CINI

Regionais e Artigos

- 25 - História do cinema em Mauá
Abimara Goulart SILVA
- 31 - A língua de São Paulo
Juarez Donizete AMBIRES
- 35 - O meu sentimento e muita recordação de uma guerra injusta
- 40 - Judeus nas terras do Tijucuçu
Priscila GORZONI
- 45 - A guerra de 1939/45 e os pracinhas do ABC
Mário Porfírio RODRIGUES
- 48 - Duílio Buso: a vida de um empreendedor
Narciso FERRARI
- 51 - Árvore genealógica secular e suas origens
Bonaventura Moretti FRARE

Cultura

- 52 - Uma sociedade sem imagens
Neusa Schilaro SCALÉA
- 55 - Jerry Adriani: toda a formação em São Caetano
Ademir MÉDICI

Depoimentos

- 61 - Guilherme Belloto, entre os carros da GM e o futebol do Palestra
- 67 - Benvenuto José Thomé, 98 anos, sancaetanense
Yolanda ASCENCIO
- 69 - Entre as ondas do rádio
Cláudia Carleto MONTEIRO
- 71 - Indelicato, um sobrenome de São Caetano

Memória

- 77 - Vincenzo Crescenzi
Ítalo CRESCENZI
- 81 - Lembranças do Segundo Grupo Escolar Monte Alegre
Leonilda VERTICCHIO

Crônicas e Causos

85

Esportes

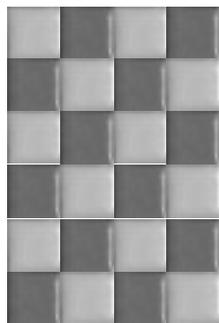
- 90 - Os craques da bocha
Sonia Maria Franco XAVIER
- 96 - Gonçalves, jogador de São Caetano comparado ao lendário médio Bauer
João BRESCIANI
- 99 - Memórias do nosso futebol III
Paulinho da VILLA

Memória Fotográfica

103

Registro

110



Recordando as pastilhas

Sempre foi uma constante preocupação dos arquitetos e engenheiros o revestimento da alvenaria das estruturas, principalmente no caso dos edifícios de grande altura. Diante da necessidade da utilização de materiais com maior resistência às intempéries, foram buscar nos produtos de baixa porosidade a solução para tais problemas. Desse modo surgiram as pastilhas, materiais de vidro, porcelana e grés, assim chamados devido ao seu reduzido tamanho: 2x2 cm. No Brasil, sua fabricação inicial baseou-se em tecnologia europeia, importada principalmente da Itália, da Espanha, da França e da Inglaterra

Sendo materiais de alta resistência mecânica e de porosidade quase zero, aceitam lavagem com um simples jato de água e sempre conferem aparência nova aos edifícios, evitando a repintura periódica, mesmo quando se trata de tintas especiais. Considerando a variedade de cores e tonalidades que apresentam, as pastilhas prestam-se também ao revestimento de piscinas e à construção de painéis artísticos.

Em São Caetano do Sul, berço da cerâmica tradicional brasileira, também tivemos, nos últimos sessentas, grandes fábricas de pastilhas de porcelana, grés e faiança esmaltada, como a Argilex, a Cerâmica Sul-Americana e a Cerâmica Marinotti.

As pastilhas de grés são produzidas a partir da mistura de argila plástica, caulim

quartzo e feldspato. Queimadas a altas temperaturas, resultam em produto não brilhante, de alta dureza e baixíssima porosidade. As de porcelana têm massa similar, mas com maior quantidade de material fundente, de modo que constituem produtos bem sinterizados, com brilho e impermeáveis. Já as pastilhas de faiança, cuja massa é constituída por argila, caulim, quartzo e carbonatos, são queimadas a temperaturas mais baixas e cobertas com esmaltes vitrificados à base de bórax, sais de chumbo e lítio. Sua resistência mecânica é menor que a das anteriores, mas essas pastilhas são também impermeáveis.

Nessa mesma época, a Cerâmica São Caetano produzia as chamadas *pastilhas de cerâmica*, de tamanho 4x4 cm, muito utilizadas na formação de painéis e pisos artísticos, quando entremeadas com os ladrilhos de tamanho normal. Ao contrário das pastilhas de grés e de porcelana, eram fabricadas unicamente com um tipo de argila terciária, conhecida como taguá, extraída de jazida aqui mesmo de São Caetano, onde hoje se localiza o Parque Chico Mendes. Para as de cor vermelha e amarela, usava-se somente a argila escolhida da mesma cor, mas, para as pretas e marrons, utilizavam-se corantes de óxido de ferro e de manganês.

(*) *Urames Pires dos Santos, engenheiro, ex-vereador*

O que são pastilhas

A *cerâmica de revestimento* é uma mistura de argila e outras matérias-primas inorgânicas, queimadas em altas temperaturas. A placa cerâmica pode ser usada para revestimento de pisos e paredes, na forma de azulejos, ladrilhos e pastilhas.

O *revestimento de fachadas* cumpre papel importante no desempenho global dos edifícios, não só no que diz respeito ao aspecto visual, mas também no tocante à durabilidade, ao isolamento térmico e à valorização do imóvel.

O *revestimento* deve suportar a ação de agentes agressores como a variação de temperatura, as chuvas ácidas, o ataque de raios ultravioleta e a poluição do ar. Sua porosidade deve ser a menor possível, para que ele não absorva senão o mínimo de umidade. A absorção de água tem relação direta com a porosidade, isto é, corresponde à porcentagem de água retida nos poros da base do revestimento cerâmico após a queima. A baixa absorção é obtida com forte prensagem e queima em alta temperatura, o que interfere positivamente na resistência mecânica: quanto menor for a absorção de água, maior será a resistência mecânica. Após queima em temperatura de sinterização, na qual começa a formação de fases vítreas, há a aquisição de propriedades físicas, mecânicas e químicas

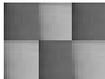
bastante favoráveis ao revestimento de fachadas.

As *pastilhas* ou mosaicos são peças de pequenas dimensões, máximo de 5x5 cm, utilizadas para revestimento de pisos e paredes - com um corpo de cerâmica branca - e vitrificadas neste último caso. Normalmente são coladas na face frontal de folhas de papel grosso, de modo a facilitar o manuseio e acelerar a instalação.

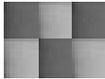
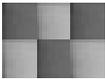
O *desempenho técnico* do material explica suas vantagens: proteção contra infiltrações externas, maior conforto térmico no interior das edificações, boa resistência às intempéries, proteção mecânica, facilidade de limpeza e longa vida útil. Além dessas vantagens, há o fator estético: se você procurar a posição adequada da luz verá que elas, também, brilham!

As *pastilhas*, muito utilizadas em São Caetano do Sul nos últimos cinqüentas e sessentas, foram produzidas por indústrias locais e acrescentaram colorido especial a muitas ruas da cidade. Utilizando tecnologia avançada para a época, que incluía alta temperatura de queima, até 1250°C, sua qualidade pode ser verificada observando-se as inúmeras fachadas da cidade, algumas com mais de 40 anos, em bom estado de conservação, servindo de referência visual para muitos moradores deste belo município.

(*) Ademir Fornazaro é engenheiro



Mosaico de lembranças



Até meados do século passado, a cerâmica era uma espécie de marca registrada da produção industrial de São Caetano do Sul. Na região, a arte de fabricar objetos a partir da argila remonta ao ano de 1730, época em que ocorreu a instalação da primeira olaria na então Fazenda Beneditina de São Caetano. Segundo consta, a atividade cerâmica iniciou, em tal fazenda, com a produção de tijolos e telhas, diversificando-se, ainda no século XVIII, através do fabrico de ladrilhos, lajotas e telhões para canalização de água. Há até documentos que comprovam a fabricação de louças na fazenda. Encerrada a participação dos monges beneditinos na história de São Caetano, entraram em cena os imigrantes italianos. Estes, valendo-se da abundância do barro de várzea na região, retomaram a atividade cerâmica. No final do século XIX, São Caetano já apresentava um número significativo de olarias. Com o decorrer dos anos, a produção cerâmica foi sendo incrementada, graças ao surgimento de técnicas e máquinas modernas. Aos poucos, as rústicas olarias foram, portanto, cedendo espaço às indústrias cerâmicas, que se difundiram, na cidade, ao longo da primeira metade do século passado. Convém destacar que a produção de tais indústrias encontrava-se dividida em quatro ramos distintos: estrutural

(tijolos e telhas), refratários, doméstico (louças) e revestimento (ladrilhos, azulejos e pastilhas). É este último ramo, mais precisamente a produção de pastilhas de porcelana, que constitui objeto deste artigo. Na cidade, a fabricação desse material, que é uma forma mais sofisticada de cerâmica, ficou a cargo das seguintes indústrias: Cerâmica Sul-Americana S/A, Indústria Paulista de Porcelana Argilex S/A e Revespiso Indústria e Comércio Ltda. Num anúncio publicitário publicado, em 1977, no *Álbum do Centenário (Anuário de São Caetano do Sul)*, foi encontrada uma referência à outra fábrica do gênero: a Creta Produtos Cerâmicos Ltda. Infelizmente, as informações sobre tal empresa são escassas, pois foram fornecidas apenas pelo anúncio em questão. Segundo ele, a Creta, que se localizava na avenida Senador Roberto Simonsen, 993, produzia pastilhas de porcelana foscas e esmaltadas e pisos vitrificadas. Além disso, oferecia também serviço de lavagem e recolagem de pastilhas. É importante que se faça também menção à Cerâmica Marinotti S/A, que, assim como as empresas citadas acima, atuou no ramo de revestimento, só que produzindo pastilhas de faiança. Mas o assunto do presente artigo são as pastilhas de porcelana. Através das informações concedidas por um ex-morador e



Crédito: Jornal de São Caetano. 03/08/1957. p.7

Anúncio da Cerâmica Sul-Americana S/A. Ano de 1957

dois moradores do município, informações estas relativas às indústrias Argilex e Revespiso, foi possível resgatar alguns episódios pertencentes à história da fabricação de pastilhas de porcelana na cidade. Apresentadas lado a lado, tais informações se completam, formando um mosaico de lembranças.

ARGILEX - A Indústria Paulista de Porcelana Argilex S/A foi fundada no dia 17 de setembro de 1935. Localizava-se na rua Guaicurus, 106. Conforme informou Walter Tasca, que trabalhou nessa fábrica entre 1948 e 1956 (primeiro na função de office-boy e, depois, na de chefe de escritório), a Argilex era uma filial da Companhia Cerâmica Brasileira (do Rio de Janeiro), primeira indústria do país a produzir porcelana para revestimento de paredes e pisos. Além de pastilhas de porcelana, a Argilex produzia também mosaicos de porcelana, ladrilhos de porcelana e de grés, isoladores de alta e de baixa tensão e bolas de porcelana.

Ressaltou também que, por volta dos quarentas do século XX, o emprego de pastilhas nas fachadas de casas e prédios começou a difundir-se, não só pelo seu valor estético, mas, principalmente, em decorrência de sua qualidade e durabilidade. Isso explica o fato de as construtoras e empreiteiras, de diversas regiões do Brasil, terem sido as maiores compradoras de pastilhas da Argilex.

Em São Caetano do Sul, o uso de pastilhas para fins de revestimento tornou-se bastante comum nos últimos cinquenta e sessenta. E isso se verificou, não só nas fachadas

de residências, mas também nas de edificações que se tornaram referência para a sociedade local, entre as quais o prédio atual da Escola Estadual Bartolomeu Bueno da Silva, inaugurado em julho de 1954. Além da fachada revestida por pastilhas, esse prédio apresenta, ainda, em sua lateral, um imponente painel de azulejos que traz a imagem do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhangüera). O trabalho de pintura dos azulejos foi feito por Jayme da Costa Patrão.

Em razão da grande aceitação do produto no mercado, a Argilex preocupou-se em diversificar sua produção, fabricando pastilhas em diferentes cores e tonalidades. Lembrou Walter Tasca que todas as opções oferecidas eram colocadas em placas, a fim de que o cliente pudesse apreciar e escolher o produto. Deixou claro, ainda, que todas as pastilhas produzidas pela fábrica possuíam um tamanho padrão, cerca de 2x2 cm.

Esse pequeno material fascinava as crianças da cidade. Maria Aparecida de Almeida Genga relatou que, durante sua infância, tinha o costume de dirigir-se até as proximidades da Argilex para pegar as pastilhas defeituosas que eram jogadas como entulho no fundo do terreno da fábrica. Participavam também da aventura os seus amigos Neusinha, Lurdinha, Leonel e Leonilda. Lembrou que retornavam para casa com sacolinhas lotadas de pastilhas, cujas cores variavam, indo do azul claro ao rosa claro. *Mas eram foscas.*

As pastilhas defeituosas podiam não ter serventia em termos comerciais e técnicos, mas nas mãos das crianças ganhavam utilidade diversa, conforme a criatividade e a imaginação de cada uma delas. *Com as pastilhas fazíamos casinhas, estradas (...).* Maria Aparecida de Almeida Genga disse que chegou a usá-las até em presépios.

A Indústria Paulista de Porcelana Argilex encerrou suas atividades em meados dos últimos setenta. Nessa época, as pastilhas começaram a perder espaço para materiais de revestimento à



base de argamassa e para novas concepções arquitetônicas e estéticas, que privilegiavam o concreto aparente.

REVESPISO - A família Kakumu escreveu uma das páginas que compõem a história da produção de pastilhas de porcelana em São Caetano. Essa família de origem japonesa iniciou sua jornada no Brasil no dia nove de outubro de 1930, data em que o casal Ryohei e Kimi Kakumu desembarcou em Santos com os filhos Kengo, Kinko e Shogo (então com dois anos de idade). Após o desembarque, a família foi encaminhada para o trabalho na lavoura numa fazenda situada nas redondezas do município paulista de Guarantã. Nessa fazenda, a família permaneceu até meados dos quarentas do século passado, ocasião em que Ryohei Kakumu resolveu partir com a esposa e os três filhos para São Caetano. Na cidade, a primeira residência da família ficava na esquina das ruas Castro Alves e Amazonas.

Vislumbrando novas oportunidades e

melhores condições de vida, Ryohei resolveu colocar em prática os conhecimentos que possuía em relação à produção de porcelana, conhecimentos estes adquiridos ainda em sua cidade natal (Seto, província de Aichi), uma região do Japão com ampla tradição na fabricação de artefatos de porcelana. A propósito, o chefe dos Toyodas (primeira família japonesa que se fixou em São Caetano) era proveniente da cidade em questão. Com o apoio da esposa e dos filhos, Ryohei instalou, então, na rua Amazonas, 1.680, a fábrica Irmãos Kakumu & Cia.. A especialidade dessa indústria era a produção de objetos domésticos de porcelana (branca e decorada), como xícaras, canecas, cinzeiros, vasos, adornos etc. Entre os principais clientes dos utensílios de porcelana branca estavam as empresas que pintavam e decoravam esse tipo de cerâmica. Entre as situadas na cidade podem ser citadas a de propriedade de Gerardo Pereira Otero (que continua trabalhando no ramo) e a que pertenceu a Jayme da Costa Patrão

Inauguração da chácara da família Kakumu, em 1955. Localizava-se no Km 18 da Via Anchieta (Riacho Grande). Ao centro, o casal Ryohei e Kimi Kakumu. Agachado, Shogo Kakumu

(Cerâmica Artística Da Costa). Por outro lado, a porcelana decorada era comprada por lojas de diferentes regiões do Estado de São Paulo.

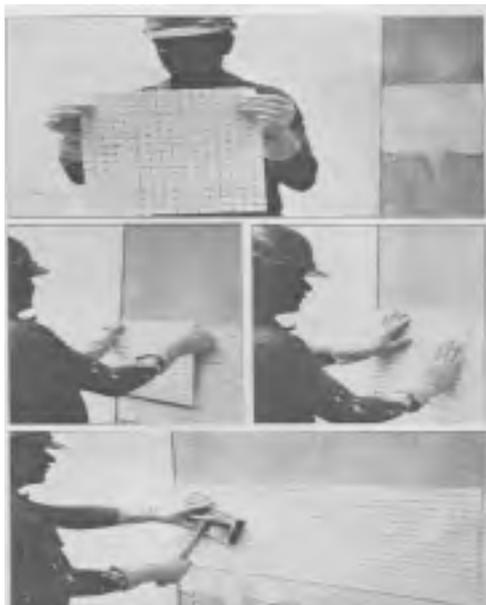
Em 1965, a família Kakumu mudou o direcionamento dos negócios. A empresa deixou de produzir artefatos domésticos de porcelana, partindo para o ramo de fabricação de pastilhas de porcelana esmaltadas para o revestimento de fachadas. Com a mudança de sua finalidade, a empresa teve a denominação alterada para Revespiso Indústria e Comércio Ltda.. Shogo Kakumu (que atuava na área de vendas já desde a época da Irmãos Kakumu & Cia.) salientou que a opção pelas pastilhas de porcelana foi motivada pela grande aceitação que esse material vinha tendo no mercado. Destacou que, em virtude de serem impermeáveis, apresentam grande resistência frente às intempéries, razão pela qual as construtoras passaram a preferi-las na hora de revestir as fachadas das edificações. *Em todo prédio eram colocadas pastilhas. A Construtora Braido comprava muita pastilha. E nós vendíamos, tanto no varejo como no atacado, para as construtoras as pastilhas (...). A durabilidade de uma pastilha é impressionante (...): é um material eterno para prédios (...)*, afirmou Shogo, que, ainda, descreveu, com detalhes, o processo então empregado para produzi-la. Conforme explicou, argila, caulim, dolomita, quartzo e feldspato eram colocados em grandes tambores de ferro para ser moídos com água, durante 36 horas. Após a moagem, a massa resultante era transportada para o filtro-prensa e, em seguida, colocada em secadores, o que propiciava sua transformação em pó. Este, por sua vez, era levado para as grandes prensas hidráulicas, de onde já saía com o formato de pastilha (embora as de tamanho 2x2 cm fossem as mais solicitadas, a Revespiso fabricava também pastilhas com medidas maiores e em formato sextavado). Assim que saía daquelas prensas, o material era pintado e pulverizado com esmalte, de acordo com a cor escolhida pelo cliente (entre as opções oferecidas pela empresa



Acesso: Shogo Kakumu

estavam as cores rosa, azul, vinho, amarela, verde etc). Em seguida, era colocado em caixas apropriadas. Estas eram levadas para o forno-túnel, que possuía 60 metros de comprimento e quatro maçaricos, ao centro, através dos quais o material era submetido a uma temperatura de 1.250 graus centígrados. Ao saírem do forno, as pastilhas eram encaminhadas às coladeiras, que se encarregavam de fixá-las em um papel apropriado. Esse setor da fábrica era comandado por Kinko Kakumu, irmã de Shogo. Concluída a colagem, o material ficava à disposição do cliente.

No tocante à colocação das pastilhas nas fachadas, Shogo Kakumu esclareceu que tal tarefa era executada por pastilheiros, profissionais qualificados contratados pelas construtoras. Para se ter uma idéia da importância dessa atividade, basta citar que o anuário *P&T 82/83 - Produtos e Técnicas* chegou a elaborar um manual destinado à formação de mão-de-obra qualificada na categoria de pastilheiro. Sob a colaboração e o patrocínio de algumas empresas produtoras de pastilhas, entre as quais a Cerâmica Sul-



Capa do Manual de *Treinamento Completo do Oficial Pastilheiro*. Foi elaborado pelo anuário P&T 82/83 - Produtos e Técnicas, mediante a colaboração e o patrocínio de algumas empresas produtoras de pastilhas

Estas imagens fazem parte do Manual de *Treinamento Completo do Oficial Pastilheiro*. Mostram algumas das etapas da colocação de pastilhas (coladas em papel perfurado) em paredes com acabamento áspero
Crédito: Manual de *Treinamento Completo do Oficial Pastilheiro* - Encarte especial do anuário P&T 82/83 - Produtos e Técnicas

Americana, que, na época, encontrava-se, ainda, em São Caetano do Sul, o referido manual apresentava, de forma minuciosa, as operações referentes a cada etapa ou tipo de empastilhamento, a fim de proporcionar ao aprendiz a compreensão dos detalhes e a aquisição da habilidade exigida pela profissão.

A Revespiso Indústria e Comércio Ltda. encerrou suas atividades nos oitentas do último século. Os filhos de Shogo Kakumu não deram prosseguimento à empresa, preferindo investir nos estudos. Em relação a esse assunto, afirmou, orgulhoso: (...) *Nós temos, em função disso, uma filha advogada e professora, uma filha médica, um filho engenheiro mecânico e outra filha dentista. Estão todos já com profissão definida (...).*

Além dos serviços prestados à cidade, na área industrial, Shogo Kakumu destacou-se também no meio social e político de São Caetano do Sul. Foi vereador durante a segunda gestão municipal de Oswaldo Samuel Massei (1969 - 1973) e um dos fundadores e presidentes do Rotary Club de São Caetano do Sul - Oeste. Em reconhecimento, a Câmara Municipal da cidade aprovou, em outubro deste ano, o projeto de lei referente à concessão do

título de cidadão sul-sancaetanense a Shogo Kakumu.

(*) *Cristina Toledo de Carvalho é graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

FONTES

CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul, 1937.

MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598 - 1871)*. São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CED1 - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988.

Isto é São Caetano do Sul. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1952.

Álbum do Centenário (Anuário de São Caetano do Sul). São Caetano do Sul: Editora 28 de Julho, 1977.

XAVIER, Sônia Maria Franco. "Arte, argila e cerâmica, raízes de nosso crescimento" in *Raízes* nº 24. Ano XII. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, dezembro/2001. "Entrevista com Paschoal Giardullo" in *Raízes* nº 24. Ano XII. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, dezembro/2001.

Depoimentos prestados por:

Maria Aparecida de Almeida Genga. 18/09/2006.

Shogo Kakumu. 18/09/2006.

Walter Tasca. 25/09/2006.

M emórias da Marinotti

Luiz Ricardo Marinotti, filho de Francisco e Nair Marinotti, trabalhou na Cerâmica Marinotti S/A do início dos oitentas ao começo dos noventas do século passado, época em que a indústria encerrou as atividades. O pai de Luiz Ricardo, Francisco, falecido em 1988, foi quem estabeleceu a empresa, no princípio dos últimos quarentas, junto com um sócio. A Marinotti localizou-se, inicialmente, em quarteirão hoje cercado pelas ruas Manoel Coelho, Rio Grande do Sul, Niterói e pela avenida Goiás. (Na realidade, a razão social do empreendimento, até 1943, era Saviolli & Marinotti Ltda., pois Francisco trabalhava em parceria com Alesemico Saviolli. Em 1943, desfez-se a sociedade, passando a organização a chamar-se F. Marinotti e Irmãos.) Em 1957, mudou-se para a rua Justino Paixão, no bairro Mauá, assumindo o nome de Cerâmica Marinotti S/A.

No tempo das primeiras instalações não

se produziram pastilhas. O forte da empresa eram os bibelôs e enfeites de cerâmica. A produção de pastilhas teve início somente no novo endereço. Luiz Ricardo, que entre 1983 e 1984 começou a trabalhar na indústria do pai, participou da fase de produção de pastilhas (e de outros produtos) e com elas lidou diretamente. Suas funções, primordialmente executivas, pautavam-se pelos contatos comerciais, mas nem por isso deixou Luiz Ricardo de conhecer o processo técnico da confecção de pastilhas. É justamente a história comercial e técnica da Cerâmica Marinotti S/A, no que diz respeito à produção de pastilhas, o conteúdo principal desta entrevista de *Raízes* com o filho de Francisco Marinotti.

PRODUÇÃO - *Olha, a Cerâmica Marinotti começou na primeira metade dos quarentas. Ela ficava nesse quarteirão entre o que hoje é a Goiás, a Manoel Coelho, a Rio Grande do Sul e a Niterói. Ela ficou aí de 1942 ou 1943 até o*

Crédito: Guia de São Caetano. Ano de 1967. p.34



Anúncio da Cerâmica Marinotti S.A. Ano de 1967

começo dos sessentas. Nessa localização ela não produzia pastilhas. Produzia bibelôs, enfeites de cerâmica etc. Ela deve ter começado a fazer pastilhas lá na rua Justino Paixão ... Pastilhas de revestimento ... E fez até o começo dos noventas ... Até 1990/1991, quando a gente encerrou a empresa (...). O meu pai faleceu em 1988, e, logo depois disso, a gente encerrou a empresa. Nesse entretempo eu sei que fizemos tanto pastilhas foscas como pastilhas esmaltadas. Também fizemos pastilhas de vidro, que queimavam numa temperatura mais alta (...). E fomos seguindo as tendências da época: tamanho, formato, tudo isso aí (...). De uma forma geral, vendíamos para muitos lugares, não só para São Caetano. Por exemplo, vendia-se muita pastilha para o litoral. Por causa do clima no litoral, o pessoal gosta mais de pastilha do que de tinta. Para Santos vendemos muito. Para a Praia Grande vendemos muito ... Teve uma época, inclusive, que também vendemos muito para o Paraná. É que nós fomos procurados por um representante de vendas de Curitiba, fizemos contrato com ele e conseguimos vender bastante para lá ... Para o Rio de Janeiro também se vendia pastilha. Mas para lá não era tanto, porque no Rio sempre teve fábrica de pastilha ... Além disso, para o interior de São Paulo também vendemos muito (...). Foram quase 50 anos de trabalho em São Caetano, desde 1942/43 até 1990/91, quando encerrou. Teve só uma mudança, aquela que eu falei, por volta de 1960 ... Eu entrei lá por volta de 1983/84 e fiquei até o

fim (...). Sei que no começo,
bem no começo,
quando

meu pai estava iniciando, também o meu tio Ângelo, irmão dele, tinha uma indústria de cerâmica ... Mas era em Ribeirão Pires ... Também fazia bibelôs e enfeites (...). A nossa empresa, aqui em São Caetano, sempre foi familiar. Os nossos parentes trabalharam lá, em diversas funções ... Até que, já nos oitentas, a gente montou um setor de cerâmica técnica paralelo à parte de pastilhas. Fazíamos refratários ... Isso porque o mercado de pastilhas já tinha ficado difícil para a gente, em função do crescimento dos concorrentes. Éramos uma pequena indústria familiar, por isso acabamos perdendo competitividade. Mesmo assim, tivemos um relativo sucesso nesse setor de cerâmica técnica. Mas, no início dos noventas, quando fechamos as pastilhas, fechamos também essa parte de cerâmica técnica. (...) Os concorrentes eram muito grandes. A própria Sul-Americana, que depois foi para o interior. A Atlas, em Tambaú. A NGK, em Mogi das Cruzes. A Jatobá, também no interior de São Paulo. Essas eram as principais concorrentes e quase as únicas, pois pastilha não era muita gente que fazia. Azulejo, sim, tem muito, mas pastilha tem pouco (...). Porque, não sei se você sabe, não necessariamente quem faz azulejo também faz

Francisco Marinotti.
Aproximadamente 1980



Francisco Marinotti, o fundador

Filho de imigrantes italianos, Francisco Marinotti, nascido em São Caetano do Sul, no ano de 1912, fundou a Cerâmica Marinotti no início dos últimos quarentas, permanecendo à testa dos negócios até 1988, ano de seu falecimento. Pouco tempo depois de sua morte, a indústria encerrou as atividades.

Antes de abrir o próprio negócio, Francisco Marinotti trabalhou em empresas como Pregos Sant'Ana Ltda., Light e General Motors. Paralelamente, foi jogador semiprofissional de futebol. Em 1930, estreou no São Caetano Esporte Clube (SCEC). Em seguida, transferiu-se para o Palestra Itália, time em que jogou por dois anos. Na seqüência, passou por Ypiranga, Juventus e Guarani - este último da cidade de Campinas. No final de 1945, encerrou a carreira em seu clube de coração, o SCEC. *Ele jogou com muito amor no antigo São Caetano, o clube*, afirmou Luiz Ricardo Marinotti.

Quando parou de jogar, Francisco Marinotti, já tocando sua empresa cerâmica, tornou-se técnico de futebol. *Ele foi técnico do São Caetano, na época do Walter [Walter Marciano de Queiroz]. Aquele Walter que jogou na seleção brasileira e morreu na Espanha.*

De acordo com Narciso Ferrari (*Raízes* 15, págs. 59-62), Francisco Marinotti comandou, durante parte do ano de 1948, a equipe do São Caetano Esporte Clube que disputou a segunda divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF). Naquela época, Marinotti, ex-colega de classe de Osvaldo Brandão, Aimoré Moreira e Vicente Feola, havia acabado de se formar técnico de futebol pela FPF. Não só trabalhou de graça para o SCEC, mas também chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para ajudar o clube em sua campanha pelo interior. Voltou a comandar o time do SCEC em 1949, 1950 e 1953. Foi na equipe de 1950, considerada por muitos a melhor jamais montada pelo SCEC, que brilhou o meia Walter Marciano de Queiroz.

pastilha. A Eliane, por exemplo, na época em que a gente funcionava, fazia azulejos e pisos, mas não fazia pastilhas (...).

PASTILHAS - *Pelo menos na época em que eu trabalhei na Marinotti nós fazíamos pastilhas com uma massa ... Talvez a gente possa falar que era algum tipo de faiança ... Então, era uma pastilha queimada numa temperatura mais baixa do que a temperatura das pastilhas de porcelana ... Agora, pastilha, pelo que eu conheço, começou com o tamanho de 2x2 cm. Aquela pastilha quadradinha, profissional. Teve alguns períodos que o pessoal mudou muito. Começou a fazer formato sextavado, com relevos. Isso aí a gente chegou a fazer também ... A Sul-Americana eu lembro que fez muito.(...) E, no fim, quando a gente parou, no fim dos oitentas e começo dos noventas, as pastilhas estavam voltando com força ... Estavam voltando à moda ... Teve um período antes disso que ela ficou meio fora de moda ... Antiquada. Depois, no fim dos oitentas, por aí, ela voltou com força e continua assim até hoje. Mas agora já são formatos maiores: 4x4 cm, 5x5 cm e até 7,5x7,5 cm, se você quiser chamar isso de pastilha ... E também agora já são usados uns esmaltes diferentes, metalizados, com cores mais modernas ... Uma série de inovações estéticas ... Com essas novidades a gente trabalhou só um pouco, pois logo depois que elas começaram a surgir nós fechamos. (...) O que eu posso te falar da produção das pastilhas, portanto, é da época em que eu estava na ativa, há uns 15 ou 20 anos ... Bom, o processo de pastilha sempre me pareceu um processo que exigia mais mão-de-obra que o de piso e azulejo. E exigia, também, uma tecnologia diferente. Pastilha é um negócio muito específico, com seus segredinhos ... E, talvez, por não ser um mercado tão grande como o de pisos e azulejos, as indústrias de grande porte acabavam por deixar as pastilhas de lado e partiam para a produção bem mais rentável de pisos e azulejos. É que todo mundo põe piso e azulejo em casa, mas a pastilha já é mais uma questão de gosto, de estética. (...) A pastilha, de um modo geral, não se*

As pastilhas na opinião de dois moradores da cidade

Gerardo
Pereira
Otero



Crédito: Fundação Pro-Memória

Raízes percorreu as ruas da cidade em busca de casas revestidas de pastilhas. Munida de lista de endereços fornecida pelo engenheiro Ademir Fornazaro, que, em suas andanças, verificou a existência de diversas residências cobertas, total ou parcialmente, com pastilhas, a equipe da revista entrevistou dois moradores locais no intuito de descobrir o que levou cada um deles a optar pelas pastilhas como material de revestimento.

Gerardo Pereira Otero, morador da rua São Paulo, revestiu de pastilhas toda a fachada de sua casa. *Fiz isso em 1966. Comprei na Sul-Americana (...). Existiam uns dois ou três irmãos em São Caetano que se dedicavam a colocar pastilhas (...). Então já faz 40 anos que tenho estas pastilhas. Como você pode ver, elas são muito duráveis. Além disso, é fácil de limpar: basta jogar um pouco de água e sabão.* Especialista no ramo de pintura em cerâmica, Gerardo tem bom conhecimento técnico a respeito da confecção de pastilhas. *Antigamente, a pastilha era feita com argila, caulim, feldspato e quartzo. Era uma massa moída. Depois secavam e ela virava um tipo de pó. Essa massa era prensada. Em seguida, num encaixe, colocavam as pastilhas, uma por uma, para fazer os desenhos (...). Existem uns pigmentos, uns esmaltes coloridos, usados sobre as pastilhas (...). A pastilha é queimada em esteiras num forno com mais ou menos 1200°C.*

Maria Gildete Boscolo, esposa de Pedro Boscolo e moradora da rua Teodoro Sampaio, também possui a casa revestida - apenas parcialmente - de pastilhas. *Eu não tenho nada contra as pastilhas, não! Acho que é uma coisa para a gente conservar. É bom conservar as coisas. Eu acho que tudo que é antigo a gente tem de preservar. Além disso, é bem fácil de limpar. Mais fácil do que [limpar] uma parede normal. Você passa uma vassoura com sabão e elas ficam limpinhas! Sai toda a sujeira!*

Crédito: Fundação Pro-Memória



Fachada da casa
de Maria Gildete
Boscolo

destina somente ao revestimento: há pessoas que utilizam a pastilha como piso. Servem para piso tanto as pastilhas foscas e esmaltadas como as de vidro, se bem que essas de vidro têm o inconveniente de escorregar mais ... Essa pastilha de vidro, aliás, é um tipo de vidro pigmentado. Nós chegamos a produzir, na Marinotti, pastilhas de vidro moído, mas por muito pouco tempo. (...) Quanto à venda de pastilhas, o negócio era o seguinte: a Marinotti vendia as pastilhas ou para a construtora ou para a pessoa física que vinha nos procurar. Mas vendia como? Primeiro, colocava a pastilha num tabuleiro, formando uma plaquinha de mais ou menos 40x80 cm. Depois, colava-se um papel na parte externa da pastilha, na parte que iria ficar à vista. E assim eram vendidas as pastilhas, em placas desse tipo. Havia caixas com determinado número dessas placas ... Aí ou a construtora ou a pessoa que adquiria a pastilha é que buscava alguém para colocar a pastilha. A Marinotti - e, que eu saiba, também todas as outras empresas - não mantinha vínculo empregatício com essas pessoas ... Os homens que colocavam as pastilhas eram chamados de pastilheiros ... O nosso pessoal de vendas é que conhecia bem esses pastilheiros ... Às vezes, quando o comprador da pastilha não conhecia ele mesmo um pastilheiro, o pessoal de vendas indicava para esse comprador algum pastilheiro.

COLOCAÇÃO - Bom, voltando à confecção das pastilhas, embora eu não seja um técnico, posso dizer que a durabilidade da pastilha está certamente ligada à qualidade da massa e do esmalte usado - isso no caso da pastilha esmaltada. É preciso que o esmalte seja compatível com a massa que vai por baixo da pastilha, caso contrário você não consegue uma boa aderência. O bom esmalte evita as trincas, as gretas e o descolamento da massa ... No caso das pastilhas foscas, a qualidade da massa é o elemento primordial. A massa deve ser capaz de resistir à intempérie ... Ao ataque do tempo, da poluição ... É uma questão realmente de

qualidade do material utilizado. (...) Olha, quando há o descolamento da pastilha, isso ocorre por dois motivos: má qualidade do material ou má colocação da pastilha. Eu já vi os dois casos. No caso do material, isso acontecia muito com as pastilhas de porcelana e com as pastilhas de vidro ... Era uma massa muito porosa ... Então, dependendo do produto que você usava ou do modo como se aplicava a massa, a pastilha acabava descolando. No caso da má colocação, o problema em geral ou estava no preparo errado da massa de fixação ou na própria fixação inadequada da pastilha. (...) Como eu disse, as pastilhas vinham numa placa, e essa placa era colocada inteira na parede, com o papel colado do lado de fora das pastilhas. A placa era fixada por essa massa de fixação ... Existiam algumas no mercado. Assim como existem massas para a colocação de azulejos e pisos, também existem massas para a colocação de pastilhas. Mas é uma massa diferente da de azulejos e pisos. E, depois de essa massa já ter fixado as pastilhas, o pessoal arrancava o papel, fazia o "rejunte" ... Porque daí você tinha as pastilhas, fixadas por trás, mas entre elas ficava um vãozinho ... Então você tinha de "rejuntar" ... Você enchia de massa esse vãozinho ... Preenchia como você preenche uma parede de azulejos ... E, depois, era feita uma limpeza, com ácidos ou alguma coisa desse tipo, para tirar o resto do papel que ficava na frente da pastilha. Então, é um processo bastante trabalhoso (...). Agora, na época em que a gente estava parando com a Cerâmica, eu lembro que estava entrando uma nova maneira de fixar as pastilhas. Essa nova maneira era através de pontos de cola ... Só pontos de cola ... Era uma coisa muito mais prática. Você unia as pastilhas, por trás, com pontos de cola. Aí você vinha com aquela placa, colocava na parede, a massa atrás, e depois "rejuntava" ... Na época em que nós paramos, esse era o processo mais moderno.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista



A arte dos azulejos

A cerâmica é um material largamente utilizado para a fabricação de diversos itens da construção civil e do nosso cotidiano. Nos primórdios das civilizações, a cerâmica foi inicialmente empregada para a construção de moradias (através do adobe¹) e de artefatos de uso doméstico. Ao longo dos tempos, esse material foi alcançando participação cada vez maior na sociedade, tomando-se um produto indispensável na cultura contemporânea, pois é

empregado em vários segmentos de acordo com suas características e funções, obtidas em razão das propriedades técnicas e físicas, da temperatura de queima e da aplicação de materiais inorgânicos em sua composição básica de argila.

Entre os principais produtos cerâmicos, podemos basicamente destacar os derivados da argila, rica em óxido de ferro, elemento que proporciona coloração avermelhada a tijolos,

Detalhe do painel de Wash Rodrigues, elaborado para o Rancho da Maioridade (Caminho do Mar), projeto de Victor Dubugras

¹ O adobe é um bloco secado ao sol, constituído pela mistura de barro, água e algum tipo de fibra vegetal.



Crédito: Livro *Azulejaria Contemporânea no Brasil*, vol. I, 1988, de Frederico Moraes

Rancho da Maioridade
(Caminho do Mar)

telhas, ladrilhos e blocos cerâmicos. Alguns desses produtos, como telhas e ladrilhos, são ainda confeccionados com uma massa de argila mais fina e homogênea, resultando em materiais vitrificados e impermeáveis. Já as pastilhas cerâmicas (tema do dossiê desta revista), os azulejos e as louças são constituídos basicamente por caulim (argila pura, de coloração branca) e cozidos em alta temperatura, o que resulta num alto grau de vitrificação. Além desses, existem também as cerâmicas refratárias, ricas em silicatos de alumínio, ideais para suportar altas temperaturas.

Esta pequena apresentação sobre a cerâmica serve para mostrar a variedade de derivados e aplicações que esse material oferece. Entretanto, o foco deste artigo não é tão abrangente assim e não pretende abarcar todos esses produtos, mas apenas apresentar um pouco da história do azulejo, material que desempenhou papel relevante na história da técnica, arte e arquitetura e foi precursor dos atuais materiais de revestimento cerâmico de fachadas.

Na arquitetura contemporânea é

comum o uso de cerâmica para o revestimento interno e externo, decoração de ambientes e instalação de painéis artísticos, de azulejos, ladrilhos ou pastilhas. Tais formas de revestimento e aplicações, que emprestam arte, beleza e *status* à arquitetura, em função da diversidade de tamanho, cor, forma, textura e ornamentos, vêm sendo empregadas há vários séculos em diversas culturas ocidentais e orientais. Difundida pelo mundo árabe desde o século IX, a arte de revestimento com azulejos alcançou projeções ultramarinas, propagando-se no ocidente a partir do século XV. Aliás, a palavra azulejo é de origem árabe e *designa peça de cerâmica vitrificada e/ou esmaltada usada, sobretudo, no revestimento de paredes*². Nos países da Península Ibérica, a cultura de revestimento com azulejo ganhou apreço especial *na decoração interior e exterior das residências, igrejas e palácios*³. Mas foi em Portugal que a arte da azulejaria fundiu-se à cultura popular e desempenhou papel fundamental na formação de seus espaços arquitetônicos. Comenta Robert Smith, historiador norte-americano, que em Portugal o azulejo é *uma forma de decoração verdadeiramente nacional*⁴.

Em Portugal, a primeira técnica de fabricação de azulejo que se propagou na cidade de Lisboa e regiões vizinhas foi a do azulejo mudéjar ou hispano-mourisco. Produzido com uma massa homogênea, o vidrado era obtido numa segunda cozedura através do recobrimento com óxidos metálicos que permitiam as variações cromáticas. Essa foi apenas uma das técnicas de produção e de decoração dos azulejos que predominaram em várias regiões até se alcançar a produção em escala totalmente industrial. Além dessa havia também a técnica majólica, oriunda da Itália (século XVI), e as técnicas semi-industriais, cuja decoração (ou desenho) das peças era obtida por estampagem. Em paralelo à evolução técnica dos azulejos, a História também registrou a

2 AZULEJO. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em:

<<http://www.itaucultural.org.br/enciclopedia>>. Acesso em: 30 out. 2006.

3 Idem.

4 MORAIS, Frederico. *Azulejaria contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Publicações e Comunicações Ltda, 1988, vol. I, p.10.

variedade de formas de aplicação e de revestimento, sendo que algumas delas ainda são utilizadas para a fabricação de louças domésticas e de painéis artísticos.

O século XVI assiste à fabricação em escala comercial do azulejo, o que contribui para o barateamento e ampliação de seu uso. No século seguinte, generaliza-se o azulejo “de padronagem” ou de “tapete” (próximo, em efeito, dos tecidos ornamentais), ainda mais econômico e de fácil execução. Com o auge da azulejaria portuguesa no século XVIII, o “azulejo historiado” passa a substituir as grandes tapeçarias; diferenciando-se da azulejaria de padronagem pelos motivos figurados e pelas narrativas que propõem”⁵.

Quando aportou no Brasil colonial, o azulejo foi um material bem aceito, pois as suas propriedades técnicas garantiam boas condições térmicas às edificações (impermeabilidade e refração de raios solares). Em razão de sua beleza estética (proporcionada pela variedade de tamanho, cor e decoração) e de suas propriedades técnicas, os azulejos foram saindo do interior para ocupar também as fachadas. Comenta Toledo que a arte da azulejaria *não se conteve nos interiores (...). Ganhou os alçados principais dos edifícios e não ficou restrita às edificações religiosas*⁶. João Miguel dos Santos, historiador português, explica que *é precisamente no Brasil e ainda no século XVIII, que o azulejo sai dos interiores e vai revestir fachadas (...), um curioso fenômeno de inversão de influências, extraordinário exemplo de comunhão cultural*⁷. No século XIX, esse material passou a ser intensamente comercializado, principalmente nas cidades litorâneas, onde foi largamente empregado, como por exemplo na cidade de São Luís do Maranhão, cujas edificações revestidas com azulejos fizeram a cidade passar à história com a denominação de “Cidade dos Azulejos”⁸.

Além de ser aplicado como



Crédito: Livro *Azulejaria Contemporânea no Brasil*, vol. 1, 1988, de Frederico Moraes

revestimento externo, garantindo condições térmicas ideais e fácil manutenção, é inegável o seu emprego na valorização estética e arquitetônica de fachadas e na fabricação de artefatos artísticos, como por exemplo os azulejos que revestem os pousos e os monumentos do Caminho do Mar (Estrada Velha de Santos), projetados por Victor Dubugras (1868-1933), no início dos últimos vinte. Nascido na França, Dubugras estudou arquitetura na Argentina. Em 1891, transferiu-se para a cidade de São Paulo, onde projetou residências e obras públicas, imprimindo na paisagem sua marca original e renovadora que anteciparia várias características da linguagem moderna, mesmo adotando o estilo corrente da época, o neocolonial, movimento arquitetônico iniciado em São Paulo pelo engenheiro português Ricardo Severo (1869-1940), cuja *orientação nacionalista (...)* se explicita, entre outros aspectos, na defesa das manifestações artísticas tradicionais como expressões da nacionalidade e como elementos de constituição de uma arquitetura brasileira. Por meio do rastreamento das origens portuguesas da cultura brasileira, Severo defende o estudo da arte colonial para a

Pouso de Paranapiacaba, (Caminho do Mar), projeto de Victor Dubugras, e painel de Wasth Rodrigues.

⁵ AZULEJO. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. São Paulo: Itaú Cultural, 2006.

⁶ TOLEDO, Benedito Lima. “O azulejo: permanência e inovação”. In: AZULEJOS na cultura luso-brasileira. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997, p.86.

⁷ Apud MORAES, 1988, vol. 1, p.10.

⁸ TOLEDO, 1997, p.88.

“perfeita cristalização da nacionalidade”⁹.

Buscando características das expressões nacionais, Dubugras destacou-se quanto ao uso de azulejos em várias obras que projetou, inclusive nas do Caminho do Mar (Pouso de Paranapiacaba, Cruzeiro Quinhentista, Rancho da Maioridade, Padrão Lorena) e na reurbanização do Largo da Memória (cidade de São Paulo), encomendadas pelo presidente Washington Luiz. Para desenhar os painéis e os padrões de azulejos presentes nessas obras, Dubugras convidou o artista José Wash Rodrigues (1891-1957), que elaborou, usando como tema os tropeiros, “painéis historiados”, em nuances azuis:

Nesses trabalhos, mais que o enquadramento em um movimento arquitetônico, é preciso ter-se em mente virtudes arquitetônicas essenciais, como a implantação, o respeito à paisagem, a adequação dos materiais ao programa e ao meio onde a obra é erigida. E, nisso, a obra de Victor Dubugras tem qualidades excepcionais e, sem dúvida, a arte da azulejaria teve destacado papel¹⁰.

que serviria magnificamente como suporte a novas expressões plásticas¹¹. O edifício do Ministério da Educação e Cultura é um dos marcos mais representativos da arquitetura moderna e da retomada do uso de azulejo. Esse material foi empregado em painéis de autoria de Paulo Rossi Osir e de Cândido Portinari, todos executados pela Osiarte, fundada em 1940, por Rossi Osir. Contudo, deve-se aos arquitetos modernistas o retorno da arte da azulejaria, empregada nas propostas arquitetônicas dos edifícios por eles projetados. Comenta Frederico Morais:

Boa parte da azulejaria contemporânea brasileira foi resolvida em termos de painéis figurativos realizados por Portinari, Burle Marx, Paulo Rossi Osir, Poty, Djanira, Anísio Medeiros, Jenner Augusto, Abelardo da Hora e Corbiniano Lins. Uma segunda vertente ocupou grandes espaços, combinando elementos figurativos autônomos (Carybé) ou módulos geométricos estruturados segundo esquemas

⁹ NEOCOLONIAL. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/enciclopedia>>. Acesso em: 30 out. 2006.

¹⁰ TOLEDO, 1997, p.91.

¹¹ MORAIS, 1988, vol. 1, p.13

Crédito: Fundação Pró-Memória

Na arquitetura moderna, o azulejo também foi largamente utilizado, pois (...) além de

Vista do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva (São Caetano do Sul-SP) e do painel Anhangüera (na lateral), de Jayme da Costa Patrão, desenvolvido em 1954. Ano de 1968

funcional, era também um material nobre



Crédito: Fundação Pró-Memória

prévios (Athos Bulcão). (...) Mas há uma terceira, que retoma a tradição portuguesa da azulejaria de tapete, caracterizada pela ocupação integral da fachada do edifício ou de suas paredes internas. Esta última vertente, a dos muros ou fachadas azulejadas, atende melhor ao espírito criativo dos arquitetos, os quais, diferentemente dos artistas plásticos, não querem usar os azulejos para compor “quadros”¹².

A partir dessa terceira vertente, tornou-se comum a verificação na paisagem urbana, de fachadas inteiramente revestidas com materiais cerâmicos, inclusive pastilha cerâmica, elemento que se constituiu como uma opção a mais dentro do segmento cerâmico e dominou a arquitetura a partir da segunda metade do século XX, pois também apresentava funcionalidade e variedade cromática.

De fato, pode-se dizer que o revestimento de pastilha tem sua origem associada à evolução técnica, funcional e artística do azulejo. Entretanto, isso não significa que a pastilha suplantou as técnicas anteriores de produção de painéis artísticos figurativos ou geométricos. Mas essas técnicas coexistiram paralelamente à própria evolução dos produtos cerâmicos e à arte de sua aplicação, representando opções ainda aplicadas à arquitetura contemporânea, pois grande é o número de artistas e artesãos que vêm produzindo painéis com essas técnicas.

Um desses artistas, que trabalhou vários anos com produtos cerâmicos, em São Caetano do Sul, foi o Jayme da Costa Patrão (1917-2004), proprietário da Cerâmica Artística Da Costa, fundada em 1950. Inicialmente, a empresa atuou na elaboração de trabalhos de pintura e decoração de peças cerâmicas e posteriormente na fabricação das próprias peças¹³. Dentre a vasta produção de trabalhos desenvolvida por Jayme Patrão, destaca-se o painel historiado *Anhangüera*, formado de azulejo, em homenagem a este bandeirante, executado para



Crédito: Fundação Pró-Memória

o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, em 1954, durante a administração do prefeito Anacleto Campanella.

Contudo, o que se percebe é que o azulejo e os produtos cerâmicos em geral conseguiram atingir posição de destaque na sociedade contemporânea e continuam sendo utilizados em vários setores, provando que a arte da azulejaria e dos produtos cerâmicos está longe de ser considerada ultrapassada, pois cada vez mais participa de nosso cotidiano urbano e social.

() André Luis Balsante Caram é arquiteto e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Detalhe do Painel Anhangüera. Foto de Antônio Reginaldo Canhoni, 2006

¹² MORAIS, Frederico. *Azulejaria contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Publicações e Comunicações Ltda, 1990, vol. II, p. 88.

¹³ XAVIER, Sônia Maria Franco. "Arte, argila e cerâmica, raízes de nosso crescimento". In: *Raízes*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de SCS, Ano XII, n. 24, p.26.

Arte em pastilhas no cotidiano familiar

Quando se avizinha o Natal, percorro certos bairros sancaetanenses à noite, olhos ávidos para os telhados e frontispícios, em busca das *miríades de luzinhas* imitando figuras do distante norte europeu: renas, trenós, a figura alegre e feliz de Papai Noel ou lembranças da sagrada família em torno da manjedoura, onde repousou o Deus Menino, na bíblica Belém, figura central da nossa fé cristã. Além dessas, podem surgir pinheiros (o *tannenbaum*) e outros motivos natalinos de contornos luminosos. A profusão de desenhos piscantes encanta o catador de ilusões e cria o clima da vigília natalina que, em nossa infância, só existia em sonhos mesmo. É lindo, sim, mas não dura. São imagens repetitivas e efêmeras. Permanecem algumas noites, augurando o Natal e a virada do ano. Alcançadas as festas que fecham um e abrem outro ano, elas se vão com a Epifania. Delicioso mesmo é esperar por elas. E só. É quase como acompanhar a leveza do vôo de uma pluma de pássaro, tocada pela brisa. Em segundos, a imagem paradisíaca se esvai, desaparece de nossa mente. Nada mais ajuda a lembrá-la. Nem pensamos mais nisso. O que é efêmero, volatiliza-se.

Mas, há imagens que queremos rever e não nos cansamos de admirar e de nelas sempre encontrar novidades, reveladas somente ao olhar mais cuidadoso. Enfim, é bom sentir e respirar aquela ponta de arte, originária do cotidiano do povo. Pequenas obras de arte que, muitas vezes,

nascem como simples idéia no coração das famílias, e os donos da casa criam-nas com seus construtores e as expõem para sempre em paredes externas, escadarias, frontispícios etc. E, aqui sim, se é arte, o encanto que nos transmite pode durar mais do que nós mesmos, porque *Ars longa, vita brevis!*: *A arte é duradoura, a vida é efêmera*, já diziam os romanos. Inspiradas nos gregos, as elites romanas cultivavam painéis artísticos em suas vivendas.

Estou falando de uma arte cotidiana que embeleza fachadas e paredes há muito tempo, especialmente aqui em nossa cidade, e que a azáfama da vida diária - ou a perda do hábito de observar - impõe-nos uma cegueira burra que nos impede de percebê-las, senti-las e descobrir ali nuances de beleza, expostas com um capricho único, ostentando permanentemente a graça e a leveza de uma pluma em vôo, ou com aquele toque delicioso que nos transmite a alegria interior e contagiante de uma festa universal. É sem dúvida arte e arte que dura e mostra a cara sorridente e alegre da cidade e que surge da pequena contribuição de cada um - *pastilha por pastilha* - dos moradores para formar os belos conjuntos existentes em alguns bairros de São Caetano. Em nenhum outro município do ABC é possível rastrear trilhas de pastilhas como as que aqui ainda podemos admirar.

Refiro-me, pois, à arte cotidiana popular, criativa, sensível, que fez o fastígio de uma época

nos cinqüentas e sessentas do século passado, cultivada com esmero e arte pelo aplicativo de pastilhas em paredes, frontispícios, beirais e até em escadaria externa de residências ou no exterior de conjuntos de pequenos sobrados, em prédios de apartamentos ou edifícios de entidades diversas espalhados pela cidade, exibindo, como um sorriso, um estado de graça interior, seus desenhos e composições artísticas. Provavelmente, tais manifestações são formas da verdadeira dimensão de amor à cidade, ostentadas pelos seus moradores. Creio mesmo tratar-se de uma história de amor à cidade, tendo como ingredientes intrínsecos nesses pequenos componentes - as pastilhas - todo um passado de momentos de dor, de sofrimento, transformados finalmente em euforia de vitória e conquista, após o clássico episódio da autonomia, em outubro de 1948. Nessas imagens vejo, sem receio de exagero, a alegria contida e discreta, de modo implícito e literal, pela autonomia que, em 2008, completará 60 anos. Foi exatamente após esse marco histórico de São Caetano que essa arte popular manifestou-se e ganhou adeptos, espalhando sua alegria, estampada nas composições de pastilhas em fachadas, paredes, terraços, ao longo das diversas trilhas ramificadas por *contágio* entre os moradores circunvizinhos.

O simpático edifício do antigo Clube Teuto, fundado em 26 de agosto de 1929, por imigrantes alemães, (atual União Cultural de São Caetano do Sul), ali na rua Piauí, no bairro Santa Paula, sustenta há anos aquela vistosa arte simples em pastilhas verdes. O majestoso edifício do Hospital Beneficência Portuguesa é outro exemplo típico que insiste em mostrar e manter sua arte com esse tipo de revestimento. Aquelas duas residências em sobradinhos geminados, na alameda João Galego, no bairro Santa Maria, exibem um revestimento marcante, enquanto o ramado marrom, no alto da fachada do sobrado da direita, tem um toque de arte antiga. Os quatro sobradinhos geminados da rua Tapajós,

próximos da alameda São Caetano, alardeiam o encanto de sua fachada como uma agradável arte panorâmica em azul e sépia. Aquele belo sobrado do Nova Gerty, no coração da revitalizada Visconde de Inhaúma, exhibe em sua fachada uma notável composição artística, em castanho escuro sobre fundo branco. Impressionaram-nos, também, alguns painéis, de pinturas em pequenos azulejos, um dos quais de muito bom gosto, em casa do conhecido artista, Otero, no bairro Cerâmica.

Aliás, Gerardo Otero está, há muitos anos, ligado à arte em louças, faianças e porcelanas que podem ser resumidas como a quintessência, originada de São Caetano, ao longo de sua história, desde o incipiente trabalho oleiro, iniciado pelos monges beneditinos, até a produção industrial das pastilhas de porcelana das cerâmicas Argilex, Gaspari, Marinotti, I.C. Sul-Americana, Kakumu, que marcaram época, ou o popular grés, porcelana grosseira (composta de caulim, feldspato e calcita), passando necessariamente pela multiplicidade dos artefatos pesados ou mais refinados, das olarias dos imigrantes italianos, até alcançar as renomadas cerâmicas, onde pontificou a inesquecível Cerâmica São Caetano, que, embora extinta, tornou-se um ícone histórico e emblemático do município.

Enfim, embora não percebamos, essa é uma arte fina, delicada, nascida daqueles barreiros de taguá, a partir de meros tijolos, telhas, louças e outros artesanatos mais elaborados, até evoluírem em pastilhas, sejam as porosas de cerâmica, aplicadas com gosto e arte, originadas, ainda, do barro taguá em suas cores naturais (vermelho e amarelo) ou em preto, composto quimicamente, tudo isso produzido pela Cerâmica São Caetano, sejam, ainda, outros aplicativos de arte, mais modernos, agora de volta, nas construções mais recentes, com melhor exploração de motivos artísticos. Ou seja, é argila oriunda das entranhas da terra do Tijuçu para ornamentar com arte as paredes e frontispícios

da moderna São Caetano, após a metamorfose industrial do taguá em pastilhas. Original e muito autêntico, não acham?

Assim é que, acostumados a entrar e a sair de prédios diversos como o da Sociedade Teuto ou o do Hospital Beneficência Portuguesa, em noites de lançamentos de livros ou de outros eventos, no primeiro, ou de visitas, no segundo, nenhum de nós presta atenção ao pormenor, rendilhado, verde do revestimento externo de ambos. Quem pensaria nisso? E, alguém que note, poderia até negar a existência de arte, tachando o revestimento de um e outro de *velharia fora de moda*.

É bem verdade que, há cerca de 20 anos, talvez, chegou a existir alguma cafonice aberrante, pelo emprego ridículo das pastilhas, o que decretou uma retração no uso, e o modismo habitual passou a ser evitado. Mas, na última década do século XX, houve uma interessante revitalização no uso de diversos tipos de materiais de revestimento e - a provável recomendação de economia associada à criatividade - descobriu-se grande utilidade em restos de cerâmica de qualidade, ou de mármore caros (cacos), e até mesmo de vitrais raros de antigas igrejas, usados na composição de pisos e mosaicos.

Interessante que esse período marca também o surpreendente retorno do uso das pastilhas em composições artísticas, embelezando fachadas e o interior de terraços. Até mosaicos, compostos com pastilhas, ou com fragmentos (cacos) de materiais mais raros, exibem-se por aí, de encher os olhos, uma derivação ainda mais sofisticada, lembrando afrescos notáveis, de ricas vivendas soterradas pelo Vesúvio, mas restaurados recentemente, oriundos da tragédia de Pompéia e Herculano, ocorrida no ano 79 de nossa era.

Alguns desses painéis, ou mosaicos, trazem uma simbologia mística, sugerindo sonoridades de gosto antigo, como a música do contemporâneo italiano, Otorino Respighi,

imortalizada em peças fragmentadas tais como *Vetrate di chiesa (Vitrais de igreja)* ou suas célebres orquestrações das *Danças antigas para alaúde*.

As *trilhas de arte em pastilhas* de São Caetano do Sul são uma redescoberta da sensibilidade de Ademir Fornazaro e sempre encantarão os andarilhos de todas as horas que cultuam, *calcante pede (a pé)*, passeios despreocupados por uma das vertentes desta moderna urbe do ABC e seu casario. Será sempre uma visão singular, agradável, duradoura. A efemeridade não as alcança nem as atinge. Haverá, é claro, sempre um reducionista solitário que aí só enxergue matéria e entenda e aceite esse revestimento com finalidade pura e simples de economia. Na sua cegueira irracional, a visão artística apenas esconderia a intenção primeira de poupar. Que pobreza de espírito!

Entretanto, para os que têm olhos de ver, essa arte popular, pura e espontânea, reflete um brioso estado de alma, uma grandeza interior do povo que homenageia todos os dias a vontade e a força da vocação - naquele tempo muito reprimida - daquele bairro ou distrito pobre que sonhava tornar-se município, crescer e ser, do país, referência na melhoria da qualidade de vida de sua gente, em futuro não remoto.

A experiência diuturna de admirar tal arte é muito saudável. Além do fascínio visual, essa arte parece-me respirar a música de Puccini a soar, ao longe, sua *Recondita armonia (Misteriosa harmonia)*, ou o encanto da ária *Vici d'arte, vici d'amore (Vencido pela arte, vencido pelo amor!)*, ambas da inigualável *Tosca*. Quanto pode e quanto revela a manifestação artística natural e espontânea de um povo! Quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, que veja e que ouça. *Si non è vero, è bene trovato*.

(*) Celso de Almeida Cini é advogado, professor, pesquisador e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

História do cinema em Mauá

*Numa época em que o rádio começava a entrar nas casas,
em que a televisão era algo desconhecido,
o cinema já possuía um papel na sociedade:
era o ponto de encontro da população
e, em muitos casos, a única opção além da igreja.
É o que veremos aqui, sob a ótica da cidade de Mauá*



*Cine Santa Cecília,
propriedade do casal
Antônio Milanesi e
Cecília Cecon Milanesi.
Sua inauguração
ocorreu em 15 de
agosto de 1949, em
um prédio que ficava
na avenida Barão de
Mauá, 449. Suas
atividades foram
encerradas no final dos
sessentas do século
passado*

Através de pesquisa e relatos, chegamos ao primeiro cinema, o Cine Ideal. Segundo o sr. Archimedes dos Santos¹, ele funcionava próximo à casa de Vitorino Dell'Antonia, em rua que hoje leva seu nome. Seu proprietário, sr. Isaltino Celestino dos Santos, em fevereiro de 1927, pediu isenção de impostos para o cinema na Prefeitura de Santo André² (pois formávamos um único município, sendo Mauá distrito de paz), alegando que a falta de hábito da população em freqüentá-lo dava-lhe prejuízos.

Apesar disso, conforme descrito nesse pedido, o sr. Isaltino insistia em mantê-lo funcionando aos sábados e domingos, para proporcionar à população algumas horas de distração, e, mesmo diante da falta de retorno financeiro, comprometeu-se a pagar normalmente o imposto do botequim e dos cigarros.

Segundo consta nesse documento, o pedido feito teria validade para o ano corrente, que é o primeiro de seu

¹ Archimedes dos Santos é morador da cidade desde março de 1945. Participou ativamente de movimentos culturais locais, inclusive com seu grupo musical Quatro Bias e um Cigarro. Integra hoje A Máquina do Tempo. É autor do livro *Mauá, que saudade*, que em 2002 encontrava-se em processo de revisão.

² BOTACINI, Roberto. *Mauá... sua história*. Combrig, São Paulo, 1979. p. 41.

*funcionamento*³. Assim, aproximamo-nos muito de sua data de inauguração, provavelmente entre 1926 e 1927. Quanto ao fechamento, não foram encontrados nem informação nem motivo que nos conduzissem à data desse fato.

Aproximadamente em 1937/38, funcionou o Cine OPA, sigla que reunia o “O” de Orfeu Ferrari, o “P” de Pedro Scilla e o “A” de Armando Scilla. (Orfeu e os irmãos Scilla eram os proprietários do lugar.) O cinema exibia filmes aos domingos, quando então eram colocados bancos e cadeiras no salão da Associação Atlética Industrial, na época situado na avenida Barão de Mauá, 47.

A programação era constantemente atualizada, acompanhando os cinemas de São Paulo. Como exemplo temos as comédias de Carlitos, *Ben Hur* e o *Corcunda de Notre Dame*⁴.

Não se esqueça, é claro, de que era a época do cinema mudo, o que exigia esforço de alguns músicos, que ficavam à frente, tocando conforme o enredo do filme. Entre os músicos figuravam Ida Scilla no violino e Armando Scilla no banjo⁵.

Seu fim ocorreu em novembro de 1942, quando os donos enviaram ofício à Prefeitura de Santo André⁶, comunicando o encerramento das atividades.

Após o fechamento do OPA, já perto de 1947, o padre Antônio Negri comprou um projetor e passou a exhibir “filminhos” no salão da pequena igreja chamada Imaculada Conceição. Seu objetivo era arrecadar fundos para a construção, no mesmo local, da Matriz Imaculada Conceição, a mesma que conhecemos hoje.

Era carinhosamente conhecido pelos populares como Cineminha do Padre. Através do sr. Archimedes, pudemos saber de um fato

curioso: o padre catequizava as crianças aos domingos, e àqueles que tinham presença a entrada do Cineminha do Padre era gratuita.

O último dia de funcionamento (do Cineminha do Padre) foi o mesmo da inauguração do Cine Santa Cecília, que reverteu sua primeira renda para auxiliar a construção da Matriz Imaculada Conceição.

Enumeramos até aqui os cinemas ainda não regulares, do ponto de vista técnico. Com o auxílio de Atilio Santarelli⁷, soubemos que eram aqueles que funcionavam em lugares comuns, não construídos para a exibição especificamente. No entanto, citaremos, a partir de agora, outros cinemas, já com projetor 35 mm, em prédios próprios para desenvolver a atividade cinematográfica.

Assim chegamos ao Cine Santa Cecília, mais conhecido, o primeiro do qual possuímos registros fotográficos. Este fez época na história de Mauá, tendo sido realmente um marco. Era freqüentemente visitado pela população mauaense. Seus proprietários eram Cecília Cecon Milanesi e Antônio Milanesi (casados).

A inauguração deste cinema aconteceu em 15 de agosto de 1949, em prédio exclusivamente construído para este fim (avenida Barão de Mauá, 449). Tinha capacidade para 1.396 pessoas⁸, com poltronas fixas feitas em madeira maciça de cor castanha; o assento era móvel, o que causava muito “dedo amassado” na criançada da matinê. Balbo Santarelli e sua família foram os responsáveis pela montagem do interior do cinema.

Muitas peças de teatro foram apresentadas no palco do cinema, pois o telão era montado no fundo de um grande palco, tipo italiano, com enormes cortinas!.

³ Pedido de isenção de impostos pertencente ao Fundo Câmara, no Museu de Santo André (S8 M2).

⁴ MÉDICI, Ademir. *Industrial de Mauá. E os campeonatos de futebol do Grande ABC*: Associação Atlética Industrial de Mauá, 1997. P. 27-30.

⁵ Idem.

⁶ Processo 4964/42. Prefeitura Municipal de Santo André.

⁷ Atilio Santarelli é filho de Loris Balbo B. Santarelli, primeiro administrador do Cine Santa Cecília. É colecionador e estúdio de cinema.

⁸ Relação de dados de 1959, em poder de Atilio Santarelli.

Também aconteciam shows musicais e, conforme relatou Atílio Santarelli, *chegava em época de carnaval, os exibidores [proprietários de cinema] desparafusavam todas as cadeiras do chão, jogavam tudo para um canto e alugavam pro baile de carnaval. Tiravam a tela e desmontavam, porque ela ficava em cima do palco. No palco ficava o conjunto, e virava um salão de carnaval. Isso aconteceu no Santa Cecília, várias vezes...?*

Em 1954, quem visitou o cinema foi a Rádio Nacional, com 60 artistas vindos de São Paulo e do Rio de Janeiro, incluindo os notáveis Ivon Cury, Hebe Camargo, Mazzaropi e outros, em espetáculo transmitido para todo o Brasil¹⁰.

Sabemos que, na programação de projeção, os filmes exibidos aos domingos tinham dois horários: a *matinée* e a *soirée*. Aos sábados e durante a semana, não havia *matinée*. Em geral, funcionava cinco dias por semana.

Filmes nacionais eram obrigatórios nos cinemas, havendo inclusive fiscalização. Porém Atílio Santarelli conta-nos que os filmes de Gláuber Rocha eram tão compridos e *sem pé nem cabeça* que, dos quatro rolos filmados, era possível pular um deles!

Os Santarelli ficaram na administração até 1954. Reclamavam que o aluguel era muito caro, difícil de ser pago. Inicialmente, o ingresso custava Cr\$ 10 (dez cruzeiros), valor que hoje fica sem referência para nós. Contudo, é possível compará-lo com o da última exibição no Cineminha do Padre: Cr\$ 4,00 (quatro cruzeiros). No jornal *Folha de Mauá*¹¹, em 1954, a população foi informada de que os preços haviam sido congelados pela Comap (Comissão Municipal de Abastecimento de Preços de Santo André), obrigando o Santa Cecília a cobrar no máximo Cr\$ 6,00, contra os Cr\$



7,00 que permitiam a entrada em Ribeirão Pires e os Cr\$ 8,00 cobrados em Campo Grande.

No mesmo jornal de circulação municipal há uma nota sobre a programação do cinema, quando este passou para um novo empresário. Nela há uma ressalva quanto à primeira administração, dizendo que os filmes agradavam aos frequentadores, mas uma crítica à nova administração, dizendo que era muito inferior à passada. O autor da nota justificou seu argumento baseando-se no desenvolvimento que vinha ocorrendo na recém-emancipada Mauá: *Mauá está crescendo dia a dia, e o único passatempo que possuímos deve, por força das circunstâncias, acompanhar o ritmo de nosso progresso.*¹²

Como curiosidade, em 1959 foram 320 sessões e 105.708 pessoas no Santa Cecília.¹³ Três anos antes de seu fechamento, ficou meio abandonado, até que foi vendido, provavelmente em 1969, para o Banco do Brasil, que demoliu a antiga construção, devido ao seu estado precário, e construiu

Cine Symaflor. Foi inaugurado em abril de 1971, em um prédio que ficava na avenida Barão de Mauá, 100. Foi fechado em 1979 e reaberto algum tempo depois, encerrando suas atividades em 1989

⁹ Atílio Santarelli, em entrevista concedida à autora em 01/11/2002.

¹⁰ *Folha de Mauá*, 15/05/1954, nº 119, ano V.

¹¹ *Folha de Mauá*, 28/07/1954, nº 122, ano V.

¹² *Folha de Mauá*, 21/08/1954, nº 126, ano V.

¹³ Relação de dados de 1959, em poder de Atílio Santarelli.

outro prédio no local.

Mais uns dois anos sem cinema. Em abril de 1971, inaugurou-se o Cine Symaflor, mais uma iniciativa dos Milanese, implícita no nome: *Sylvio, Mário e Flora*, os três filhos de Cecília e Antônio Milanese. Ficava na avenida Barão de Mauá, 100, num prédio construído para tal fim, e acomodava 1.496 pessoas em suas poltronas, também fixas, mas agora confortáveis.

Em sua sala de espera, as paredes de 10x3,5 m haviam sido pintadas pelo sr. Paulo Domingues¹⁴, que trabalhava com publicidade em cinema. Ele desenhou, de um lado, a história do cinema, dos primeiros projetores (*movietones*) até os dos setentas do século XX, e, do outro, a história da porcelana, devido ao prestígio e ao pioneirismo da cidade na produção de porcelana fina, o que conferiu a Mauá o epíteto de Cidade Porcelana do Brasil. O *Jornal de Mauá*, em 1998, citou que sua arquitetura refletia a grandiosidade e a sofisticação dos cinemas das décadas compreendidas entre 1950 e 1970.¹⁵

Em 1979, o Cine Symaflor foi fechado, e os três irmãos, na qualidade de pessoas físicas, transferiram a propriedade do imóvel para o Symaflor, como pessoa jurídica. Depois, o cinema foi incorporado pelas Casas Bahia. A população reclamou da perda da oportunidade de lazer e, por essa razão, a nova proprietária procurou o sr. Paulo Domingues, para ver se ele poderia auxiliar na reabertura, o que aconteceu de fato. O então cozinheiro das Casas Bahia foi treinado para ser gerente de cinema.

Temos como pano de fundo, aqui, a facilidade da televisão e o advento do videocassete. Este último possibilitava, com baixo custo, a reunião de várias pessoas, em certo local, para assistir a determinado filme.

A programação, por fim, não acompanhava simultaneamente o lançamento das grandes cidades, exibindo em Mauá filmes que já haviam saído de cartaz.

Infelizmente, já no início dos últimos oitentas, recebeu esse cinema a fama que o acompanharia até seu fechamento: diziam haver pulgas no Symaflor. Nessa mesma época, Mauá era considerada, quer pelos habitantes de outras cidades quer por seus próprios munícipes, uma cidade atrasada, uma *terra de índio*, fato que explica um pouco o fracasso de nosso então único cinema.

O Symaflor fechou em 1989 e seu espaço foi ocupado por exposições, vendas de roupas e calçados e bingo. O terreno, de propriedade das Casas Bahia, teve suas instalações completamente modificadas, tendo sido demolidos inclusive os painéis que contavam a história da porcelana e a do cinema. E Mauá novamente sem cinema.

Situação que permaneceu igual até 20 de março de 1998, data de inauguração do Cine Green Plaza. No mesmo endereço do Symaflor, mas ocupando apenas um terço do antigo prédio, recebeu este nome devido à sua anexação ao Shopping Green Plaza. Desta forma, o acesso à entrada do cinema dava-se tanto pelo andar superior do shopping quanto por uma porta na avenida Barão de Mauá, ao lado das Casas Bahia.

Este cinema foi resultado de negociações entre o Shopping Green Plaza e as Casas Bahia¹⁶. Administradas pelo Grupo São Luiz, especializado em cinemas, foram inauguradas duas salas de 231 lugares cada. Uma terceira sala foi inaugurada cerca de um ano e meio depois, com 170 lugares e poltronas especiais para obesos.

Os ingressos custavam R\$5,00 (cinco

¹⁴ O sr. Paulo Domingues é cenógrafo e foi o responsável pelos painéis do Symaflor. Entrevista concedida à autora por telefone em 10/12/2002.

¹⁵ *Jornal de Mauá* 20/03/1998, nº 19, ano 2.

¹⁶ *Jornal de Mauá* 20/03/1998, nº 19, ano 2.



reais), porém, na estréia, com o lançamento dos filmes *Titanic* e *Tropas Estelares*, com direito a três sessões diárias de cada um deles, custaram R\$ 6,00 (seis reais). Mauá, naquela época, passava por algumas mudanças, entre as quais a transformação de trechos de ruas centrais em calçadas, o que dificultava o acesso das pessoas que queriam ir de carro ao cinema.

Quanto à sua programação, podemos dizer que acompanhava os lançamentos. Contudo, às vezes um filme demorava demais para sair de cartaz ou era exibido duas vezes no ano, tal como aconteceu com *Titanic*, cuja estréia deu-se em março e a reexibição em dezembro de um mesmo ano.

Em fevereiro de 2000, talvez pela crise, os ingressos baixaram para R\$4,00 (às quartas e quintas-feiras, R\$3,00), enquanto outros preços da região variavam entre R\$8,00 e R\$10,00. Já em junho de 2000 houve o fechamento das duas primeiras e maiores salas, restando apenas a sala três em funcionamento.

O encerramento das atividades deu-

se mesmo em 2000. O Grupo São Luiz levou todo o mobiliário. As salas, hoje, estão descaracterizadas, pois foram transformadas num único salão pelas Casas Bahia. Onde era a antiga bilheteria foi feita uma ampliação da loja. Mauá sem cinema outra vez!

Multiplex Mauá é o novo e atual cinema de nossa cidade. Dentro do Mauá Plaza Shopping, faz parte do recente projeto de mudança do centro e situa-se na nova avenida Governador Mário Covas Júnior, 1.

Inaugurado no dia seis de setembro de 2002, é moderno e de admirável apresentação. Possui cinco salas de projeção, das quais quatro comportam 310 pessoas e uma 250. Cada uma de suas poltronas tem em média cinco centímetros a mais que as convencionais, e o espaço entre as fileiras também é maior que o visto na maioria dos cinemas. O Grupo Araújo, também especializado em cinemas, trouxe para cá tecnologia italiana, visível na sala em formato *stadium*. A tela é curva, o que permite a visão mesmo a partir das laterais ou das primeiras fileiras.

Avenida Barão de Mauá, local onde funcionaram os principais cinemas da cidade

Outro fator que merece destaque é o espaço reservado para cadeiras de roda em cada sala. Suas exposições são como as de grandes redes, e o valor do ingresso é até um pouco mais barato.

Hoje a cidade também oferece às pessoas a oportunidade de conhecer parte da coleção de Atílio Santarelli, uma vez que esta integra o Museu Cultural da Estância Santa Luzia (estrada Nossa Sra. do Pilar, 950, na divisa entre Mauá e Ribeirão Pires). Há um cineminha montado no local, com 70 lugares.

Mas existiram, além de Atílio Santarelli, outros apaixonados por cinema.

O pessoal do SESI (Serviço Social da Indústria), por exemplo, projetava filmes, aos domingos, na sede da Associação Esportiva Mauá, para a população da cidade. Isso aproximadamente em 1947, na rua Justino Paixão, 52, atual rua Américo Perrela.¹⁷

Entre 1945 e 1948, o sr. Orlando, morador da rua Rui Barbosa, alugava filmes em São Paulo e exibia-os no seu aparelho 16mm nos finais de semana, projetando-os no muro da casa da frente. Desde esse tempo até 1950, ele preparou um filme de banguê-banguê com as crianças da cidade.¹⁸

Entre 1964 e 1965, o monsenhor Alexandre Venâncio Arminas também exibiu filmes no salão da Matriz Imaculada Conceição, gratuitamente. Pelas lembranças de alguns munícipes, os filmes eram de caráter religioso, a exemplo da *Paixão de Cristo*. Segundo o cônego Belisário¹⁹, aos domingos à tarde o monsenhor Alexandre reunia crianças da catequese e seus pais e então rodava os filmes.

Monsenhor Alexandre era um empreendedor. Sempre batalhou muito pela cidade e pela construção da Matriz Imaculada Conceição. Com sua personalidade marcante,

adquiriu gravador, que programava com músicas, de acordo com o filme que passava, para suprir a falta de som. De vez em quando, também gravava alguns sermões com sua própria voz e colocava para a comunidade ouvir.

Na intenção de produzir filmes, os irmãos Gerber²⁰ foram os atores e diretores do próprio ideal e os primeiros cineastas da cidade. Graças a eles, hoje temos à disposição, entre outros, os filmes *Mauá em Marcha*, *Comícios e Pedreiras* e *Os Dois Solteirões*. Nesses filmes, há imagens de reuniões, comícios, procissões e outros eventos ocorridos em Mauá.

A idéia dos irmãos era, um dia, conseguir reunir os sons que gravavam com as imagens que faziam. Infelizmente, isto não aconteceu. Mas tal iniciativa, tão cara e de tamanha sensibilidade, é reconhecida hoje por mauaenses, por admiradores e conhecedores do cinema e por todas as pessoas que se preocupam com a preservação da memória.

Para os leitores apaixonados por cinema existe a oportunidade de conhecer os filmes dos irmãos Gerber, pois foram telecinados - passados dos rolos para fitas de vídeo - por Atílio Santarelli e fazem parte do acervo do Museu Barão de Mauá,²¹ onde são exibidos diariamente às nove horas e às 14 horas.

(*) *Abimara Goulart Silva é graduada em História pela Universidade do Grande ABC*

Colaboraram:

Archimedes dos Santos
Atílio Santarelli
Equipe do Museu Barão de Mauá
Paulo Tachinardi Domingues
Sílvia Ahlers

¹⁷ Relato de Archimedes dos Santos à autora em outubro/2002.

¹⁸ Idem

¹⁹ Cônego Belisário Elias de Sousa é pároco da Paróquia Imaculada Conceição, de Mauá, desde 1977.

²⁰ Os irmãos Hans e Wolfgang Gerber (ambos falecidos) tiveram efetiva participação na história da cidade de Mauá: desde a questão da cinografia, proprietários que eram do único laboratório da cidade na época de sua emancipação, até a formação de um corpo de bombeiros voluntário.

²¹ O Museu Barão de Mauá situa-se na avenida Dr. Getúlio Vargas, 276 - Mauá - SP. É aberto à população, de terça a sábado, das 9 h às 16 h. Entrada franca.

Crédito: Enciclopédia Abril. Volume 12, p.204



Arte da Língua Brasilica, obra do padre jesuíta Luís Figueira. Constitui-se numa das primeiras fontes de estudo do tupi-guarani

O domínio da língua portuguesa em São Paulo é tardio. Com certeza, durante os dois primeiros séculos da capitania, poucos a falavam e, mesmo assim, em partes restritas do tempo. Neste episódio, ao sul impera uma língua geral que é o guarani, instrumento de comunicação

mão-de-obra da grande lavoura de subsistência da São Paulo da primeira metade do século XVII e mesmo da segunda¹. Em

estabelece, porque os seus falantes são numerosos e o grupo índio a que pertence é aquele a que mais se recorre para o abastecimento em

A língua de São Paulo

trabalhado e difundido por jesuítas para ser a língua até de grupos índios não tupi-guaranis que, por qualquer aspecto, quisessem comunicar-se com paulistas ou ainda portugueses das paragens mais meridionais, já que na setentrional extrema (na Amazônia) o domínio é o do Nheengatu e, no Nordeste açucareiro, a situação fixa bases entre a língua portuguesa e falares africanos.

Entre os paulistas é o guarani que se

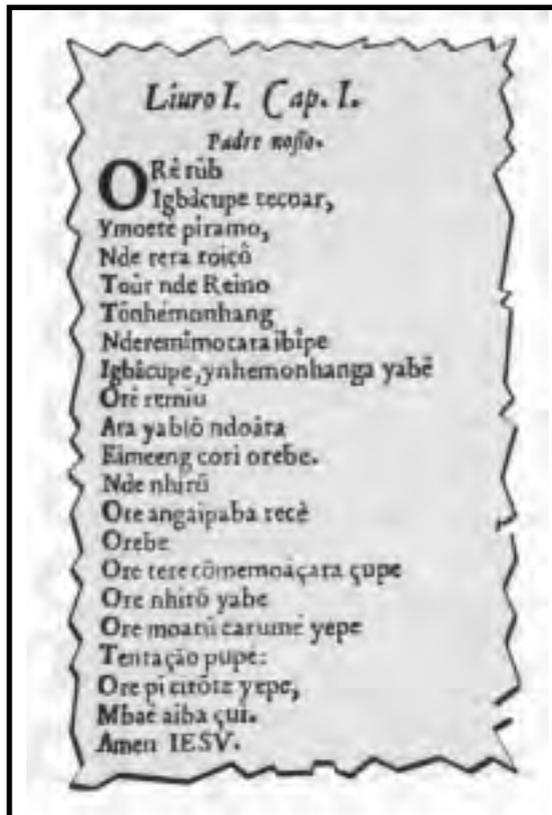
paralelo a esta situação, há o fato de que o guarani (a mulher guarani) é o mais predisposto ao trabalho agrícola e, neste campo, pertence à nação de técnicas mais apuradas², o que se tem reforçado mormente se o índio passa, em nossa indução, pelas missões do Tape e Guairá, antes de aportar à vila de Piratininga, adjacências ou praças mais interioranas.

Além desses fatores que envolvem

¹ Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, pp. 68-79.

² Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 32.

*Pai-nosso em tupi-guarani.
Fotocopiado do
Catecismo na língua
brasílica (edição de 1614)*



Crédito: Livro: Catolicismo em São Paulo: 450 anos de
presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004), p.95

diretamente o guarani, o mundo paulista é marcado por aspectos diversos de culturas índias, ao ponto de o escravizador assumir hábitos de vida que literalmente reproduzem práticas indígenas. Informes há de que a intensa mestiçagem a tudo isto facilitou e que o tão apregoado bandeirante (por certas correntes historiográficas pintado como gigante branco e empreendedor) em muitos casos era essencialmente um mestiço que andava descalço, usava arco e flecha tão bem quanto qualquer índio, dormia em redes, habitava casas que estavam mais para ocas com paredes de taipa e, na mata, caminhava em fila única, prática silvícola que foi designada, em certa correlação, *marcha paulista*³. Os senhores faziam-se acompanhar de seu séquito de índios em diversas circunstâncias das atividades de suas vilas; a mulher paulista - também conhecida por *tapada*, por andar sempre coberta de panos escuros dos pés à cabeça - falava mal em sua maioria a língua portuguesa e sempre, ao aparecer em público, vinha seguida de ao menos uma serva índia que, em casa,

desdobrava-se muitas vezes em ama (amas) que, desde a mais tenra idade das crianças, ensinava-lhes o guarani⁴.

Deste modo, a história da Capitania de São Paulo não parece em momento algum desvinculada do índio e seu complexo de vida, tendo-se dele uma parte extremamente ativa que é a língua guarani.

II

Quanto a este mesmo guarani, entretanto, é preciso que em primeira instância se diga que o ser alçado à condição de língua geral implicou que dele se fizessem gramática e glossário, procedimentos que levaram à sua, ao menos em dada medida, reelaboração, uma vez que os padres jesuítas - também grandes conhecedores de fonética - trataram-no segundo a índole do latim e da língua portuguesa e usaram-no ainda na própria catequese, para a transmissão dos valores ditos civilizados aos silvícolas.

Em segunda instância, é preciso que se lembre que, na Capitania de São Paulo, a língua geral não foi instrumento de reforço

³ Toral, André. "Os brutos que conquistaram o Brasil". *Revista Superinteressante*, São Paulo: ano 14, nº4, abril 2000, pp. 26-35.

⁴ Idem, p. 29.



Crédito: Livro: *Carolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*, p.109

Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). Óleo de Louis Michael Van Loo, 1766

do poderio religioso inaciano, pois cedo os paulistas trataram de modo muito prático e direto os padres, colocando-os primeiro na condição de concorrentes econômicos⁵ e, em instância bem posterior e amesquinhada, na de autoridade eclesiástica.

Em outra significação, o procedimento histórico adverso aos jesuítas não permitiu a estruturação na capitania, pelo que se depreende, de uma atividade missionária profícua e, com isto, explicita-se que os inacianos do Colégio da Vila de

Piratininga e de outros sítios do mesmo circuito padeceram de fato de maior controle⁶.

Deste modo, quando começa, na capitania, a redundar a força dos diretórios pombalinos (de 1757 e 1758⁷), particularmente a do segundo deles, enfaticamente indicando às capitanias meridionais que a língua portuguesa deveria ser o veículo de comunicação e expressão, isto não acontece para que, via língua da metrópole, ao sul fossem negadas, para

⁵ Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 142.

⁶ Quanto ao fato, é interessante, para exemplo, lembrarmos que o retorno jesuítico a São Paulo, após a expulsão de 1640, se dá em 1653, mas sob assinatura de documento público no qual os inacianos do Colégio da Vila de Piratininga comprometiam-se em não interferir nos negócios da Câmara nem lutar por medidas que pudessem alterar a legislação indigenista.

⁷ Villalta, Luiz Carlos. "A vitória da língua portuguesa na guerra dos idiomas". *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro: ano 1, nº 5, março 2004, p. 58.

exemplo, essências missionárias ou mesmo messiânicas que vinculavam o Império português a um ideário de reino espiritual, no contraponto ao reino secularizado e de poderio real verdadeiramente centralizador, como o desejava o ministro plenipotenciário de dom José.

O que com isto, em nossa leitura, também se quer expressar é que, ao sul, a língua portuguesa via decreto não começa a se fixar mais intensamente para o combate à memória de inimigos figadais do marquês que são, no caso, os jesuítas e mormente as suas memórias missionárias. Na Capitania de São Paulo, a língua geral não se vincula, parece-nos, a este perigo. Já ao norte, a presença do Nheengatu - até hoje praticado por alguns grupos - estaria mais próxima a esta proposição, por conta de uma ativa presença missionária jesuítica na região ainda para os fins da primeira metade do século XVIII, apesar da também histórica oposição do colonato maranhense ao projeto missionário naquelas paragens.

III

Segundo informes da historiografia, na segunda metade do século XVIII o guarani é língua de forte repercussão em São Paulo. É ainda, para exemplo, recurso indispensável no culto religioso, setor no qual o entendimento só se viabiliza com o intercurso da língua geral⁸.

No mesmo episódio, o guarani é ainda, em São Paulo, a língua dos adultos. Após o segundo diretório pombalino - que é de 1758 e direcionado mais especificamente à parte meridional da colônia - é que o ensino da língua portuguesa nas escolas das povoações mais ao sul se fez obrigatório⁹. Em paralelo, interditava-se o uso da língua geral, mas, não sem certa lógica, proibindo a sua utilização pelas crianças (meninos e meninas

de qualquer origem ou raça) que freqüentassem, antes da expulsão inaciana, o sistema educativo jesuítico¹⁰.

Com este procedimento, queria-se, em nossa leitura, criar um período de transição que foi eficaz, pois, às vésperas da Independência, o guarani dá seus últimos suspiros e a língua portuguesa é, salvo engano, dominante¹¹, para não se dizer a única (aqui não se faz referência aos grupos índios monolíngües até hoje existentes), valendo esta realidade, acreditamos, não só para região sul, mas para todos os quadrantes do novo país.

() Juarez Donizete Ambires é professor no Centro Universitário Fundação Santo André e pesquisador do projeto "História do Estado de São Paulo"*

⁸ Idem, p. 63.

⁹ Elia, Silvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003, p. 101.

¹⁰ Idem.

¹¹ Villalta, Luiz Carlos. "A vitória da língua portuguesa na guerra dos idiomas". *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: ano 1, nº 5, março 2004, p. 63.

Mussolini (à esquerda) e Hitler, em 1938. O pacto que esses dois líderes firmaram com o Japão, em setembro de 1940, foi responsável pela ampliação das forças do Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial



Crédito: Enciclopédia Abril. Vol.5. p.118

O meu sentimento e muita recordação de uma guerra injusta

Eu, Domenico Midea, nascido em sete de março de 1920, na cidade de Macchiagodena, Província de Isernia, Itália, fui convocado pelo exército italiano em 19 de março de 1940. Dirigi-me ao quartel militar de Campobasso e, na seqüência, fui incorporado ao 13º Regimento de Infantaria na cidade de Aquila.

No mês de junho do mesmo ano começou a Segunda Guerra Mundial. Meu regimento foi designado para combater na França. Dois meses depois, retornamos a Aquila. Na semana seguinte, partimos para a guerra nos territórios da Albânia e da Grécia. Eu e mais 150 recrutas fomos deixados no comando do 13º Regimento de Infantaria, à espera da formação de outros batalhões que servissem para suprir as perdas sofridas em combate. Salvei-me, também desta vez, da partida para a guerra.

No mês de setembro de 1940 fui enviado a um destino ignorado, no 156º Batalhão da Guarda Costeira. Chegamos à

Calábria e, no dia seguinte, tomei a direção de uma vila chamada Branca Leone, onde montamos guarda junto com os *carabinieri* (policiais) na ferrovia. Tínhamos quatro horas de serviço e oito de descanso. Vigávamos um quilômetro de linha férrea. Ficávamos muito contentes quando passava o trem correndo e apitando, mostrando que não havia sabotagem nos trilhos.

Atentos, falávamos da família, do lar e dos amores, que estavam longe em nossa cidadezinha. Também lembrávamos o carinho das mães e, caminhando a passos lentos, olhávamos o céu estrelado mesmo embaixo de chuva. Estávamos tristes, mas com esperanças de um dia - não muito longe - retornar ao seio de nossa família.

Após três meses, um amigo policial sugeriu-me fazer um curso e entrar na polícia. Desde os 18 anos eu tinha a intenção de fazer isso, de forma que o conselho animou-me a pegar um requerimento a fim de ingressar na

corporação (dos *carabinieri*). Chamaram-me, ao término de cinco meses no comando do policiamento da cidade de Bari, para um curso de seis meses. Fui promovido e incorporado ao comando de policiamento de Alexandria, em Piemonte. Não demorou muito e fui transferido à Província de Torino, em Alba. Ao cabo de outros três meses, designaram-me para a guerra e, em setembro de 1942, fui convocado a apresentar-me em Bari, com destino às zonas da Albânia e da Grécia, territórios ocupados por italianos e alemães.

Em pouco tempo já me encontrava na ilha de Cefalônia, Grécia, na cidade de Argostoli, capital do lugar. Quase de imediato transferiram-me para uma vila vizinha, Messovunion. Éramos em seis *carabinieri* e um brigadeiro. Fazíamos serviço de ocupação civil e militar.

No dia oito de setembro de 1943, Benito Mussolini foi preso. Assumiu o comando das forças armadas italianas o general Badoglio e, como novo líder, pediu o armistício, aliando-se aos americanos e renunciando ao eixo Roma-Berlim. Na mesma hora declarou guerra aos alemães.

Havia um porém: soldados italianos e alemães estavam juntos. Como resolver a situação? Como agir? Os germânicos, sentindo-se traídos, começaram a querer nossas armas, chegando mesmo a nos prender, enviando-nos a campos de concentração na Alemanha. Foi o fim da Divisão Acqui na ilha de Cefalônia. A Itália, entretanto, não se renderia tão facilmente.

BATALHA - Nesse período, a Divisão Acqui possuía 15 mil homens de tropas e 525 oficiais, somados ao efetivo da marinha, vigiando a ilha de Cefalônia. Anunciada a trégua, esses oficiais italianos puderam revelar o verdadeiro sentimento que traziam no peito: mágoa em relação aos alemães.

Com efeito, o imperialismo alemão dominara a Itália por muito tempo (só terminou realmente com o fim da Primeira Guerra Mundial). A política de boa vizinhança para com

os germânicos era apenas um artifício do fascismo. Em realidade, a vontade dos italianos era a de combater os alemães. Tanto era assim que, na ilha de Cefalônia, três unidades de tiro da 33ª Artilharia abriram fogo contra os seguidores de Hitler aos gritos de *Viva Itália!* A elas juntaram-se duas unidades de tiro da marinha e algumas repartições da infantaria.

Do comando supremo italiano, no dia 14 de setembro de 1943, chegava a ordem de lutar, com todos os armamentos, contra os alemães. A batalha foi oficialmente iniciada no dia 15 de setembro de 1943. O conflito foi-nos favorável até o dia 22 do mesmo mês. Infantaria, artilharia, marinha e *carabinieri* lutavam com todas as forças, preferindo morrer a abandonar a peleja. Alguns oficiais chegaram mesmo a tirar a própria vida antes de cair em mãos inimigas.

Vieram duas intimações para que nos rendêssemos. Nem mesmo tomamos conhecimento delas. Da segunda vez, frisaram que, caso fizessem prisioneiros, estes não retornariam à pátria de origem. Enfim, os alemães recebiam reforços e armas, ao passo que nós estávamos desamparados. Após pesado bombardeio aéreo, a Divisão Acqui acabou derrotada na ilha de Cefalônia. Perdemos 1.250 homens de tropa e 65 oficiais.

Os adversários infligiram-nos duro castigo. A partir da manhã do dia 21 de setembro de 1943, todas as repartições militares italianas que caíram em poder germânico foram fuziladas. Morreram 4.750 soldados de tropas e 155 oficiais. Formalmente, entregamo-nos no dia 22 de setembro de 1943, às quatro horas da tarde. Na manhã do dia 24 desse mês, entre nove horas e uma e meia da tarde, foram executados, perto do Campo de São Teodoro, os últimos 186 oficiais que haviam sobrado.

Os oficiais enfrentaram a morte com suprema dignidade e firmeza. Os soldados sobreviventes foram transportados, da ilha ao continente grego, em três embarcações. Os navios, a poucas milhas do destino, bateram em



O general Badoglio tornou-se primeiro-ministro da Itália após a prisão de Mussolini. Declarou guerra aos alemães depois do armistício firmado com as forças aliadas, em 1943

Crédito: Enciclopédia Delta Larousse. Vol.3. 2 ed. p.1523

minas e afundaram. Os alemães metralharam os naufragos. Morreram, desse modo, três mil homens de tropa.

Ao final, contabilizamos as seguintes perdas: nove mil soldados e 406 oficiais. O comando alemão proibiu o sepultamento dos mortos. Assim terminou a Divisão Acqui, com seus nove mil e 400 soldados e seus gloriosos sobreviventes. Eu sou um desses sobreviventes.

SALVO – Salvei-me pois consegui refúgio junto a uma família. Vestiram-me de civil e conseguiram colocar-me em um pequeno barco de madeira, ao lado de seus amigos. Desembarquei em terra grega, mais precisamente em uma pequena cidade chamada Mítika.

Em solo, disseram-me que eu estava salvo. Comecei a andar sozinho quando, ao longe, vi uma senhora idosa. Visto que era uma senhora, comecei a conversar com ela sem medo. Ouvindo-me, ela disse: *Você é italiano! Não fale mais nada e venha comigo que eu vou te salvar.* Em realidade, não foi difícil saber que eu era italiano, pois, embora soubesse falar o grego, possuía sotaque acentuado.

Chegando a sua residência, ela disse aos dois filhos (que eram guerrilheiros): *Encontrei este jovem. Ele é italiano e devemos salvá-lo!*

Pediram-me os sapatos e as vestes. Peguei as roupas deles, sujas e rasgadas. Disseram-me ainda que a guerra não havia terminado para eles. Fiquei descalço naquelas montanhas cheias de pedras. Sofri bastante. Passei muita fome e muito frio.

Depois de algum tempo, chegaram os soldados e ocuparam a Grécia. Deram ordem aos guerrilheiros no sentido de fazer com que todos os italianos espalhados naquela região se dirigissem à cidade de Volo, quase perto da Turquia.

Nessa época, eu estava na zona da Tessália, em Larissa, a 180 quilômetros de Volo. Foi essa minha última marcha junto com os demais companheiros. Andando a pé, durante três dias e duas noites, quase sem parar, seguíamos por uma estrada de ferro toda destruída pela guerra. Estávamos em dois mil jovens, descalços e maltrapilhos, sem nenhum tipo de alimento. Comíamos apenas algumas frutas, ainda verdes, que encontrávamos nas árvores pelo caminho. Alguns soldados ingleses também nos forneceram pães e uvas passas.

Na manhã do dia seis de dezembro de 1944, chegamos ao nosso destino. Apresentamo-nos ao comando das forças



Soldados italianos na Grécia, em 1940

Crédito: <http://www.grandesguerras.com.br>

inglesas na cidade de Volo. Submeteram-nos a exame médico em que fomos obrigados a trocar de roupas. Além disso, desinfetaram-nos, raparam-nos os pêlos do corpo e cederam-nos um pequeno cobertor. Também nos fizeram saber que, no dia oito daquele mês, partiríamos, em um navio inglês, rumo ao Porto de Taranto, Itália.

Foram três dias e três noites de travessia pelo mar Egeu que, de tão agitado, parecia conspirar contra nosso retorno. Como se não bastasse, soubemos que inúmeras minas estavam espalhadas nas águas, o que tornava a viagem ainda mais perigosa. Felizmente, nossa embarcação era escoltada por um navio caçaminas.

Ao avistar nossa terra de longe, surgiu um sentimento de afeto, um grito de alegria: *Itália!* A nossa pátria amada! Que alegria! Que felicidade! Não víamos a hora de colocar os pés

em nossa amada terra e dizer: *Estamos salvos! Logo estaremos com nossa família!*

Quando chegamos ao Porto de Taranto, ainda havia sol, porém, somente depois da meia-noite conseguimos desembarcar. Com efeito, estávamos todos sem nenhuma roupa, a não ser o pequeno cobertor que nos fora dado. Ao descer do navio, percebi que estavam separando as pessoas com sapatos das descalças. Pensando em obter um calçado novo, tirei meus velhos chinelos e guardei-os. Não tardou e mandaram os descalços para um caminhão. Os que possuíam sapatos andaram 30 quilômetros. Nessa passagem fui bem-sucedido.

Dois dias depois, enviaram cada qual à sua corporação. Eu pertencia ao grupo dos *carabinieri* da cidade de Bari. Chegando lá, recebi a farda e obtive 30 dias de licença. Era tanta a vontade de rever minha mãe e minhas

duas irmãs, assim como de visitar o túmulo de meu pai, que, na manhã do dia 29 de dezembro de 1944, cheguei a Macchiagodena. Também fazia planos para me casar.

Encontrei minha mãe, que não cansava de me esperar. Fazia um ano e meio que ela não tinha notícias minhas. Chorava sempre. Quando me viu, abraçou-me, aos prantos, e não parava de me beijar. Não acreditava que eu estava vivo. E nos braços dela. Não estava eu menos emocionado. Após todos os percalços por que havia passado, só pensava em um dia voltar aos braços de minha mãe. Naquela manhã fazia frio e tinha um pouco de neve.

Ao fim de uma semana, disse a minha mãe que gostaria de me casar antes do fim da licença. Ela ficou contente e respondeu: *Sim, filho*. Com o consentimento de toda a família, Ângela e eu nos unimos no dia 21 de janeiro de 1945. Como não havia tempo para o casamento, somente no dia 26 de julho de 1945, quando recebi minha carteira de reservista, unimo-nos oficialmente.

No ano de 1951, viemos, com dois filhos, para São Paulo, Brasil. Juntos, eu e minha esposa trabalhamos muito, mas muito mesmo, pois nosso objetivo era vencer. Tivemos mais quatro filhos, todos bem de saúde e educados. Estudaram, casaram-se e estão muito bem.

Na Itália, passávamos por inúmeras dificuldades. Finda a guerra, tivemos de trabalhar noite e dia na roça. Às vezes, para garantir a comida de um dia, ajudávamos os vizinhos. Não era possível ter uma vida razoável. Resolvi, então, mudar tudo e, no ano de 1951, propriamente no dia quatro de agosto, parti para o Brasil.

Dirigi-me ao Porto de Nápoles e embarquei no navio argentino Corrientes. Foram 15 dias no mar e, em 19 de agosto de 1951, cheguei ao Porto de Santos, São Paulo, Brasil. Sozinho, deixando filhos e esposa na Itália, munido apenas de sonhos e esperança de uma vida melhor.

Lutei muito, sem nenhuma ajuda. Não

possuía profissão nem sabia falar português. Foi difícil. Entretanto, pude juntar um pouco de dinheiro e mandei chamar minha esposa Ângela e meus filhos nascidos na Itália: Maria, de seis de março de 1947, e Giuseppe, de 27 de agosto de 1949.

Juntos, em São Paulo, trabalhando muito e com grandes sacrifícios, fomos conseguindo juntar alguma coisa. Compramos um barracão de madeira, sem luz elétrica, sem água encanada. Não havia condução e as ruas eram de terra. Morava longe do local em que trabalhava. Com muita economia, aos poucos consegui comprar material de construção e, nas horas vagas, aos domingos e nos feriados, eu como pedreiro - que nunca fui - e minha esposa e meus filhos como serventes demos início às fundações da nossa casa de alvenaria. Ainda contamos com uma pequena ajuda de alguns companheiros da fábrica na qual eu trabalhava. A pequena moradia ficou pronta em três anos.

Vendi o pouco que possuía na Itália e, com o dinheiro, abri um bazar para que a esposa tocasse. Continuei trabalhando fora. Dessa forma, pudemos criar esta grande família. Família que, aliás, no dia 26 de julho de 1995, preparou grande festa em comemoração aos 50 anos do casamento entre mim e Ângela. Vários amigos e parentes vieram prestigiar nossas bodas de ouro.

Gostaria de agradecer aos nossos filhos, aos 13 netos e à nossa nora. Também a Deus, principalmente. Faço questão de frisar, antes de terminar o texto, que considero o Brasil minha segunda pátria, pois acolheu-me quando mais precisei. Finalizo, aqui, este pequeno resumo dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, de minha vida após essa catástrofe, da chegada ao Brasil e da constituição da minha grande família.

(Texto produzido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul com base no depoimento de Domenico Midea.)

Os judeus nas terras do Tijucucuçu

Eles foram chegando aos poucos às terras alagadiças de São Caetano do Sul, em busca de uma nova vida. No começo dos vintes do século passado, aqui não havia senão cinco famílias judias, que professavam a fé dentro de casa, já que não existia sinagoga na cidade. Nos dias das festas de ano novo, seguiam a pé, em longas jornadas, até São Paulo, onde encontravam outros membros da comunidade. Em sua maioria, os judeus de São Caetano iniciaram a vida profissional como mascates: vendiam pequenas mercadorias, de porta em porta. Com o tempo, fizeram clientela e abriram suas primeiras lojas.

Desde a Antigüidade, os judeus sempre tiveram sua história marcada por perseguições, motivo suficiente para estimulá-los a buscar outros lugares na esperança de iniciar vida nova. A presença judaica em terras brasileiras remonta ao período da colonização, por volta de 1503, quando dom Manuel, rei de Portugal, firmou contrato de arrendamento, para a exploração do pau-brasil, com um grupo de cristãos-novos. Nessa época, Portugal estava envolvido ainda com o comércio das especiarias. *Para evitar que o território brasileiro sob o domínio português fosse alvo da ganância de outros povos europeus, o rei achou melhor mandar expedições para cá. Por isso firmou contrato com Fernando de Noronha, que era um cristão-novo, e mandou esse grupo para o Brasil, com o intuito de explorar o pau-brasil*, relata Cristina Toledo de Carvalho, historiadora. Esse é o primeiro registro conhecido do povo judeu em território brasileiro.

O segundo marco da chegada dos judeus ao Brasil data da Segunda Guerra Mundial, quando eles passaram a ser perseguidos pela política nazista de Hitler. Por causa dessa perseguição, muitos judeus dispersaram-se pelo mundo, e parte deles dirigiu-se ao Brasil.

SÃO CAETANO - Mas, antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial, já nos últimos vintes, São Caetano do Sul registrava moradores de origem judaica. Uma das primeiras famílias judias locais é a Ostrovsky. Paulo Ostrovsky chegou à cidade no final de 1925, e seu filho Moisés nasceu e foi criado no bairro da Fundação. Paulo, que tinha uma loja de móveis chamada A Paulistana, na antiga rua Virgílio de Rezende, começou como mascate. Entretanto, a referência judaica mais conhecida em São Caetano é Samuel Klein. Ele veio da Polônia, fugindo das perseguições aos judeus na Europa, após a Segunda Guerra Mundial. Filho de

Cerimônia de oferenda da Tora (Pentateuco) à Sinagoga de São Caetano do Sul, em 1950



Crédito: Sinagoga de São Caetano do Sul

Crédito: Sinagoga de São Caetano do Sul



Membros da comunidade judaica de São Caetano na sinagoga recém-inaugurada, em 1950. Da esquerda para a direita: Z. Grymberg, Jacob Shapiro, Rubens Gafanóvitch, Henrique Kogan, Isaac Goldberg, Marcos Karlik, José Nulman, Simão Kogan e Israel Tworecki

carpinteiro, Klein é o terceiro de nove irmãos. Em outubro de 1942, quando estava para completar 19 anos, foi preso por soldados da Alemanha nazista e enviado, com o pai, a um campo de concentração em Maidanek, próximo a Lublin. Só se salvou da morte quando, dois anos depois, fugiu, junto com outros prisioneiros, de Maidanek. Disposto a buscar novas terras para viver, em 1951 dirigiu-se à Bolívia. Um ano depois, veio para o Brasil. Ao chegar a São Caetano, sobreviveu, como os outros judeus, vendendo cobertores. Colocava-os sobre uma carroça e vendia-os de porta em porta. Trabalhando desse modo, conquistou clientela muito significativa entre os nordestinos. Com tantos clientes e algum dinheiro criou estrutura para adquirir a então modesta Casa Bahia (célula inicial das Casas Bahia de hoje), pequena loja de móveis situada na avenida Conde Francisco Matarazzo. Antes de passar às mãos de Klein, a

Casa Bahia, cujo primeiro nome foi Casa Argentina, havia estado nas mãos de dois judeus: Gregório Kleiman e Arão Wasserman. Posteriormente, no fim dos vinte e início dos trinta do último século, chegaram outras famílias judias, que contribuíram para o desenvolvimento comercial e a diversificação de produtos. Entre essas novas famílias estava a de Waldemar Beer, que foi proprietário de uma loja de móveis e do Posto 28 de Julho (gasolina). Ainda vieram, por volta da mesma época, os irmãos Cohen, que tiveram uma colchoaria, a família Karliks, dona da Casa Vantajosa, Ajzyk Goldberg, proprietário da Casa da Sorte, e os irmãos Kogan, com uma alfaiataria. Mas, nesse tempo, existiam poucas famílias judias em São Caetano: cerca de cinco. Moisés Ostrovsky relatou que, em sua infância, não teve nenhum amigo judeu aqui na cidade: eram todos cristãos. Isso demonstra a dificuldade de contato com



Crédito: Erexim Goldemberg (Isaías)

Cerimônia de Bar Mitzvah, nos oitentas do século XX. Erexim Goldemberg (Isaías) aparece entre o grupo.

judeus em São Caetano naqueles dias. Era preciso ir a São Paulo para encontrar outros judeus e praticar os rituais da fé judaica. De todo modo, a comunidade judaica concentrou-se principalmente no bairro da Fundação e no centro de São Caetano, mais precisamente nas ruas Perrella, 28 de Julho, João Pessoa e Pará, onde se localizavam seus estabelecimentos comerciais. Com a construção da estação ferroviária de São Caetano, essa região tornou-se passagem para os que vinham de outros lugares e de cidades vizinhas. Ali era o local ideal para as lojas do ramo de móveis, que passou a ser de predominância judaica. Apesar de mais residenciais, outros bairros da cidade também receberam vários comerciantes da comunidade. Entre eles está o Monte Alegre, que teve como pioneiros Salomão Lachterman, com a Casa de Móveis Rumania, e Zelig Grymberg, com O Barateiro. Na vila Paula, Israel Tworecki dedicou-se à venda de colchões e, mais tarde, obteve sucesso com a marca de colchões Saúde, ganhando o mercado nacional.

SOCIEDADE ISRAELITA - No fim da Segunda Guerra Mundial, mais judeus vieram para o Brasil, e alguns deles escolheram São Caetano para viver. A comunidade, inicialmente composta de cinco famílias, passou então a contar com 70 famílias, o que ensejou a formação de uma sociedade benemérita e a construção da

sinagoga local. A criação da Sociedade Israelita foi o primeiro passo para a organização da comunidade judaica na cidade, pois, nessa época, São Caetano já havia crescido, a Segunda Guerra Mundial já havia terminado e muitos judeus já se haviam dirigido ao Brasil na tentativa de construir vida nova. A Sociedade Israelita era tão forte que manteve durante duas décadas uma escola primária, uma creche e o Grêmio Israelita de São Caetano, que teve como primeiro presidente Carlos Gerchtel. (O vice-presidente era Júlio Zimerman.) No currículo da escola ensinavam-se o hebraico e a religião judaica. Mais tarde, porém, a escola fechou por falta de alunos e recursos. Esse fato de certa forma demonstra que se tratava de uma comunidade representativa, que se havia expandido relativamente nos últimos anos, mas ainda, em termos absolutos, não tão numerosa. Isso se vê no depoimento de um dos mais antigos judeus da cidade, Erexim Goldemberg, conhecido como Isaías, 74 anos, presidente da Sinagoga de São Caetano e proprietário da Gold Comercial e Elétrica Ltda. *A cidade era totalmente diferente. A sinagoga já existia e era bem atuante, porque naquela época havia 90 famílias de judeus. Com o passar do tempo, muitos se mudaram e faleceram, o que tornou a comunidade restrita e pequena. Hoje temos praticamente 25 famílias. Quando há festas, porém, principalmente as de ano novo, todos vêm pra cá. Nos quarentas e cinqüentas a vida cultural da comunidade era intensa. Como havia relativamente muitas famílias judias na cidade, existiam também muitas crianças. A Sociedade Israelita, então, oferecia à comunidade um jardim da infância com professora; depois, chegou mesmo a oferecer curso primário. Mas se tornou deficitária, porque não tínhamos verbas para sustentar o número necessário de professoras. Então, a escolinha foi fechada. Deixamos só o jardim da infância que, por fim, também foi fechado. (...) Com o tempo, construímos um salão, lá no fundo, onde fazemos reuniões e a*

festa da Tora, para a qual todos vêm e da qual todos participam. (...) As mulheres trazem doces. Agora a festa não tem tanto movimento como antigamente, porque naquela época tínhamos jogos, clube recreativo, futebol de salão etc. (...). Antigamente, os casamentos da comunidade eram realizados na sinagoga. Agora, o pessoal costuma ir para São Paulo, nas sinagogas de lá. (...) Uma vez por mês nós reuníamos as famílias da comunidade para o baile mensal: vinham conjuntos de música e todo mundo se divertia.

ISAÍAS - Nascido na cidade de Erexim, no Rio Grande do Sul, Isaías, como gosta de ser chamado, veio para São Paulo com cinco anos de idade. No entanto, as marcas da cidade onde nasceu sempre o acompanharam, inclusive em seu nome, que acabou sendo Erexim. Isso ocorreu porque seu pai, que não falava bem o português, quando o registrou em cartório disse em hebraico o nome que desejava colocar no filho e não foi compreendido pelo escrivão, que acabou registrando o recém-nascido com o nome de Erexim. *Os meus pais, quando vieram da Europa, em 1910, foram os primeiros imigrantes que chegaram à Terra Quatro Irmãos, em Erexim, no Rio Grande do Sul, para plantar trigo. A minha mãe veio da Rússia com os meus avós. Levaram 25 dias para chegar de navio. Meu pai veio da Romênia. Chegaram sem nada: literalmente com uma mão na frente e outra atrás. A situação foi tão difícil que os pais de Isaías fizeram a primeira plantação de trigo apenas com as mãos, pois nem ferramentas tinham. Meus pais se conheceram em Erexim e sempre mantiveram os seus rituais judeus, mesmo sem a sinagoga. Naquela época, a cidade era muito pobre, as casas eram de madeira e as pessoas não tinham nada. Após 1939, no tempo da Segunda Guerra Mundial, os meus pais resolveram vir para São Paulo, porque estávamos crescendo e lá não havia escolas onde estudar. Quando os genitores de Isaías vieram para São Paulo, seu pai foi trabalhar como mascate e sua mãe ficava em casa para cuidar dos filhos. Não*



Crédito: Priscila Gorzoni

demorou muito e Isaías também precisou trabalhar, para ajudar a família. Ele tinha dez anos quando arrumou trabalho de office-boy de escola. Com o tempo, seu pai melhorou de vida e abriu uma pequena indústria de malha. Saí da firma em que trabalhava e me juntei com meu pai. Foi nessa época que eu conheci a minha mulher, em um baile de carnaval no Bom Retiro, que naquela época era o bairro dos judeus. A mulher de Isaías, Sarah, é filha de judeus nascida em São Caetano do Sul. Estou aqui desde 1958. Quando vim pra cá tinha 27 anos e comecei trabalhando na loja de móveis do meu sogro. Ficamos juntos até o seu falecimento. Depois disso, fechamos a loja. Então, meu filho se formou engenheiro elétrico e resolvemos abrir uma loja de materiais elétricos. A loja de Isaías fica no bairro da Fundação, na avenida Conde Francisco Matarazzo. Como ali foi o início da cidade, muitos membros da comunidade tinham lojas lá, explica o judeu. Embora existam poucas famílias judias em São Caetano, mesmo assim as principais festas da tradição judaica são realizadas aqui. Costumamos fazer, todas as sextas-feiras, o culto. No final do ano fazemos a Rosh Hashana e o Iom Kipur, Dia do Perdão, no qual todos jejuam durante 24 horas. Depois, temos a festa da Tora, que é tradicional. Ela acontece todos os anos, desde a fundação da sinagoga nos últimos quarentas. Este ano a festa

*Erexim Goldemberg
(Isaías) na Sinagoga de
São Caetano do Sul,
em 2006*

Os judeus no Brasil

O Brasil conta hoje com uma população de 200 mil judeus: a segunda maior comunidade judaica da América Latina e a décima primeira do mundo. O Brasil foi palco da primeira comunidade judaica estabelecida nas Américas. Devido à expulsão dos judeus de Portugal, aqueles convertidos ao catolicismo (cristãos-novos) já se haviam estabelecido na nova colônia, mas a maior parte desses primeiros judeus chegou ao país na época das invasões holandesas, em 1636. O Nordeste ficou sob o domínio holandês por 24 anos. Nesse período, muitos sefarditas estabeleceram-se no país, principalmente em Recife, onde se tornaram prósperos comerciantes. Com a expulsão dos holandeses, praticamente todos os judeus estabelecidos no Brasil fugiram para a Holanda, as Antilhas ou a América do Norte, onde fundaram a primeira comunidade judaica dos Estados Unidos. As últimas informações sobre a presença de judeus ibéricos no Brasil datam de meados do século XVIII. Nessa época, com o desenvolvimento da mineração na colônia, milhares de portugueses deslocaram-se para a região das Minas Gerais, entre eles um número considerável de cristãos-novos. Através da Inquisição, muitos desses sefarditas foram julgados, enviados a Portugal e condenados à prisão. Em verdade, muitos desses cristãos-novos já não mantinham ligações com o judaísmo, mas, por serem ricos comerciantes e mineradores, eram acusados de praticar judaísmo por seus inimigos e dificilmente se livravam das condenações da Inquisição. Uma nova onda de imigrantes judeus começou a chegar ao Brasil em fins do século XIX. Essa imigração judaica está inserida dentro do fenômeno da grande imigração no Brasil, que ocorreu principalmente entre 1870 e 1920. Nesse período, cerca de 5,5 milhões de imigrantes desembarcaram no Brasil, tendo sido o número de judeus não muito expressivo, pois eles preferiam imigrar para os Estados Unidos. Durante o Império, uma constituição foi promulgada, garantindo liberdade de culto no Brasil, o que facilitou a vinda de imigrantes judeus. A maior parte era proveniente da Rússia e da Polônia. A maioria deles desembarcava no Porto de Santos e rumava para a cidade de São Paulo, onde rapidamente se constituiu uma próspera comunidade de comerciantes judeus. Com a ascensão do nazismo na Alemanha, nos últimos vinte, formou-se um maior contingente de imigrantes judeus que rumou para o Brasil. Além de São Paulo, (principalmente no Bom Retiro), os judeus marcaram presença no Rio de Janeiro, no Sul e em outras partes do país.

aconteceu dia 26 de setembro. Além disso, a Federação Judaica de São Paulo costuma reunir todas as pequenas comunidades do estado e fazer uma festa anual. Nela estão São Caetano, Santo André e outras cidades. Do Grande ABC, São Caetano do Sul é a menor comunidade judaica. A sinagoga da cidade não tem rabino, mas um hasan, que dirige a reza e as festas. Às sextas-feiras, durante as rezas, nós lemos a Tora. Mantemos as tradições alimentares especialmente durante algumas festas. Na da Páscoa, que dura oito dias, nós não comemos nada que tenha farinha e fermento. Alguns alimentos são proibidos, isso porque esta tradição vem de quando os judeus fugiram do Egito e, para comer o pão, eles assaram a massa e ela ficou oca. Por isso o pão é fundamental na data. No Dia do Perdão não se come nada. Nesse dia eu venho à sinagoga às 17 horas para receber o pessoal e as doações que mantêm a sinagoga. Tomo apenas uma sopa com um pedacinho de carne e como uma fruta. Só vou jantar às 19 horas do dia seguinte. E a gente até se sente bem, porque é uma pausa para o estômago. Durante as festas nós recebemos doações para ajudar na manutenção da sinagoga. Como presidente procuro sempre organizar as atividades da comunidade. Parte da família do pai de Isaías ficou na Europa. Alguns de seus familiares não conseguiram fugir da perseguição. Seus avós e tios inclusive foram mortos.

() Priscila Gorzoni é jornalista*

BIBLIOGRAFIA -

GERCHTEL, Carlos: "No desenvolvimento de nosso comércio, méritos para a colônia judaica". Revista *Raízes*, 24, dezembro de 2001.

JOVANOVIC, Aleksandar: "Os filhos de Israel nas terras do Tijucuçu". Revista *Raízes*, 8, dezembro de 1992.

Crédito: Fundação Pró-Memória



Oswaldo Perrella, fundador e primeiro presidente da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção Abcdmrr

Crédito: Fundação Pró-Memória



O presidente Miguel Garofallo e o tesoureiro Décio Molan com as recordações expostas no museu da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

A guerra de 1939/45 e os pracinhas do ABC

O livro *Cantos e Recantos*, lançado em maio deste ano pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, publicou textos de várias pessoas, todos eles enfocando temas relacionados com a nossa cidade e considerados relevantes pelos seus autores.

Em atenção ao convite que nos foi formulado, abordamos assunto relacionado com os pracinhas da Segunda Guerra Mundial. Surpreendeu-nos a repercussão alcançada pelo nosso artigo. Várias pessoas nos procuraram para falar sobre o assunto

abordado, o que nos leva a voltar ao assunto com mais informações sobre a guerra de 1939 a 1945 e os moradores do Abcdmrr que dela participaram. Julgamos muito interessantes os dados que passamos a transmitir aos nossos leitores.

Em assembléia realizada no dia seis de outubro de 1963, em São Caetano do Sul, na rua São Paulo, nº 1.329, às 16h, foi fundada a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção do Abcdmrr. A primeira diretoria ficou constituída pelos senhores Oswaldo Perrella, presidente; Miguel



Garofalo e Molan em frente ao tanque de guerra e ao canhão existentes na parte externa do museu

Crédito: Fundação Pro-Memória



Crédito: Fundação Pro-Memória

O busto do Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, um dos três comandantes da FEB, ocupa lugar de destaque na mostra dos pracinhas do Abcdmrr

Garofalo, vice-presidente; secretário geral, Torquato Fratti; primeiro secretário, Pedro Alexandrino; segundo secretário, Vicente Pagano; primeiro tesoureiro, João Marlan Martinez; segundo tesoureiro, Messias Siqueira.

Durante muitos anos a sede da entidade foi na rua Pará, nº 86, São Caetano do Sul. Há 30 anos o então prefeito de Santo André, Antônio Pezzolo, cedeu para a associação, em comodato, um amplo terreno em Santo André, na vila Guiomar, rua Dom Jorge Marcos de Oliveira, nº 100, onde os ex-combatentes construíram sua sede social.

Oswaldo Perrella presidiu a entidade durante muitos anos e, ultimamente, por motivo de saúde, passou o cargo para Miguel Garofalo, que, desde a fundação da entidade, ocupava o cargo de vice-presidente. Com aproximadamente 86 anos de idade e a saúde abalada, em setembro último, quando

redigíamos este artigo, Oswaldo Perrella encontrava-se na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Militar, na rua da Independência, em São Paulo.

A construção da sede dos ex-pracinhas deixou um recuo grande em frente à rua Dom Jorge Marcos de Oliveira, onde estão expostos um avião, um tanque de guerra, dois canhões usados em 1939-45 e o busto do marechal Mascarenhas de Moraes. Em salas internas do museu encontram-se armas menores, uniformes, troféus, quadros, pinturas, medalhas, livros, bandeiras etc.

Estivemos conversando com dois integrantes da FEB - Força Expedicionária Brasileira, Miguel Garofalo, presidente, e Décio Molan, 1º tesoureiro. Relembrem-se de fatos ocorridos nos campos de batalha, dos comandantes gerais Zenóbio da Costa e João Batista Mascarenhas de Moraes, citando este como muito querido por todos e



Um dos torpedos usados na guerra de 1939-1945 está presente na sede da entidade

Crédito: Fundação Pro-Memória



Crédito: Fundação Pro-Memória

Avião usado nos combates travados na Itália é parte da coleção exposta no museu da Associação dos Ex-Combatentes do Abcdmrr

também o que mantinha mais contato com os soldados.

A associação comemora todas as datas nacionais, em especial o dia oito de maio, que marca o término da guerra. Nessas comemorações comparecem os pracinhas ainda vivos, com familiares, bem como muitas viúvas dos que faleceram. Chegaram a ter 530 sócios, não só do Abcdmrr, mas também de municípios vizinhos. Hoje o quadro social está reduzido a 130 pessoas, incluindo as viúvas que permanecem sócias, o que torna difícil a manutenção da associação.

Os primeiros 5.081 pracinhas chegaram à Europa no dia 16 de julho de 1944. Outros contingentes foram chegando, atingindo um total de mais de 25 mil homens, incluindo dois generais e 892 oficiais do exército. Foram enviados também 80 canhões, cinco mil viaturas e quatro mil cavalos. A FEB teve as seguintes baixas:

mortos, 21 oficiais e 444 soldados; feridos, 2.772; prisioneiros, 35; desaparecidos, 16.

Historiadores militares norte-americanos escreveram que os soldados brasileiros saíram-se *muito bem* , que a FEB *completou todas as missões que lhe foram confiadas e [que, por essa razão,] pode ser comparada favoravelmente com as divisões americanas do IV Corpo.*

Uma visita às instalações e ao museu da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, seção Abcdmrr, é, não somente conhecer a contribuição dos heróicos pracinhas desta região na guerra de 1939-45, mas, também e principalmente, reviver esse episódio histórico do glorioso exército brasileiro.

(*) Mário Porfírio Rodrigues, ex-presidente do Rotary Club de São Caetano do Sul (1953-54)

Crédito: Duílio Buso



Inauguração do Buso Palace, em 19 de setembro de 1976. Da esquerda para a direita: Sílvio Augusto Buso, Lígia Cecília Buso Sernagiotto, Yolanda Fillet Buso, Duílio Buso, Maria Aparecida Buso e Jaime Buso

Duílio Buso: a vida de um empreendedor

Duílio Buso nasceu em São Caetano em 28 de agosto de 1929, primeiro filho dos imigrantes italianos Sílvio e Carolina Buso. Teve sete irmãos: quatro mulheres e três homens. Jaime Buso foi o irmão mais novo que o acompanhou em todos os projetos de vida profissional e pessoal, o parceiro nos empreendimentos que realizou. Casou-se em 20 de dezembro de 1952 com Yolanda Fellet, com quem teve dois filhos: Lígia Cecília e Sílvio Augusto. Seu pai, Sílvio, compareceu à assembleia geral do São Caetano Esporte Clube (SCEC), em primeiro de maio de 1914, e, conseqüentemente, foi um dos fundadores da agremiação.

PAIXÕES: FUTEBOL E SCS - Na infância jogava nos campinhos vizinhos de sua residência. Foi treinar e agradou aos dirigentes esportivos do São Caetano EC. O técnico do departamento juvenil, Nelson Flosi, escalou-o como centroavante.

Posteriormente, quando subiu para a equipe maior, a dos amadores, seu técnico, Fernando Ortega, mudou sua posição: foi

jogar de lateral direito, posição em que permaneceu por muito tempo.

Nesta equipe fez parte do famoso esquadrão dos amadores do SCEC, que ficou invicto durante 14 partidas em seu campo da rua Paraíba.

Qual esportista daquela época não se lembra da famosa equipe com Dito, Padovan e Primo; Duílio, Hanz e Binha; Pavin, Fubá, Canapia, Sacucci e Lazinho.

Quando o São Caetano Esporte Clube fez fusão com o Comercial Futebol Clube, da Capital, em 1955, foram extintos os departamentos esportivos do clube. Duílio, então, sempre como lateral direito, foi defender o Clube Atlético Monte Alegre.

Defendeu, também, mas por pouco tempo, o Cruzada Esportes. Encerrou, depois, sua carreira no Atlético Corinthians, equipe da qual uma parte do extinto time de amadores do São Caetano Esporte Clube fez parte.

EMPREENDEDORISMO - Duílio desde menino mostrou-se um líder. Na família foi o

Crédito: Duílio Buso



Juvenil do São Caetano Esporte Clube, ano de 1944. Da esquerda para a direita: Gala, Biguá, Nelson, Duílio, Gueco, Pavin, Caetano, Pardal, Chico, Pavin II, Diogo e Odilon

esteio que, através de sua capacidade de empreender, possibilitou colocação para todos os irmãos nos negócios que realizou. Vale lembrar que ocupou várias frentes de trabalho, como por exemplo padarias e cerâmicas. Técnico em louças sanitárias até os últimos cinqüentas, a partir daí adentrou o comércio de bebidas, tornando-se por muitos anos um dos maiores comerciantes desse ramo no ABC. Por volta dos setentas do século passado, já gozando de sucesso, resolveu investir na sua cidade. Foi um apaixonado por esta cidade, tanto que seus investimentos foram aqui.

Num dos terrenos de sua propriedade idealizou e realizou seu grande sonho, a construção de um salão de festas. Acreditava que, assim, além de um novo negócio para sua carreira de empresário, estaria presenteando a sua cidade. Junto com seu fiel parceiro, o irmão Jaime, inaugurou o

Buso Palace, em 19 de setembro de 1976, na avenida Goiás, 3.363, com aproximadamente seis mil m².

Durante a construção do Buso Palace, seu cunhado, Sebastião Fernandes, entre outros, auxiliou-o no projeto e na administração na obra. Após a inauguração, evento que marcou a sociedade na época, sua equipe operacional foi composta por sancaetanenses como Raul Parra, Edgard G. Polido, Ubiratan Garcia, Luiz Scimini, Clemente Gimenez e seus sobrinhos Wilson e Adilson Zanolini, entre outros, além da fiel secretária, Sônia Marli de Oliveira, que até hoje presta serviços à família Buso.

Muitos eventos ali realizados embalsaram, durante décadas, a vida de muitas pessoas. Alguns deles também contribuíram muito para elevar o nome de nossa cidade, como por exemplo o Baile Branco, realizado pelo Lions Clube. Quem,

Crédito: Duílio Buso



A dupla sertaneja Tonico e Tinoco com Duílio. Buso Palace, 1985

Crédito: Duílio Buso



Monte Alegre 2X2 General Elétric, jogo realizado no dia cinco de outubro de 1958.

Da esquerda para a direita, de pé: Zinho, Paulinho, Roma, Toni, Sule, Benoá, Noronha e Duílio. Agachados: Fogueira, Oscar Leite, Luís Greco, Élcio, Viche e João Bielei (massagista).

además, não se lembra de bailes com conjuntos como Super Som TA, Roberto Ferri, Três do Rio e Placa Luminosa?

As principais orquestras de São Paulo também fizeram apresentações no Buso Palace. Aqui estiveram Osmar Milani, Sílvio Mazzucca, Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara etc.

Os jovens da região do ABC dos últimos setentas e oitentas tinham as danceterias como ponto de encontro e freqüentavam sempre o Buso Palace, de sorte que muitos eventos ocorridos no salão de Duílio Buso chegaram a contar com mais de três mil pessoas.

Passaram ainda pelo palco daquele salão grandes artistas do cenário nacional e internacional como Roberto Carlos, Alcione, Francisco Petrônio e seu Baile da Saudade, Agnaldo Rayol, Luís Gonzaga e Gonzaguinha, Tonico e Tinoco, Gal Costa, Jair Rodrigues, Zeca Pagodinho.

No final dos oitentas do último

século, seu filho Sílvio assumiu a administração do salão e, na década seguinte, passou-a para as mãos de seu sobrinho David César, filho de seu irmão Jaime. Contudo, os noventas foram ingratos para o ramo de eventos. Devido à perda do poder aquisitivo da população, os eventos grandiosos perderam espaço para outros empreendimentos. Atualmente, as dependências do Buso Palace estão locadas para empresas do ramo automobilístico que trazem grandeza para esta cidade.

O sonho de um apaixonado por São Caetano, que através de sua visão empreendedora trouxe tempos áureos para a sociedade do ABC, está na memória de muitas gerações que ali tiveram encontros, amizades e alegrias. O Buso Palace foi um orgulho para esta cidade.

() Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul*

*Carnaval de 1977
no Buso Palace*



Crédito: Duílio Buso

Árvore genealógica secular e suas origens

Esta árvore tem sua história iniciada em torno do ano de 1500, quando os mouros vindos do norte da África se estabeleceram na Península Ibérica. Posteriormente foram expulsos desta região, por volta do ano de 1570, espalhando-se pelas montanhas do norte da Itália, principalmente na região do Vêneto, notadamente na Província de Veneza. A partir dos séculos XIX e XX, muitos habitantes dessa localidade emigraram para o Brasil, geralmente fixando residência no Sudeste e no Sul.

MORET - A palavra *Moret* tem origem moura, e essa forma de grafia pertence ao dialeto Vêneto, que em geral elimina a vogal final da palavra. Atualmente, esse dialeto é falado por cerca de dois milhões de pessoas. A palavra *Moret* foi modernizada com a grafia *Morreti*.

A família Moretti é proveniente das cidades de Vittorio Veneto, Capella Maggiore e da vila de Santa Appolinia, que é o objeto desta árvore genealógica.

GENEALOGIA - A coleta de informações e registros foi conseguida pelos nossos parentes na Itália e também pelo nosso familiar Paulo Augusto Moretti, que viajou por duas vezes à Itália em busca de informações no Vêneto.

Paolo Moretti é o membro mais antigo da família de que temos conhecimento. Nasceu em Cappella Maggiore, em 1780, e faleceu nessa mesma cidade, por volta de 1845. Casou-se com Lucia Salvadore e teve um filho chamado Giuseppe Moretti.

Giuseppe Moretti, filho de Paolo, nasceu no dia dois de agosto de 1812, em Capella Maggiore. Casou-se com Caterina Armelin e teve um único filho desta esposa, chamado Antonio Moretti. Casou-se pela segunda vez, com Luiggia Marchiori, tendo tido dois filhos, Isodoro e Catherina.

Existem informações seguras de que Isodoro Moretti teve um filho, chamado Giovanni Moretti (o Bello), que veio para o Brasil em 28 de julho de 1877 e, com outras famílias, fundou a cidade de São Caetano do Sul (cf. *Raízes*/ julho de 1991 - página 81).

Antonio Moretti, filho de Giuseppe, nasceu em Cappella Maggiore, casou-se com Giovanna Zanetti e teve dez filhos, dos quais cinco faleceram ainda na infância, algo muito comum na época. Os filhos que sobreviveram são: Tereza Moretti, que se casou com Natale de Nadai e veio para o Brasil em 1894, tendo residido na cidade de Cerquillo, em São Paulo, e tido seis filhos: Ernesto, Hildebrando, Antônio, Pedro, Maria e Fiovarante; Fiovarante Moretti, que veio para o Brasil em 30 de julho de

1922, casou-se com Tereza Zanetti e teve sete filhos: Giovannina, Severina, Giovanni, Ângelo, Fiorentina, Maria e Luíza; Hildebrando Moretti, que veio para o Brasil em 1920, casou-se com Antonietta J. Mariotto e teve sete filhos: Giovanni, Tereza, Vittorina, Giuseppe, Josefina, Paulina e Otávio; Maria Moretti, que reside na Itália, casou-se com Giovanni Zanetti e teve quatro filhos: Luiggia, Valentino, Antonio e Vittore.

Padre Adriano Zanetti, vigário local, auxiliou-nos na coleta das informações da igreja e do cartório. É ele neto de Maria Moretti.

Pietro Moretti, por sua vez, é meu avô materno. Nasceu em Cappella Maggiore no dia 30 de junho de 1872. Imigrou para o Brasil, em nove de julho de 1922, no navio Piroscapo Plata, atracando no Porto de Santos em 30 de julho de 1922. A família estabeleceu-se por 18 meses na Fazenda Araguá Mirim, na cidade de São Manoel, em São Paulo. Posteriormente adquiriu uma fazenda na cidade de Cerquillo, em São Paulo, em 1924. Casou-se com Anna Uliana, e todos os nove filhos que teve com ela são italianos: Melania Giovanina, Antonia, Tereza, Maria, Marina, Augusta, Domenico, Tarcisio e Crescenzo.

Melania Giovanina Moretti casou-se, em 12 de dezembro de 1920, com Antonio Natale Frare. Tiveram três filhos italianos e oito filhos brasileiros. Imigraram para o Brasil em setembro de 1925, fixando residência com meus avós maternos na cidade de Cerquillo. Os filhos são: Maria, Pasqua, Vito Modesto, Ana, Ludovica, Pedro, Antônio, Bonaventura, José Eugênio, Crescência e Giocondo.

Antônio, meu pai, participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tendo sido sargento do 78º Regimento de Infantaria do V Exército Italiano e recebido condecorações. A história das batalhas do 78º está na revista *Raízes* de janeiro de 1994. A partir do ano de 1958, passamos a residir na cidade de São Caetano do Sul praticamente com toda a família.

Após dez anos de pesquisas para a elaboração desta árvore genealógica, pudemos constatar a existência de 350 núcleos familiares em nossa família, num total de 1.400 descendentes diretos. Foram feitas duas confraternizações, reunindo essas 350 famílias, em 1999 e 2000. Mil pessoas participaram dos dois eventos.

(*) *Bonaventura Moretti Frare é professor federal de ciências exatas aposentado*

Uma sociedade sem imagens



Câmara obscura (desenho)

Podemos imaginar uma sociedade sem imagens?

A História nos conta que, 30 mil anos antes da Era Cristã, o ser humano desenhava. As pinturas rupestres, os desenhos simples de marcas de palma de mãos nas paredes das cavernas e a representação de animais ou pessoas mostram que as imagens vêm acompanhando o homem antes de outras formas de expressão ou até de comunicação.

Os desenhos - que insistem em nos intrigar - das profundezas das cavernas ou nas superfícies rugosas das pedras foram feitos por antepassados nossos, e, pelo que já foi descoberto até o momento, não eram habilidades praticadas por todos, mas por alguns, talvez mais habilidosos, mais engenhosos, atuando como representantes dos membros daquele grupo.

Mas esses desenhos e essas pinturas indicam-nos a necessidade da imagem para simbolizar, expressar, comunicar, talvez até unir, um determinado grupo de indivíduos. Ou, talvez, representem uma forma de o indivíduo buscar, através da imagem, sua vida interior, sua crença, sua espiritualidade, enfim, suas emoções.

Por esse motivo, algumas dessas pinturas rupestres, de mais de 30 mil anos, são consideradas obras de arte: foram desenvolvidas com materiais coletados, escolhidos entre o que estava disponível no ambiente, preparados e usados com certa constância dentro de um período, não aleatoriamente, mas com intenção e mediante escolhas. Há mais de uma pintura em que o autor utilizou-se da saliência e dos veios naturais da rocha para compor a imagem.

Sente-se aí a medida da necessidade que tem o ser humano de se expressar através da



Lanterna Mágica

Arte, mesmo que a obra de arte não seja de sua autoria. A capacidade de emocionar-se diante de uma imagem, de uma melodia, da leitura, da escrita, da fala, da dança, da escultura parece, portanto, não ser nova na história do ser humano neste planeta.

E isso explica muita coisa. A representação, através de imagens, do universo visível e mesmo invisível, foi sempre, no correr da História, privilégio de habilidosos artesãos e artistas que produziam, não para si, mas para os deuses ou seus representantes, “encarnados” nos sacerdotes e reis. Mesmo os grupos denominados por seus contemporâneos de bárbaros, por serem menos sensíveis, menos dotados de sociabilidade e mais rudes, deixaram alguma forma de representação em que havia busca de beleza. Espadas cruéis, lâminas afiadas mas adornadas, escudos pesados e extremamente úteis nas batalhas mas pintados, elmos emplumados, penduricalhos coloridos, pinturas representando figuras horrendas que tinham por função aterrorizar o inimigo e outras

de envolvente beleza tentando conseguir bênçãos de seres superiores.

Quando, no Ocidente, classificou-se um período da história de Era das Trevas, fez-se referência a um tempo em que apenas em remotos mosteiros, nas bibliotecas silenciosas e freqüentadas por poucos, desenhava-se, escrevia-se e cantava-se. A grande maioria das pessoas vivia sem acesso a imagens, figuras, sons harmônicos ou comunicação através de símbolos. Os signos eram entendidos por apenas alguns. E quando, ainda na história ocidental, considera-se uma outra época como Renascimento, não é apenas pelo desenvolvimento de técnicas e instrumentos de navegação, mas pela produção artística que surgia e procurava tornar-se mais ampla, mais acessível.

Mas as imagens ainda não pertenciam ou não eram acessíveis a muitos. A cidade proibida na China era proibida porque guardava beleza, abrigava obras de arte a ser desfrutadas somente pelo imperador e por seus íntimos.



Este fotógrafo, em 1857, fotografou a Guerra da Criméia. Pela primeira vez muitas pessoas tiveram acesso as terríveis imagens de uma batalha

O fotógrafo da guerra

Nas regiões mais remotas do globo, a posse de uma imagem era algumas vezes considerada crime. O ser humano que a possuísse poderia ser um mago, um xamã, um ser privilegiado. Sabemos que não está muito longe de nós, no tempo histórico, a idéia, disseminada em algumas culturas, de que ter consigo a imagem de alguém, o retrato de alguém, significa ter poderes sobre o ser humano ali representado. No retrato fotográfico estaria a alma do fotografado.

Diversos contos e romances narram-nos a avidez com que as pessoas guardam pedaços de papel com figuras que são do seu interesse, em épocas e recantos, quando e onde, em que eram escassas as imagens impressas.

Nas celas abandonadas de uma grande penitenciária desativada jazem figuras recortadas e coladas por aqueles que habitaram os tristes cubículos. Retalhos de uma vida sonhada através das imagens, sempre visíveis no cotidiano destituído de privacidade.

Muitas pessoas dizem que vivemos na Era das Comunicações. Talvez seja mais correto dizer que vivemos na Era da Imagem. Será

possível pensar um mundo, hoje, sem imagens?

O sonho de George Eastman, responsável pela fabricação e popularização dos filmes e câmaras, é hoje praticamente realidade. Ele queria que cada pessoa possuísse uma câmara fotográfica no bolso ou na bolsa, e isso ocorre com milhões de pessoas no mundo: todos os que possuem um telefone celular capaz de captar, além de sons, também imagens.

As imagens hoje são tão banais que umas se sobrepõem a outras, sem nenhuma escassez.

Como palimpsestos, as fotografias hoje são constituídas de imagens sobre imagens, tamanha é a quantidade de informações subjetivas que trazem. Informações que nelas estão, mas também em nós.

()Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Jerry Adriani:

toda a formação em São Caetano

*Eu logo notei em seu meigo olhar
que um grande amor ia começar
Você me sorriu e depois
tomou minha mão
e falou baixinho que precisava falar comigo sobre o amor...*

Jair Alves de Souza, paulistano do Brás (1947), cantor romântico de rock. Passou a adolescência em São Caetano entre 1958 e 1963. Aqui começou a carreira artística no início dos últimos sessentas. Fazia parte do grupo Os Rebeldes e se apresentava na Rádio Cacique e em programas de televisão como os de Júlio Rosemberg.

Mais de 30 discos e 500 canções gravadas depois - e, consagrado com o nome artístico de Jerry Adriani - o menino Jair volta ao Grande ABC e participa do nosso programa *Memória na TV* (**). Em foco, a sua história, de um menino que gostava de cantar em italiano, que foi aconselhado a seguir os passos de Elvis Presley e que inscreveu seu nome entre os dos grandes ídolos da juventude brasileira.

O mais legal é que, em seu depoimento, Jerry Adriani fala com o mais profundo sentimento de gratidão aos nossos São Caetano e ABC. Lembra das namoradinhas, uma de São Bernardo, outra de Santo André. Pergunta se o Clube do Xadrez, em Santo André, ainda existe. Rememora, principalmente, as vezes em que se apresentou na Rádio Cacique, no auditório da rua Santa Catarina.

O programa que ali apresentava, ao lado do radialista Antenor Zanardi, precisou

ser tirado do ar por um motivo muito simples: a multidão de jovens causava tumultos e dava prejuízo, espremendo-se entre as cadeiras e corredores, quebrando cadeiras, fazendo um auê que Jerry nunca mais esqueceu.

O depoimento de Jerry Adriani foi transmitido no projeto *Memória na TV*, do canal local ABC 3 (Vivax), em dez de agosto de 2005. Agora trazemos, via *Raízes*, a transcrição do depoimento de Jerry, na íntegra, pela primeira vez.

Todas as vezes que venho à região do ABC sou assaltado por todas estas lembranças. Nasci no bairro do Brás, na Zona Leste de São Paulo. Aos cinco anos perdi minha avó, e uma família de espanhóis tomou conta de mim, porque minha mãe trabalhava fora. Aqueles espanhóis passaram a ser grandes amigos da gente.

Depois minha mãe, Angelina de Espírito de Souza, ficou muito doente. Foi operada. Meu avô faleceu. Meu pai, José de Souza, ficou desempregado. Todas aquelas coisas que acontecem na vida da gente, tudo ao mesmo tempo. Foi quando este vizinho espanhol, sr. Luiz, conseguiu um emprego para o meu pai em uma firma da vila Prosperidade, uma fiação. Nossa família, eu, meu pai e minha mãe, essa "enorme" família, já que não tenho irmãos, nos mudamos para

cá. Eu não tinha ainda nove anos.

DONA SIOMARA - *Por aí começo minha vida realmente. E agora todas essas lembranças me vêm muito à mente: a minha mudança para São Caetano, como vai ser minha vida, quando chegar lá será que vou me habituar? Mas, claro, uma criança se habitua facilmente.*

Aqui fiz bons amigos. Tinha uma professora, dona Siomara, deve estar por aqui, tomara que esteja. E essa dona Siomara me incentivou muito a começar a cantar. Ela me colocou como vocalista do coral da escola.

PRIMEIRAS APRESENTAÇÕES - *Eu estudava acordeão, o instrumento da moda naquela época. Cantava ali na vila Prosperidade, em Utinga, em Santa Terezinha, em Camilópolis. Era muito garoto, muito menino. Já na adolescência, freqüentava os bailes. Lembro que, em Santo André, havia o Clube do Xadrez. Mas os lugares a que ia mais eram o Bossa Nova, em São Caetano mesmo, o Grêmio Estudantil 28 de Julho, da minha escola, o Instituto de Educação Bonifácio de Carvalho.*

A primeira escola de canto que freqüentei foi em Santo André - Conservatório Musical de Santo André. Lembro que a professora parece que se chamava Amélia, minha professora de teoria. Permaneci nesta escola quase um ano. E o meu professor de canto chamava-se Edgar Arantes. Não sei se estas pessoas estão vivas. E talvez os familiares nem saibam que fui aluno delas.

Andei cantando muito no clube da General Motors. Era contratado do clube da GM. Participei de concursos de cantos. Existia um programa chamado Peneira Rhodine, patrocinado pela Rhodia, de Santo André, um programa de calouros. Fui congado.

Cantei uma música chamada A noiva...

“Branca e radiante vai a noiva; logo a seguir o noivo amado”...

BLÉM...

Até hoje não entendi por que fui congado...

PROF. KROPPO - *Mas nos concursos de que participei sempre fui muito bem classificado. Sempre me classificava em primeiro, segundo, terceiro lugar. Cantava todos os tipos de música. Estudei cântico lírico com o professor Kroppo, em São Caetano, da Academia de Música Paulo Realle. Parei com a minha carreira de cantor lírico porque o professor Kroppo faleceu.*

Aí eu virei cantor de rock’n’roll, com um amigo meu de escola que é o Guilherme Dotta, que me convidou a entrar no grupo Os Rebeldes.

THE CONDORS - *Antes eu tinha um conjunto vocal, chamado The Condors, com Arlindo, Bernardo e José Avelare. Esse Bernardo era um rapaz de São Bernardo, nosso violonista. Era um grupo muito legal, mas que nunca chegou a decolar. Foi o José Avelare quem me chamou para fazer os Condors.*

O Bernardo, como era judeu ortodoxo, tinha dificuldades de cantar aos sábados. E era aos sábados que você tinha apresentações. Por isso, perdemos uma série de oportunidades nessa ocasião. Até que conheci o Guilherme, na minha escola, o Bonifácio de Carvalho, numa festa do Dia dos Professores.

GALERA DO NELSON - *Voltei a encontrar o Guilherme na Rádio Nacional (hoje Rádio Globo), para onde fui levado por um amigo meu. Esse amigo me arrumou um teste na Rádio Nacional. Fiz o teste, passei e cantei no programa Galera do Nelson, com o nome de Jair Paulino. Por que Paulino? Nem eu sei.*



Crédito: Fundação Pró-Memória

Cantei um samba.

*“Sorri enquanto eu vivo a soluçar,
porque acreditei que era feliz no
amor.*

*Verá como é vulgar a ilusão de amar.
Eu sei que um dia vais me procurar a
chorar e a pedir pra te perdoar.”*

*Eu cantei esse samba, do Francisco
Egídio. Foi legal. Consegui uma licença com o
meu chefe, na Coral, que era o sr. Alfio, sr.
Valter Palmas...*

TINTAS CORAL - *Ainda não era o Jerry.
Trabalhava na Coral, na avenida dos Estados.
Comecei como arquivista, atendente de
faturamento, batia os livros de despacho,
auxiliava no departamento de planificação e
transportes, principalmente com o sr. Alfio,
que se tornou um grande amigo meu e
protetor. Tanto é que me liberava às quintas-
feiras pra eu ir a São Paulo fazer os testes. Até
que consegui fazer esse teste para cantar na*

*Rádio Nacional, no programa do Nelson de
Oliveira, da Galera do Nelson.*

*Quando terminei de cantar, estava
deixando a Rádio Nacional, eu vi uma fila
enorme. Eram jovens esperando pelo
programa que viria a seguir. Era o programa
do Antônio Aguilar. De cara, encontrei o
Guilherme Dotta, que era o meu amigo do
Bonifácio de Carvalho. Ele fazia o clássico
quando eu fazia o ginásial.*

*Engraçado é que eu havia cantado
com o Guilherme, naquele Dia do Professor,
uma música do Joselito, um cantor mirim,
espanhol, de vários filmes: “Donde estara mi
vita...”.*

*Depois daquilo não vi mais o Guilherme lá na
escola. Fui ver o Guilherme neste dia no
programa do Antônio Aguilar. Foi quando ele
chegou pra mim e disse: “Você tem que
cantar rock’n’roll, cara! Teu negócio é cantar
rock. Vai lá me procurar que eu quero que
você entre pra banda da gente”.*

*Jerry Adriani durante
apresentação no salão
de festas do C.E.R.
Gisela, em junho de
1993*



Crédito: Foto - Luciana Simões TVT

Jair Alves de Souza nasceu em 29 de janeiro de 1947, no bairro do Brás, em São Paulo. Tornou-se artisticamente conhecido com o nome de Jerry Adriani e iniciou a vida profissional em 1964 com o LP *Italianíssimo*. No mesmo ano gravou o LP *Credi a Me*.

Em 1965 Jerry estourou com *Um Grande Amor*, primeiro LP gravado em português. Na mesma época, apresentou o programa *Excelsior a Go Go*, pela TV Excelsior de São Paulo, em parceria com o comunicador Luiz Aguiar. No elenco, nomes como Os Vips, Os Incríveis e Prini Lórez.

Comandou, entre 1967 e 68, na TV Tupi, o programa *A Grande Parada* (junto com Neyde Aparecida, Zélia Hoffmann, Beth Faria e Marília Pera), um musical ao vivo que apresentava os grandes nomes da MPB, consagrando-se definitivamente como um dos cantores de maior popularidade em todo o país.

No cinema fez três filmes como ator/cantor: *Essa Gatinha é Minha* (com Peri Ribeiro e Anik Malvil), *Jerry e a Grande Parada* e *Jerry em busca do Tesouro* (com Neyde Aparecida e os Pequenos Cantores da Guanabara). Nessa mesma época, final dos sessentas, ganhou o título de Cidadão Carioca, um projeto do deputado Índio do Brasil.

Jerry Adriani foi o responsável pela vinda de Raul Seixas para o Rio de Janeiro, de quem se tornou grande amigo ainda em Salvador. Raulzito e os Panteras, como eram conhecidos, formavam a banda de apoio que tocou com Jerry durante três anos. *Tudo que é bom dura pouco*, *Tarde Demais* e *Doce, Doce Amor* foram algumas das músicas de Raul Seixas gravadas por Jerry. Raul foi produtor de Jerry de 1969 a 1971, até iniciar sua carreira solo.

Na primeira metade dos setentas, Jerry Adriani, já um artista consagrado, expandiu seu talento musical para vários países. O cantor gravou discos e fez shows que tiveram grande sucesso na Venezuela, no Peru, nos Estados Unidos, no México, no Canadá e em outros países.

Em 1975, Jerry participou do musical - no Hotel Nacional - *Brazilian Follies*, dirigido por Caribé Rocha, que ficou um ano e meio em cartaz.

No início dos noventas, gravou um disco que trazia de volta as origens do *rock'n'roll*: *Elvis Vive* (um tributo ao Rei do Rock, do qual sempre foi fã). Esse foi o vigésimo quarto disco de sua carreira.

O ano de 1994 veio acompanhado de um convite do diretor Cecil Thiré para participar da novela *74.5 Uma Onda no Ar*, produzida pela TV Plus e exibida pela Rede Manchete. A novela também foi exibida com grande sucesso em Portugal.

PRÊMIO SHARP - Jerry foi indicado quatro vezes para este prêmio, na categoria cantor popular: 1989 - LP *Marcas da Vida* - melhor cantor, 1990 - LP *Elvis Vive* - melhor disco e melhor cantor, 1993 - LP *Doce Aventura* - melhor cantor, 1995 - LP *Rádio Rock Romance* - melhor disco - melhor cantor.

No final de 1995, Jerry destacou-se, com expressivo sucesso, no lançamento de uma supercoleção com os *Maiores Sucessos dos 30 anos da Jovem Guarda*, pela gravadora Polygram, como convidado especial. Lançaram-se na oportunidade cinco CDs comemorativos ao movimento, relembrando grandes sucessos como *Broto Legal*, *Namoradinho de um amigo meu*, *Querida* e *Doce, Doce Amor*.

Em 1996, lançou o CD *IO*, com grandes clássicos da música italiana e produção de Roberto Menescal, arranjos e direção de Luizinho Avelar. Esse disco teve grande aceitação no mercado.

Em 1997 participou da trilha sonora da novela *A Indomada*, da Rede Globo de Televisão, com a música *Engenho*, letra de Aldir Blanc e música de Ricardo Feghalli, e da novela *Zazá Internacional*, também da Rede Globo, com a música *Con Te Partirò*, com a participação da cantora Mafalda Minozzi.

Participou, em 1998, da gravação de *Mil Faces*,

um dos temas principais do programa infantil *Vila Esperança*, da TV Record, e foi convidado para interpretar *Impossível Acreditar que Perdi Você*, composição de Márcio Greick para o projeto de *Sucessos dos anos 70*, lançamento Polygram.

Lançou pela Indie Records, em 1999, *hits* da Legião Urbana em uma versão para o italiano. Do repertório: *Se fiquei esperando meu amor passar*, *Será*, *Monte Castelo*, *Há tempos*, *Giz*, *Angra dos Reis*, *Quando o sol bater na janela do seu quarto*, *Vento no litoral*, entre outros.

Forza sempre (Força sempre), que Jerry considera um marco em sua carreira, teve grande aceitação e ultrapassou as 200 mil cópias vendidas. A produção foi de Carlos Trilha, também produtor de Renato Russo no *Equilíbrio Distante* e tecladista da banda. Participam também do trabalho outros músicos que acompanhavam os shows da Legião: Fred Nascimento e Jean Fabra, também autor de sete versões das músicas para o italiano. As outras três ficaram a cargo do cantor e compositor italiano Gabriele de L'utre.

A canção *Santa Luccia Luntana*, interpretada por Jerry, foi uma das mais executadas na trilha sonora da novela *Terra Nostra* (música incluída como *bonus track* no CD *Forza Sempre*).

Entre 2000 e 2001, Jerry gravou *Tudo Me Lembra Você*, mesmo título da música de trabalho que também fez parte da trilha sonora da novela *Roda da Vida*, exibida pela Rede Record.

Seu mais recente trabalho chama-se *O Som do Barzinho Italiano*, também pela Indie Records, com produção de Miguel Plopschi. Jerry faz uma releitura de músicas que já fazem parte da cultura musical Italiana como *Io Che Amo Solo Te*, de Sergio Endrigo, trazendo também novos nomes como Eros Ramazzotti na interpretação de *Cose Della Vita* e Alessandro Safina com a maravilhosa *Luna*.

Jerry Adriani continua escrevendo sua autobiografia, que deverá ser lançada em breve.

(Texto extraído de www.jerriadriani.com.br)

Na verdade, era conjunto. Não se dizia banda na época.

Passei a ser vocalista d' Os Rebeldes. RÁDIO CACIQUE - Fiz grandes amigos na Rádio Cacique. Norma Takayama, minha grande amiga. O Carlos Neves. A Zilá Gonzaga, que encontrei outro dia em Sorocaba. O Nelson Robles. O Zanardi (Antenor Zanardi) apresentava um programa pela Rádio Cacique comigo. Fazíamos o programa eu, Os Rebeldes e o Zanardi. Cantava todas essas músicas que eu cantei aqui e mais algumas.

O nosso programa foi tirado do ar porque havia muito tumulto no auditório. Quebravam as cadeiras. E o sr. Mário Ferreira, que era o dono da Rádio Cacique, "gentilmente" tirou o programa do ar.

Com Os Rebeldes não gravei nada. Chegamos a fazer aquelas tentativas... Éramos pobres, meninos pobres do ABC.

A minha vida é impressionante. Como é que deu certo, como é que consegui ser artista? Isso eu vou contar no meu livro biográfico com detalhes. Mas foi uma coisa impressionante.

Trabalhava na Coral e estudava à noite. Como é que podia ter tempo pra ensaiar? Trabalhava o dia inteiro e estudava à noite. Não dava. Comecei a treinar violão. Comprei uma guitarra: E treinava quando chegava do trabalho. Morava na vila Prosperidade. Da escola, tinha de tomar um ônibus ali na avenida Goiás. Demorava uns 15 minutos para chegar em casa e rezava para não perder o último ônibus. Não podia fazer farra, porque se perdesse o último ônibus tinha de ir a pé.

Nesse tempo, eu cantava...

"Você anda namorando a minha filha com segunda intenção (Adivinhão).

Você anda namorando minha filha

pra poder botar a mão (Adivinhão).

Se o teu negócio é andar de lambreta, quando fala em casamento você faz careta.

Vai dando fora, playboy, caso contrário eu lhe meto a mão..."

JERRY ADRIANI - *Fui convidado pela CBS para fazer um teste de músicas italianas. Passei no teste para gravar o primeiro disco. Tinha uma namorada em São Bernardo. Vim direto do estúdio, depois do teste, pra dar a notícia à minha namoradinha.*

No primeiro disco, decide-se finalmente pelo meu atual nome artístico: Jerry Adriani. Jerry de Jerry Lewis, de quem sou fã.

O nosso primeiro empresário foi o jornalista Valdir Pires (News Seller, Diário do Grande ABC). Foi um grande amigo meu. A primeira nota sobre o Jerry que saiu no jornal - e nem era Jerry Adriani nesta época - foi o Valdir quem deu.

MEMÓRIA - *Eu acho que essa coisa de memória é muito importante. Dizem que o brasileiro não tem memória. Acho que não é bem por aí não. Tem memória sim. Mas é claro que você precisa dizer às pessoas novas, que estão chegando aí. É preciso contar essas histórias para elas.*

Tem gente do ABC que não sabia que o Jerry Adriani era daqui. Já o pessoal da minha época sabe.

() Ademir Medici é jornalista.*

*(**) O Memória na TV é um projeto da Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Santo André. Apoio: TVT e Vivax.*



Guilherme Belloto em depoimento gravado na Fundação Pró-Memória - 2006



Crédito: Fundação Pró-Memória

Guilherme Belloto, entre os carros da GM e o futebol do Palestra

Guilherme Ferreira Belloto, paulistano do Bom Retiro, nascido em nove de janeiro de 1928, aos dois anos de idade veio para São Caetano com a família. Seu pai, Joaquim Ferreira Belloto Filho, embora descendente de italianos, nasceu em Portugal e, já adulto, veio ao Brasil para trabalhar na Light. Aqui conheceu Georgina Martinelli, imigrante italiana, com quem se casou. Dois meses antes de Georgina dar Guilherme à luz, Joaquim faleceu. Cerca de dois anos após a morte do marido, a italiana casou-se novamente, desta vez com José Menchini, viúvo, que, no início dos trintas do século passado, veio trabalhar na General Motors (GM) em São Caetano do Sul.

Aí minha mãe, depois de uns dois anos mais ou menos, casou justamente com o José Menchini. Para mim ele era pai. Mais

pai do que qualquer coisa. Ele trabalhava na GM (...). Por volta da década de 30, transferiram a General Motors do Ipiranga para São Caetano ... Foi um paizão ... Foi três vezes pai. Eu lamento não ter colocado o nome dele no meu. (...) Então foi com essa família que eu vim pra cá aos dois anos de idade.

A família, que contava ainda com Pedro e Eduardo Menchini, os dois filhos do primeiro casamento de José Menchini, morou de início na rua Goitacazes, mudando-se em seguida para a rua Amazonas, exatamente onde hoje se encontra a Padaria Brasília. A mudança para a rua Amazonas deu-se após o nascimento de Milena Menchini, irmã de Guilherme por parte de mãe, fato que tornou pequena a modesta residência da rua Goitacazes.



Da esquerda para a direita: (?) Favarin, Marcos Romiti (presidente do Clube dos 40), sr. Margarido (?), (?) (presidente da General Motors), Guilherme Belloto, gerente geral, (?), e André Beer. Sala da presidência da GM, 13 de outubro de 1983.

Eu me dava muito bem com os meus irmãos, que eram mais velhos que eu, e também com a minha irmã Milena. Eu jogava bola junto com os meus irmãos. Eu era lateral direito. Cheguei a jogar no juvenil do São Caetano Esporte Clube e até a treinar no Palmeiras ... Mas isso foi mais pra frente ... O importante é que, desde criança, nos jogos e brincadeiras, sempre me dei bem com os meus irmãos.

Paralelamente aos jogos e às brincadeiras, Guilherme fez os estudos primários na Escola Estadual Bartolomeu Bueno da Silva. A infância de lazer, porém, foi curta. Antes dos 14 anos já trabalhava na Fábrica de Louças Adelinas. Aos 15, entrou na General Motors, onde passaria toda a sua vida profissional.

Entrei na GM em 13 de outubro de 1943. Comecei no armazém, fazendo serviços gerais, guardando material ... Depois, passei para o escritório do armazém. Ficava lá fazendo as coisas de nota fiscal etc. Meu pai também trabalhava no armazém e me dizia: "Filho, não fica parado lá. Não fica sentado na cadeira, de braços cruzados, esperando

ordens. Pergunta: "Você quer que eu te ajude?". Então eu, na época, quando se precisou de um office-boy no escritório, acabei sendo escolhido. A supervisora lá falou pro "seu" Margarido, que era quem contratava: "Pega o Guilherme, que ele conhece tudo!" Aí esse Margarido chegou lá: "Quem é o Guilherme?" "É aquele lá!" "Vem aqui, vamos sentar aqui ... Quem que é a tua namorada lá em cima?" Puxa, fiquei com vergonha! Perdi os sentidos, sabe por quê? Pensei: "Perdi o emprego!" "Não, não tenho namorada nenhuma! Sou novo ainda!" "Não!? É que eu vou admitir um office-boy e lá me falaram que o Guilherme é o bom, que o Guilherme é o melhor". Em 1944, fui oficializado como office-boy.

Nesse tempo Guilherme ainda não tinha certeza de qual caminho seguiria. Muitas coisas passavam-lhe pela cabeça, da carreira jurídica à militar. *Eu tinha um tio, lá onde eu passava as férias, no interior, longe pra burro! Esse meu tio era militar. Ia sempre nos desfiles. Eu gostava daquela vida dele. (...) Além disso, eu gostava também do que faziam os advogados. Até pensei em ser*



Dia de visita à fábrica da GM, em São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: André Beer, Guilherme Belloto, Vânia Belloto Marques e Lígia Belloto Marques

advogado.

A rápida ascensão na GM, entretanto, fez com que optasse por permanecer na multinacional norte-americana. Não demorou muito a passar do escritório do armazém para o setor de concessionárias. Uma vez nesse setor, fez, dentro e fora da empresa, cursos complementares de mecânica e outras áreas ligadas à produção automobilística.

Eu fui obrigado a estudar para saber como é que funciona uma caixa de câmbio, um motor ... Esse negócio todo, sabe!? Então fiz um curso de mecânica de explosão durante três anos. Isso lá na rua Vitória, em São Paulo. Aos sábados, além disso, eu ia na oficina técnica da GM e ficava lá, embaixo dos carros ... Porque o negócio é o seguinte: você tem de sobreviver! Se você pegou isso, então tem de fazer bem isso. Meu pai dizia: "Quando fizer alguma coisa, faça sério, direito!" Ele sempre me orientou direitinho.

A GM não só influenciou decisivamente a vida profissional de Guilherme, mas também, pode-se dizer, contribuiu, embora indiretamente, para a

construção de importante etapa de sua vida pessoal: o casamento. *A família da minha mulher veio do Paraná ... Quando eles vieram eu já tava morando na rua Maranhão. Eles moravam perto da minha casa (...). Eu já tava mais ou menos com os meus 25 anos (...). Um dia, depois do expediente, eu e um pessoal do trabalho estávamos tomando cerveja num bar ali em frente à PAN. Ela passou do outro lado da calçada. "Olha, gente nova na praça!" Aí eu falei: "Com essa aí eu caso!" Foi um chute ... Ela passava sempre em frente de casa, lá ... Aí um amigo comum da gente, dela e meu, falou: "Olha, a menina quer falar com você". Aí eu fui falar com ela. "Quantos anos você tem?" "Quinze". Aí eu falei: "Ah, isso aí não vai dar nada. Você é muito nova!" Mas aí, para eu ir trabalhar na GM, eu tinha de passar todo dia em frente à casa dela. E, quando eu passava, ela tava sempre lá no portão. De manhã, de tarde, na hora em que eu voltava do almoço, depois que eu voltava da GM. Aí um dia eu resolvi pedir ela em namoro (...). Aí chegou uma sexta-feira e ela falou: "Olha, nós vamos namorar, mas tem uma coisa: meu pai quer*



Da esquerda para a direita: Sr. Margarido (?), (?) (presidente da GM) e Guilherme Belloto, recebendo botão de ouro pelos 40 anos de trabalho na GM - 13 de Outubro de 1983

que amanhã você fale com ele". Sábado. "O quê!? Você tá brincando!" "Não, é verdade." Aí eu cheguei em casa e falei: "Pai, o homem lá já quer falar comigo ... Eu nem comecei a namorar a filha dele e ele já quer que eu vá falar com ele!" "Por que é que você não vai?" "Ah, não sei, pai ..." "Você gostaria que alguém fizesse alguma coisa com a sua irmã?" Eu tinha um ciúme desgraçado da minha irmã com o namorado dela ... "É verdade. Então tá bom!" Aí começou o namoro.

O namoro acabou em casamento: 28 de abril de 1955, Matriz Nova. Guilherme costumava frequentar a Matriz Nova desde menino. Fora coroinha, cruzado, congregado mariano. Jogara futebol com o padre Ézio Gislimberti. "Padre, tira a batina pra jogar!" "Não posso. Jogo assim mesmo!" Em 1955, esse mesmo sacerdote celebrou seu matrimônio com Lélia Galvão. Três filhas nasceram do enlace: Sônia, Ângela e Vânia. A mais velha é de 1956, Ângela de 1957 e

Vânia de 1960. Esta última, a Vânia, é de 26 de agosto, dia do aniversário do Palmeiras!

Depois da esposa, das filhas e dos netos (Adriano, Alexandre, Fernando, Gustavo e Lígia), o time do Parque Antártica é a grande paixão de Guilherme. Quando moço, não perdia nenhum jogo do Alviverde. Às vezes acompanhava o clube até em excursões pelo interior paulista. Tem na ponta da língua o nome de vários craques que vestiram a camisa do Palmeiras. Algumas grandes equipes palestrinas ficaram-lhe, do goleiro ao ponta-esquerda, gravadas na memória.

Eu tenho uma camisa do César [jogador que brilhou no Palmeiras dos últimos setentas, ao lado de estrelas como Leão e Ademir da Guia] que eu ganhei em 1973, num jantar que fizemos lá no Terraço Itália. Foi um amigo comum, meu e do César, que me deu a camisa. Também tenho uma outra, mais recente, que ganhei agora, este



Crédito: Guilherme Belloto

Camisa do atual zagueiro palmeirense, ex-AD São Caetano, Daniel. A camisa tem a assinatura de todos os jogadores do Palmeiras



Crédito: Guilherme Belloto

Camisa do César Maluco, ex-jogador do Palmeiras. A camisa foi dada a Guilherme Belloto num jantar realizado no Terraço Itália, em dezembro de 1973

ano. Era do Daniel [zagueiro, ex-AD São Caetano, que hoje joga no Palmeiras]. Ele me deu uma camisa oficial dele, com a assinatura de todos os jogadores.

Guilherme sempre gostou do espetáculo chamado futebol. O Palmeiras, sem dúvida, era e é sua paixão exclusiva no campo esportivo, mas isso nunca o impediu de admirar outros times e mesmo de acompanhar partidas de rivais do Aliverde. *Meu pai falava assim para a minha mãe: “Um dia eu vou internar esse moleque num hospício, em Franco da Rocha!” Eu ia para Santos, no sábado, com quatro amigos, para assistir aos jogos do Santos, do Jabaquara ... A gente chegava lá e se hospedava numa pensãozinha. No domingo, ia para o campo (...). Íamos de trem, porque carro, naquela época, era difícil ...*

A cidade de Santos ainda marcaria a vida de Guilherme de outro modo. O local em que, na juventude, havia-se divertido com

jogos de futebol, acabou sendo também o de sua residência, em meados dos últimos oitentas, depois da aposentadoria na General Motors. *Trabalhei a vida toda na GM. Isso não quer dizer que não tenha trabalhado em outros lugares, paralelamente. Quando as meninas nasceram, era preciso aumentar a renda lá em casa. Assim, eu saía da GM às cinco da tarde e ia trabalhar num posto de gasolina do meu irmão mais velho até às dez da noite (...). Também trabalhei como entregador de jornal (...). Mas o fato é que, em 1984, eu me aposentei na GM. Eu já tava saturado ... Coloquei o dinheiro na poupança e passei a viver de renda! Resolvi ir pra Santos. Pensei em vender o apartamento aqui, mas acabei não vendendo. Aluguei um em Santos e fui pra lá em 1984 ou 1985. Fomos eu e minha esposa. Um apartamento com três quartos, lá. A meninada, na sexta-feira, descia. Logo na sexta de manhã falavam assim: “Olha, já botou a cervejinha na geladeira? E*

o camarão? ... Toda segunda-feira eu ia lá no entreposto de Santos. Durante quase dois anos eu só sabia que existia carne no Brasil porque eu passava em frente de um açougue para ir à praia ... Eu só comia peixe e camarão! Cheguei lá com 70 quilos e fui para 83! ... Vida tranqüila ... Ia à praia a pé ... A gente ia para a praia de manhã, voltava, descansava um pouco. Às quatro horas a gente ia ver o pôr-do-sol lá no Gonzaga. À noite, ficávamos jogando bingo. Às duas da manhã, vínhamos para casa.

No começo dos noventa, porém, por motivos familiares, Guilherme foi obrigado a retornar a São Caetano. Como não havia vendido o apartamento em que morava antes da ida para Santos, na rua Votorantim, a mudança não foi trabalhosa. (Assim que casou, Guilherme foi morar com o sogro, na rua Maranhão. Depois de juntar algum dinheiro, comprou o apartamento da rua Votorantim, para onde se mudou com a família.) *Não foi por causa do Collor [Fernando Collor de Mello, ex-Presidente da República, entre 1990 e 1992] que eu voltei não. Quando ele confiscou o dinheiro da poupança, eu não tinha nada lá! Voltei mesmo foi por alguns problemas familiares e porque eu tinha muita saudade dos meus netos. É terrível você ficar longe dos netos ...*

De volta a São Caetano, Guilherme procurou recuperar a rotina de dedicação ao trabalho e distração com o futebol. Mesmo aposentado, ainda desejava trabalhar, pois sentia-se apto a desempenhar em outras empresas as mesmas funções que executava na GM. Apesar da boa vontade, essa nova tentativa de inserção no mundo profissional foi um pouco frustrante. *Recebi muita proposta de trabalho, mas o pessoal queria pagar abaixo do que eu ganhava. Vamos supor: eu pedia 100, mas só me ofereciam 50. Acontece que eu tinha de valorizar meu trabalho de mais de 40 anos na GM. Eu*

conhecia todo o sistema. Por outro lado, quanto ao futebol, Guilherme pôde fazer tudo o que desejava fazer. Depois que eu voltei de Santos, eu ia sempre no clube da GM para ver o futsal [futebol de salão]. Eles treinavam de manhã, um treino leve ... Um "baita" time ... Teve jogador que saiu daqui para ir jogar na Espanha e na Itália (...). Eu também fui treinador da molecada lá nos torneios internos do São Caetano Esporte Clube (...). Eu era o único técnico que, quando acabava o jogo, levava os meninos no bar e dava um guaraná para cada um. Naquela época eu tinha a aposentadoria da GM ... Era mais tranqüilo. Cheguei a ser campeão com a molecada (...). Paralelamente, eu jogava nos veteranos do São Caetano.

A frustração com o mercado de trabalho, contudo, não durou muito tempo. Em oito de março de 1999, a filha Ângela inaugurou uma papelaria - Quality - em São Caetano do Sul. Desde então, Guilherme tem trabalhado no estabelecimento. *A melhor coisa que ela poderia ter feito foi abrir essa papelaria. Eu gosto muito de trabalhar lá. Graças a Deus, porque eu já tava cansado de ficar em casa ... Falam que eu fico batendo papo lá, conversando com todo mundo. E é verdade! (...). Tem tanta coisa ainda pra contar... Se deixasse a gente passava uns dias aqui conversando. O que tá aqui é só uma pequena parte da história toda.*

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.)

Entre as ondas do rádio



Crédito: Rubens Bento de Araújo

As memórias às vezes se perdem em meio ao tempo e ao transcorrer das décadas, porém, Rubens Bento de Araújo ainda guarda muitas lembranças da infância, adolescência e, é claro, do início da idade adulta, formando um verdadeiro álbum fotográfico de sua vida, guardado na mente. Filho de Ernesto Bento de Araújo e Fernanda Bento de Araújo, Rubens nasceu, da mesma forma que a irmã Tereza, no bairro paulista do Ipiranga, quando o pai trabalhava na empresa General Motors, na mesma localidade. Um ano depois de seu nascimento, mais precisamente em 1934, quando tinha apenas 12 meses de vida, a mãe faleceu. Nesse entretempo a empresa em que o pai trabalhava transferiu-se para São Caetano, e, assim, a família toda se instalou na cidade. Cerca de quatro anos após esses eventos, Ernesto Bento de Araújo conheceu Madalena Timpani, filha de Vicente Timpani e Tereza Timpani, e, no fim da década de 30, com ela se casou.

Deste tempo Rubens relata, com bastante riqueza de detalhes, a dedicação de

Madalena à nova família e aos filhos do marido. Após a união, Ernesto e Madalena, acompanhados das crianças, passaram a morar na antiga travessa Pitágoras, atual rua Major Carlos Del Prete. Tempos depois, mudaram-se para a rua Heloísa Pamplona. Ainda pequeno, e acompanhado pela irmã Tereza, Rubens cursava o pré-integral; em seguida, passou a estudar na escola Senador Fláquer. O casal Madalena e Ernesto teve, também, um filho, chamado Vicente Bento de Araújo, que chegou para completar a família.

O RÁDIO - O primeiro emprego de Rubens, grande responsável pela profissão exercida até os dias de hoje, foi na loja de rádios do avô Vicente Timpani, com pouco mais de dez anos de idade. O estabelecimento, situado na rua João Pessoa, foi um dos primeiros de São Caetano a trabalhar com rádio, em uma lojinha que Vicente mantinha em sociedade com Ângelo Rosseto, na rua João Pessoa.

Nos anos que vieram, Rubens foi trabalhar na nova loja de Ângelo Rosseto,

Loja de Vicente Timpani e Ângelo Rosseto. Foi uma das primeiras, em São Caetano, a vender rádio. Localizava-se na rua João Pessoa, onde hoje está instalada a Barbearia Loiro e Luiz. Da esquerda para a direita, Rubens Bento de Araújo (ainda pequeno), Ângelo Rosseto e Vicente Timpani



Crédito: Rubens Bento de Araújo

Cartão de noivado de Ernesto Bento de Araújo

instalada na rua Santa Catarina até 1951, quando passou a atuar, também, no conserto de televisores, atividade considerada, para a época, um belo diferencial profissional. Perto do ano de 1955 mudou-se e começou a trabalhar na loja dos irmãos Del Rey, na qual ficou por cerca de seis anos.

Deste período, como descreve, guarda ótimas recordações. Faz questão de enfatizar que essa época foi bastante relevante na construção de sua história. As ondas do rádio, assim, sempre marcaram forte presença no cotidiano de Rubens. Deste tempo lembra-se com orgulho do curso de TV que fez, por recomendação de Inácio Del Rey, na famosa RCA Victor, em São Paulo. O fato era um grande acontecimento naquele tempo.

Com a expansão de seus negócios na cidade e prestes a inaugurar a loja mais moderna da época, os Del Rey colocaram à venda o estabelecimento em que Rubens trabalhava, a fim de adquirir local maior, e, assim, o antigo funcionário Rubens, em parceria com o sócio

Onofre Chaves, passou a ser proprietário do lugar. A lojinha, como o próprio entrevistado descreve, era localizada na rua Baraldi. A sociedade prosseguiu até o ano de 1965, quando Rubens deixou a parceria e continuou trabalhando com rádio e TV, porém, agora, em uma oficina instalada em sua própria casa, na rua Floriano Peixoto. Onofre Chaves, hoje já falecido, manteve a loja da rua Alagoas em funcionamento, transferindo-a depois aos filhos. Estes ainda hoje tocam o negócio.

Voltando alguns anos atrás, Rubens faz questão de registrar o seu casamento com Dalva Toninato, no ano de 1957. Com 49 anos de união, os dois relatam que se conheceram no bairro Santa Paula, local em que ainda residem. Dalva e Rubens fecham a entrevista contando que tiveram apenas um filho, nascido no ano de 1958, chamado Antônio Carlos Bento de Araújo.

(*) *Claudia Carleto Monteiro é jornalista*

Indelicato, um sobrenome de São Caetano

*Em memória de Maria Therezinha
Lemes de Almeida Indelicato*

Crédito: Fundação Pro-Memória



Indelicato é o sobrenome correto da família. Embora haja quem assine Inodelicato, isso ocorre, não por culpa dos Indelicato, mas por erro ocorrido no registro em cartório. Cioso da preservação da grafia e honradez de seu sobrenome, Mário Indelicato, nascido no dia 15 de setembro de 1927, numa casa na esquina da rua Pernambuco com a rua José do Patrocínio, filho de Sabino Indelicato e Olga Bertoli Indelicato, fez questão de procurar a revista *Raízes* no intuito de explicar pormenorizadamente toda a trajetória de seus familiares, na cidade e fora dela, bem como sua própria história de vida, intimamente ligada a São Caetano do Sul.

No princípio do século XX, Sabino Indelicato, calabrês nascido em 1888, filho de Francisco e Albina Indelicato, veio para o Brasil. Instalou-se, de início, na cidade de São Paulo, onde começou vida de trabalho em solo brasileiro.

Meu pai trabalhou durante algum tempo fazendo instrumentos para médicos lá em São Paulo. Só ele, naquela época, fazia isso. Por

essa razão, de vez em quando, ele fazia greve para conseguir aumento de salário.

Certa vez, Sabino fez greve, mas sua reivindicação não foi atendida. É que outro profissional - um alemão - havia aparecido na praça. O calabrês teve de procurar novo emprego. *Uma vez ele fez greve e não chamaram ele. "Ué!? Por que é que não me chamaram? Só eu que faço esses instrumentos ..."* Não. Mandaram vir um alemão ...

Em meio a esses acontecimentos, Sabino casou-se com Filomena Fissori, mulher que havia conhecido aqui no Brasil. Albina Indelicato, mãe de Sabino, morava com ele em São Paulo e não gostava de Filomena. Fez de tudo para impedir o matrimônio, mas não alcançou seu objetivo. Após o enlace, passou a criticar sistematicamente o casal, de sorte que Sabino, a fim de evitar ação mais violenta e na esperança de se livrar das críticas da mãe, partiu para a guerra na Europa.

Era a Primeira Guerra Mundial. Antes de tomar o rumo do continente europeu, Sabino recebeu promessa do consulado italiano de

Entrevista com Mário Indelicato, realizada no dia quatro de agosto de 2006

acordo com a qual sua mulher receberia, todo mês, enquanto ele estivesse ausente, defendendo a Itália na guerra, certa quantia fixa de dinheiro.

A mãe do meu pai chamava ele de "Tatuche". "Tatuche, quero que você case com aquela moça lá!" E meu pai sentava no chão, punha a cabeça no colo da mãe. "Ah, mãe, não quero falar nisso. Quando chegar a hora de casar, caso com a mulher que eu gosto." "Não! Você tem de casar com aquela!" Chegou a hora, ele casou, mas não foi com aquela. Casou com a Filomena Fissori. Aí a vida do meu pai virou um inferno! Ele foi para a guerra só para se livrar da mãe. Mas, antes de ir, ele soube que o consulado italiano tava oferecendo dinheiro para a esposa de quem fosse defender a Itália na guerra. Ele recebeu então a promessa de que sua esposa receberia um dinheiro todo mês.

Confiante na palavra dos representantes da Itália no Brasil, Sabino dirigiu-se à Europa. Não tinha 30 anos. Mal desembarcou em sua terra natal, logo sentiu o clima da guerra. *Came fresca para os austríacos, bradavam os soldados, com os olhos fixos em quem descia dos navios. Mas, por sorte, meu pai acabou não indo para a linha de frente. Aconteceu o seguinte. (...) Meu pai era mecânico velho. O comandante que tava recepcionando a turma que desembarcava tinha um carro. Empurra o carro pra cá, empurra o carro pra lá ... "Psiu, eu conserto o carro", disse o meu pai. "Você sabe consertar carro!?" Imagine, 1914 ... "Sei, sou mecânico". "Então vem aqui e conserta". Meu pai consertou o automóvel. "Você não vai para o campo de batalha. Você sabe consertar vitrola?" "Sei". "Então, vai consertar vitrola". E meu pai ficou seis anos na Itália, em Nápoles, na fábrica de armamentos, de pólvora, balas ... Só havia mulheres na fábrica, e meu pai comandava elas todas. Depois de seis anos, voltou. Trouxe uma baioneta de lembrança.*

De volta ao Brasil, Sabino recebeu notícia desagradável: o consulado italiano não havia cumprido a promessa de sustentar-lhe a esposa. *Quando ele chegou, a mulher dele falou:*

"Oi, tudo bem?" "Tudo bem! Eles tão te pagando todo mês o salário?" "Nunca deram nada". Quer dizer, o cara enganou, roubava. Indignado, o calabrês tomou o rumo do consulado italiano em São Paulo, com a firme determinação de receber o dinheiro que lhe fora prometido. Meu pai foi lá no consulado. Pulou a cerca ... Tava "assim" cheio de italiano lá, reclamando ... Mas meu pai era bravo! Pulou a cerca, foi lá no cônsul e pegou o dinheiro". "Sai por lá para ninguém ver!" Que nada! Ele saiu pela frente e mostrou o dinheiro para todo mundo. "Olha, ele tava roubando", gritou o meu pai.

O dinheiro reavido foi quase todo gasto no sustento dos três filhos e nas despesas para tentar recuperar a saúde da esposa. Antes de partir para a guerra, Sabino vira nascer Adelina, sua primeira filha. Quando ele voltou da Itália, Filomena ainda lhe deu, antes de adoecer e morrer, Albina e Francisco.

Bom, a Filomena ficou doente e morreu. Meu pai tentou de tudo, comprou remédio..., mas não deu. Então ele pegou a Adelina, a Albina e o Chico [Francisco] e teve de cuidar deles. A mãe do meu pai, como não gostava da Filomena, não quis ajudar a criar os filhos dela. Mas o meu pai tinha de trabalhar. Não tinha tempo para olhar criança! Então ele começou a procurar outra esposa. Primeiro, deixou os três filhos com uma vizinha. Essa vizinha até deu de mamar para o Chico. Meu pai saiu batendo de porta em porta em São Paulo: "Onde tem uma viúva? Eu preciso arrumar uma mulher!" Naquele tempo não tinha creche para deixar as crianças ... Aí mostraram: "Olha, naquela rua tem uma viúva que se chama Olga". E meu pai foi lá. Minha mãe tava lavando a calçada. "Onde tem uma viúva chamada Olga?" Minha mãe falou: "Olga sou eu e sou viúva". "E a senhora tem pai?" "Tenho. Tá lá dentro. Pai! Tem um homem aqui!" "Manda ele entrar". Meu pai entrou e foi falar com o pai da minha mãe. Saíram, e minha mãe tava lavando a calçada. Meu pai se afastou, mas ficou de longe, lá na esquina, olhando. "Ué!? Aquele homem

ficou na esquina, olhando...”, disse a minha mãe. O pai dela falou: “Aquele homem tá com um problema: ele tem três crianças e não tem com quem deixar. Eu mandei ele voltar aqui daqui uns quatro ou cinco dias. Vou saber quem ele é?” Meu pai voltou lá depois desses quatro ou cinco dias. O pai da minha mãe chamou ela e falou: “Olga, pega o teu menino” - que se chamava Alfio e era filho do primeiro casamento dela - “e vai morar com este homem. Ele tem três filhos: Adelina, Albina e Francisco. É um homem trabalhador e vai constituir família com você”. E aí a minha mãe foi morar com o Sabino.

Da união com Olga vieram Rafael, Carmela, Mário, Ângelo, Romilda, Tereza, Norma, Gilda e Rodolfo. Todos moraram em São Caetano, pois, no quase-meado dos vintes do século passado, Sabino aceitou convite para trabalhar numa empresa da cidade.

Meu pai veio para São Caetano trabalhar na fábrica do Cigolo [Fábrica de Ferro e Colchões F. Cigolo & Cia. Ltda.]. Aí então nós ficamos morando numa casa que ficava na esquina da rua Pernambuco com a José do Patrocínio. Eu nasci nessa casa, em 1927.

Todavia, a vida profissional de Sabino na F. Cigolo foi curta. Isso porque não lhe queriam pagar salário fixo. “Quando você vende alguma coisa, você pega o dinheiro e vai levando a vida”. “Não, assim eu não quero. Eu preciso ter um salário certo!”

Em busca desse *salário certo*, Sabino transferiu-se para a força pública paulista. São Paulo estava às vésperas da Revolução Constitucionalista (1932). Dada sua experiência de guerra na Europa, onde trabalhara por alguns anos numa fábrica de armas, Sabino pôde encaixar-se como armeiro na força pública.

Naquele tempo nós tínhamos tanta arma lá em casa ... Vocês nem imaginam! O meu pai consertava todas elas. Eu era bem pequeno naquela época, mas, mesmo assim, lembro que, quando ele saía de manhã para trabalhar, a gente ficava em casa, com as armas. Corria o boato,

naqueles dias, que o pessoal podia invadir as casas, pegar as mulheres e estuprar elas. “Vocês não abram a porta!”, dizia o meu pai. “E, se entrarem aqui, manda bala! Vocês morram, mas defendam a honra da família!” (...) Até hoje tenho de recordação daqueles anos uma bomba que não explodiu. Transformamos ela num abajur!”

(Sabino ainda empregaria suas habilidades, dessa vez em prol do Brasil, em outro conflito: a Segunda Guerra Mundial. No início dos quarentas do último século, o Brasil, então presidido por Getúlio Vargas, entrou definitivamente na guerra, apoiando os Aliados. Ademar de Barros, governador de São Paulo naquele tempo, desejava que se fabricassem instrumentos médicos para o socorro dos feridos no combate que se travava na Europa. Sabino trabalhara por um tempo com instrumentos para médicos. Certa vez, Ademar de Barros, segurando a fotografia de uma mesa de operação, perguntou em voz alta, a multidão toda reunida: *Alguém aqui sabe construir isso?* Sabino respondeu: *Eu sei.* A resposta de Ademar de Barros: *Então pare tudo o que você estiver fazendo e construa esta mesa!* O pai de Mário construiu a mesa, que depois foi exposta numa feira na Água Branca. Como prêmio por esse serviço prestado à nação, o calabrês recebeu salvo-conduto que lhe garantia livre deslocamento para qualquer lugar do Brasil. Isso, naquele tempo, era importante, pois, em razão da guerra, alemães, italianos e japoneses residentes no país eram vistos com desconfiança e tiveram, em não poucos casos, tolhidas certas liberdades individuais.)

A casa que Mário, ainda criança, via repleta de armas em 1932 era a mesma em que havia nascido, em 1927, e na qual morou



Crédito: Mário Indelicato

Sabino Indelicato e Olga Bertoli Indelicato, no quintal de sua residência

durante a infância, a adolescência e a juventude. Morava na esquina da rua Pernambuco com a rua José do Patrocínio quando começou a bater coco na Indústria Aliberti S/A ; quando se casou, em 1951, ainda não havia saído de lá.

Comecei a trabalhar por volta dos sete anos de idade. Ia bater coco, como quase todas as crianças de São Caetano, lá na Aliberti. Mais ou menos nessa época, também comecei a estudar no Senador Fláquer ... Fiquei seis anos nessa escola! Eram só quatro, mas eu repeti dois. Saí de lá um "cavalão"! Antes de terminar os estudos primários no Grupo Escolar Senador Fláquer, Mário já se havia transferido da Aliberti para a Colômbia Pastore Scattone. Com oito anos, por aí, eu já tava fazendo tijolo refratário na Scattone. Tenho uma marca aqui nas costas de uma tijolada que meu irmão Rafael me deu, porque um dia eu não queria ir trabalhar. "Não quer!? Então, toma!" (...). A Scattone era na rua Baraldi, mas depois passou para a rua Major Carlos del Prete. Eu, o Rafael e o Chico trabalhávamos lá. Depois, o Rafael e o Chico foram para a Cerâmica São Caetano, mas eu fiquei na Scattone.

Quando deixou o Grupo Escolar Senador Fláquer, Mário resolveu dar continuidade aos estudos na Escola Técnica Getúlio Vargas, em São Paulo. *Quando terminou a Segunda Guerra Mundial (1945), já fazia diversos anos que eu ia para o Brás, na rua Piratininga, na Getúlio Vargas. Lá fiz todos os cursos de mecânica. Quando terminei, entrei na Júlio de Mesquita [Escola Técnica Estadual Júlio de Mesquita], em Santo André, para fazer desenho técnico. Dois anos e meio. Aí, parei de estudar.*

Aos 14 anos de idade, quando ainda cursava a Escola Técnica Getúlio Vargas, Mário arrumou emprego na Fábrica de Louças Adelinas, em São Caetano. Nessa empresa, em que trabalhou por quase dez anos, conheceu Maria Therezinha Lemes de Almeida, com quem se casou, em 1951, na Matriz Nova.

Depois, entrei na Fábrica de Louças Adelinas com 14 anos. Muitos dos meus irmãos trabalharam lá: a Albina, a Carmela, a Tereza ... Fiquei lá quase dez anos. Quando casei, ainda trabalhava lá. Depois do casamento, falei assim: "Bom, agora eu vou pegar as férias em dinheiro..." Que nada! Após todos aqueles estudos de mecânica, após quase dez anos de serviço, fechou a fábrica! (...) Morreu o Manoel de Barros Loureiro, dono da Adelinas, e a fábrica passou para a esposa dele. Ela não queria saber da gente. Não queria dar o dinheiro que estava nos devendo. Me deu um negócio: peguei o 38 do meu pai e fui tomar o trem, disposto a matar ou morrer! Meu pai me alcançou lá na estação: "Você pegou a arma?" "Peguei". "Dá aqui. Não vai faltar arroz e feijão para você".

Em 1952, veio a primeira filha: Marilídia. Tempos difíceis. Mário trabalhava com o pai, vendendo as armas que Sabino consertava. *Meu pai consertava armas e eu vendia. Eu ganhava um dinheirinho, meu pai outro tanto, e assim ia a vida.* Depois de um tempo, Mário conseguiu trabalho numa fábrica de móveis em São Bernardo do Campo. *Fechou a fábrica de louças, foi uma luta ... Aí consegui trabalho na Fabrini, uma fábrica de móveis lá na via Anchieta. Ganhava dez contos por mês. Dez contos, você imagina!? Era preciso conseguir salário mais alto, principalmente porque a família estava crescendo, novos filhos chegando: Marco Antônio (1954), Maurício (1956) e Marilene (esta apenas em 1870).*

Foi aí que consegui, depois de uns cinco anos na Fabrini, entrar na Sheaffer [Sheaffer Pen, fábrica de canetas], uma firma americana, lá no Bom Retiro, para ganhar 40 contos! Mas, logo no segundo mês, eu já tava ganhando cem contos! Mas passou para cem por quê? Porque o pessoal roubava muita caneta, e então me pegaram para acabar com essa roubalheira! E como descobriram esses roubos? O presidente da empresa, que era um porto-riquenho, um dia tava andando lá na rua Direita, em São Paulo, e

ouviu: “Caneta Sheaffer por um tostão!” Chamou o guarda ... Se fez entender pelo guarda. Prenderam o vendedor. “Como é que você tá vendendo isso por um tostão?” “A minha mãe vai trabalhar lá e pega”. Descobriu desse jeito. Aí resolveram pôr um chefão para tomar conta. E eu fui esse chefão.

Mário Indelicato trabalhou por 18 anos na Sheaffer Pen. Esse foi o tempo mais próspero de sua vida. Juntou bastante dinheiro, comprou uma casa na rua Tupi, em São Caetano, e pôde oferecer um pouco mais de conforto a sua família.

Fiquei 18 anos lá. Durante todo esse tempo fiz tudo na linha, direitinho. Todo mês eu ia na Academia de Polícia Militar do Barro Branco. Sabe por quê? Porque era só eu que lidava com dinheiro - e muito dinheiro! Dinheiro em forma de ouro! Você sabe como funcionava o negócio de ouro no Brasil? Bom, a mina Morro Velho, lá em Minas Gerais, produzia muito ouro. Então, se você precisasse de ouro, tinha de pedir uma autorização para o governo ... Essa mina Morro Velho tinha escritórios nas capitais. No meu tempo, o escritório de São Paulo ficava na praça da Sé. A Sheaffer pedia ouro em forma de barras, como aquelas de chocolate, sabe? Aí eu ia lá na Sé, pegava as barras e trazia pra Mauá. Em Mauá, onde hoje tem um shopping, tinha uma indústria que pegava essas barras e derretia tudo. Fazia ouro líquido. Depois, esse ouro líquido era posto em garrafões, que eram levados para a fábrica lá no Bom Retiro. Isso tudo para dar banho de ouro nas canetas. Canetas banhadas em ouro! (...) E eu era que fazia tudo isso! (...) Imagine eu trazendo quatro, cinco quilos de ouro na minha pasta, debaixo do braço! Gordo como eu era ... E olha que eu já perdi uns 30 quilos! Fumava um charutão e andava armado. Quem é que ia mexer!? “Esse homem é um perigo”, diziam as pessoas. Ninguém nunca mexeu, e olha que eu andava sempre de trem.

A felicidade desses anos, contudo, foi interrompida por uma tragédia. Em 1977,



Crédito: Mário Indelicato

Maurício Indelicato, filho de Mário, sofreu acidente automobilístico fatal em Três Corações, Minas Gerais. Maurício enchia o pai de orgulho: era campeão de judô e esportista de destaque em São Caetano. Com a morte do filho, Mário e a esposa venderam a casa da rua Tupi e mudaram-se para Andradas (MG), cidade natal de Maria Therezinha Lemes de Almeida, que se tornara Lemes de Almeida Indelicato em 1951, após o casamento com Mário.

Então eu tava muito bem de vida. Muito bem mesmo! Eu morava na rua Tupi, em São Caetano, no bairro Cerâmica, num casarão. Mas aí o meu filho morreu num desastre em Três Corações. O Maurício ..., lutador de judô ... Todas aquelas medalhas ... Morreu ... E a saudade do Maurício? Eu com ela [a esposa] ficamos sete anos visitando sempre o cemitério da Cerâmica [Cemitério da Saudade], onde ele tá enterrado (...). Até que um dia resolvemos vender a casa da rua Tupi e ir para Andradas, terra dos pais dela.

Maurício Indelicato,
lutador de judô e
atleta de destaque
de São Caetano do
Sul

Mas três vezes por semana eu saía de Andradas e vinha aqui no cemitério da Cerâmica (...). Só parei depois que ouvi como uma voz dizendo para mim: “Agora já chega!”

Após um tempo morando em Andradas, Mário resolveu voltar para São Caetano. Vendeu a casa que havia comprado na cidade mineira e mudou-se para a rua Pernambuco, onde havia passado boa parte de sua vida. Não voltou para a casa em que havia morado, porque ela agora pertencia a outra pessoa, mas alugou residência bem próxima do lugar em que nascera.

Acontece que a gente não queria morar de aluguel. Então fomos procurar outra coisa. Foi aí que eu vim pra Mauá. Em Mauá eu vi uma tal de Construtora José Moreira. Subi lá e encontrei um moço bonito, alinhado. “Tô procurando alguma coisa pra comprar”, eu disse. E emendei: “Engraçado ... Como é que você se chama?” “José Moreira”. “Só?”. “Não. José Moreira Júnior”. “E quem é o teu pai?” “Manoel Moreira”. “E teu avô?” “José Moreira”. “Eu conheço os Moreiras de São Caetano”. “É, são meus”. “São seus?” “São”. “E teu pai, onde anda?” “Meu pai é vice-prefeito”. “E daí? Quero falar com ele. Chama ele”. “Mas ele é vice-prefeito!” “E daí? Chama ele! Procura ele por telefone e fala para ele vir aqui, porque eu quero falar com ele”. “E quem é o senhor?” “Fala para ele que é o Indelicato”. O rapaz procurou o pai por telefone. Encontrou-o e deu-lhe o recado. Minutos depois, Manoel Moreira chegou ao escritório em que Mário estava. “Indelicato? Mário?” “É, sou o Mário”. “Que é que você quer?” “Eu tô procurando alguma coisa ...” “Guapituba! Tem uma vila de casas lá. Dá a chave para ele”. “Mas, pai ...” “Não se met! Dá a chave para ele!” Esse Manoel Moreira precisava de carteira de reservista. O pai dele, José Moreira, falou com o meu pai. “Seu Sabino, se esse moleque for fazer a linha de tiro, for para o exército, vou precisar colocar uns quatro no lugar dele; e, mesmo assim, ainda vão me roubar!” No dia seguinte, meu pai trouxe a

carteira de reservista.

Apesar da boa vontade dos Moreiras, Mário Indelicato não gostou do conjunto de casas de Guapituba. Achou-as todas muito pequenas. Manoel Moreira, então, indicou-lhe imobiliária - também em Mauá - onde talvez se pudesse encontrar o casarão que Mário tinha em vista. E assim de fato aconteceu: na vila Vitória, em Mauá, Mário achou uma casa bastante espaçosa, apelidada de “castelo”.

Tava tudo quebrado e abandonado. Mas eu e minha esposa, trabalhando muito, arrumamos tudo no “castelo”. Ficou bonito. Mesmo assim, depois de um tempo, resolvemos vender. Com o dinheiro da venda compramos uma casa enorme na rodovia Castelo Branco, 180. Lá fomos viver da terra: plantando, colhendo ... Depois de uns dois anos lá, resolvemos vender. Vendi no domingo. Na segunda-feira, deposei o cheque na poupança. Na quarta-feira, não tinha mais nada. Foi o Collor que “passou a mão”.

O Plano Brasil Novo (popularmente conhecido como Plano Collor), elaborado pela equipe econômica do ex-Presidente da República Fernando Collor de Mello, no início dos últimos noventa, abalou as estruturas da família Indelicato. Somente depois de muito sacrifício - Mário chegou mesmo a trabalhar, durante um tempo, depois da aposentadoria na Sheaffer - é que foi possível comprar outra casa, também em Mauá. Hoje, tranquilo, Mário vive cercado pelos cuidados dos familiares, todos eles preocupados com sua saúde: ele é diabético. O carinho, porém, da esposa Maria Therezinha, dos filhos Marco Antônio, Marilídia e Marilene, dos netos Daniel (filho de Marilídia), Maurício (filho de Marilene), Katiana (filha de Marilene), Meire, Marília e Maximiliano (filhos de Marco Antônio) e das bisnetas Gabrielle (filha de Daniel) e Júlia (filha de Meire) revigora-lhe o ânimo e permite que enfrente sem desespero o diabete. (Alexandre Toler Russo)



Vincenzo Crescenzi

Crédito: Ítalo Crescenzi

Na casa centenária desta foto, em 17 de fevereiro de 1914, nasceu Vincenzo Crescenzi, filho de Alfonso Crescenzi e Maria Cristina Stirpe Crescenzi. Quem escreve esta história para a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é o filho de Vincenzo, Ítalo Crescenzi.

Aos 13 anos, meu pai Vincenzo ficou órfão de pai, que faleceu nos Estados Unidos. Aos 18 anos se casou com minha mãe, Fedina Vitali, sendo logo em seguida chamado para o serviço militar. Estava a serviço da pátria quando, em 1934, recebeu uma carta de minha mãe dizendo que ele era pai de uma linda menina, que depois chamaram de Filomena, e que a gente chama de Nena. Ele falou com seu superior e foi liberado do serviço militar. Voltou pra casa todo feliz e, após algum tempo, nasceu Emma, que a gente chama de Leonela. Depois foi a vez do Alfonso e, em seguida, no dia 24 de

agosto de 1940, eu nasci. Depois foi meu irmão, Luigi. Veio a destruição: a guerra. No meio dela nasceu minha irmã, Antonietta. Os alemães minaram o redor de nossa casa. Queriam derrubá-la, mas minha “nonna” Cristina, com galhos de árvore, batia nos soldados. Eles corriam, davam risadas, mas respeitavam as mulheres. Eu tinha quatro anos e meio, mas me lembro de tudo, daquela maldita guerra. Ao escrever estas linhas parece que ainda estou no meio dela: é inesquecível. Nós morávamos a 80 quilômetros de Roma, sentido sul, numa cidade chamada Torrice, hoje com mais ou menos seis mil habitantes que vivem da pecuária. Um dia, após o almoço, estava sentado na varanda e um avião, num vôo rasante, jogou alguns papéis. Peguei-os e corri para minha mãe, que disse: “Figlio mio, la guerra è finita”. Acabou. Foi só choro e alegria. Pulávamos e nos abraçávamos.

Casa Centenária



Fedina com os sete filhos. Da esquerda para a direita: Alfonso, Luigino, Ítalo, "mamma" Fedina, Clara (no colo), Antonietta, Emma e Filomena

Crédito: Ítalo Crescenzi

Isto foi no dia oito de maio de 1945. Após três dias, vimos uma fila indiana de soldados alemães. Atrás deles vinham os soldados americanos. Subiram nos caminhões e partiram. Mais lágrimas de alegria. Aos poucos tudo voltou ao normal. Minha irmã Clara foi a última a nascer na Itália.

Meu pai ficou cinco meses na França e voltou. Em 1949 decidiu ir para o Brasil. Ele chegou aqui num navio chamado Sises. Após quase dois meses, minha mãe recebeu uma carta dizendo que estava tudo bem, que ele estava em Assis e que queria a família junto dele. Minha mãe pensou e repensou e, no dia dez de agosto de 1952, eu, meus irmãos, a "mamma" Fedina e a "nonna" Maria Cristina entramos no navio em Gênova, norte da Itália. Coincidência ou não, no mesmo navio que levou meu pai para o Brasil. Chegamos a Santos no dia 28 de agosto. Lá estava o senhor Vincenzo nos esperando. Beijos, abraços e lágrimas. Pegamos um trem para São

Paulo e outro trem para Assis. Viajamos a noite toda. Chegamos ao amanhecer. Chovia muito e meu irmão menor, o Luigi, fez uma pergunta pro meu pai. Todas as vezes em que chove eu me lembro e dou risada. Ele perguntou: "Papa, qua pure piove?", o que significa: "Papai, aqui também chove?" Meu pai trabalhava de carpinteiro. O dinheiro era bem pouco. Num dia de manhã, eu e o Luigi estávamos encostados numa cerca e passamos dois padres numa caminhonete. Falaram conosco, mas não entendemos nada. Apenas rimos. Depois, falaram com um vizinho, olharam para nós e deram risadas. Chegaram perto e começaram a falar em italiano. Ficamos amigos. Um era o padre Quirino e do outro eu não me lembro o nome. Começamos a ir à igreja: ajudávamos a limpá-la. Entrávamos no cinema da igreja, de graça: ordem dos padres. Ajudávamos na coleta das ofertas e, depois, na separação das notas. Sempre nos



Crédito: Ítalo Crescenzi

davam gorjetas, com as quais comprávamos sorvete lá na praça. Às segundas-feiras, íamos com os padres pegar as ofertas que os fiéis prometiam aos domingos e, assim, aprendíamos a falar português. Nós brincávamos no andaime da igreja, que era bem alta e estava em construção. Assim nós passamos nossos dias em Assis. À noite, minha mãe chorava e reclamava com o pai: “Você nos trouxe aqui para passarmos necessidade. Lá tínhamos a nossa terra, não faltava nada. E aqui, Vincenzo?”. Dali uns dias o pai disse: “Vou pra São Paulo”. Depois de uma semana ele voltou e disse que íamos para São Caetano. Chegamos no começo de janeiro de 1953. Viemos morar na Vila Gerti, na rua Lourdes, perto da rua Visconde de Inhaúma (...). Era quase na hora do almoço e o pai trouxe pão e banana. Todos comeram. No dia seguinte foi no Matarazzo e arrumou serviço. O pai, a Nena, a Emma e o Alfonso foram tirar os documentos

e começaram a trabalhar. Até a chegada do primeiro pagamento, todos os dias comíamos só pão e banana (...). Eu via uns meninos com latas. Eles saíam, depois voltavam com as latas cheias. Era esterco que o senhor Guilherme, que morava em frente da minha casa, comprava por 150 réis e 200 réis. Eu falava pouco o português, mas o senhor Falzarano, que era italiano, tinha um armazém. Falei com ele e comecei a empilhar garrafas e a limpar o chão do armazém. Um dia, ele me deu a lata e comecei a pegar esterco. Era pesado, machucava os ombros (...). Um dia vi uns meninos na calçada da padaria engraxando sapatos. Eu olhava para aprender e depois ia ajudar o senhor Falzarano. Um dia pedi um caixote para fazer uma caixa de engraxar. Depois comprei uma graxa. Outro dia, tinta e escova. A caixa ficou pronta. Lá vai o Ítalo para a Padaria Século XX. Encostei a cadeira, pus a caixa no chão e veio um moleque maior do que eu e deu

Da esquerda para a direita, em pé: Rafele (irmão da Fedina), Vincenzo (segurando Emma), Fedina. Sentados: Maria Cristina, Filomena, Grazzia e Antonio (avós do Vincenzo)

um pontapé na caixa. Como não sabia falar o português, fui até o armazém do senhor Falzarano. Ele foi lá e conversou. Tudo bem. Naquele dia fiz 200 réis. No outro dia fiz 500 réis. Depois fiz uma caixa de engraxar para meu irmão Luigi. Começamos a melhorar. De manhã era escola; à tarde, engraxar (...). Quando eu estava fazendo 14 anos, no dia 24 de agosto de 1954, era perto do meio-dia e eu estava parado ao lado da delegacia, encostado ao armazém do senhor Falzarano. Chegou um rapaz, me deu um tapa no rosto e disse: "Mataram o presidente Getúlio Vargas." Eu disse: "Vou contar para meu pai que você me bateu." Ele me disse: "Eu mato os dois." Fiquei com medo e não contei. Esse fato me marcou muito. Até hoje não esqueço. Eu não digo o nome dele porque já morreu. Se estivesse vivo eu diria (...). No domingo, eu e meu irmão engraxávamos. Lá pras 11h30 passavam meu pai e minha mãe. Nós, eu e o Luigino, tínhamos 2,50 e 3,00 cruzeiros e dávamos ao pai, que fazia a feira da semana. E assim fomos progredindo (...). Em 1954, no dia dez de agosto, a família aumentou. Nasceu uma brasileira, Maria Rosa Lourdes Crescenzi. Era a oitava criança do senhor Vincenzo. Em 1956 nós compramos uma casa na vila Júlia. Pagávamos mil cruzeiros por mês. Daí por diante, com a graça de Deus, só foi progresso. Os filhos crescendo. Os casamentos vieram e a família começou a aumentar.

A Nena (Filomena) casou-se com o Ruggero e teve a Rosana e a Marisa. A Rosana casou-se com o Amauri e teve o Juninho (Amauri Jr.) e o Vinícius. A Marisa casou-se com o Rosaldo e teve o Alessandro e a Amanda.

A Leonela (Emma) casou-se com o Hugo e teve o Mário, o Luiz Carlos e a Luciana. O Mário casou-se com a Luciana e com ela teve o Vítor Hugo. O Luiz Carlos casou-se com a Adriana e com ela teve o casal de gêmeos Felipe e Isabella. A Luciana casou-se com o Henrique e teve a Sofia.

O Alfonso casou-se com a Anita e com ela teve o Alexandre, a Alessandra e a Carla. O

Alexandre casou-se com a Elaine e com ela logo terá a Beatriz. A Carla casou-se com o Valter e teve o Jean Luca e a Giulia.

Eu, Ítalo, casei-me com a Idalina e juntos tivemos a Valéria, a Ana Paula e o Renato. A Valéria casou-se com o Davilson e teve o João Vítor. A Ana Paula casou-se com o Alberto, mas ainda não tem filhos. O Renato casou-se com a Gislene e teve a Monique e a Nicolle.

O Luigino (Luigi) casou-se com a Marlene e teve o Marcelo, o Maurício e a Daniela. O Marcelo casou-se com a Paula e juntos tiveram o Marcelinho. O Maurício casou-se com a Fabiana: dessa união nasceu o Enzo e em breve nascerá o Enrico. A Daniela casou-se com o Márcio e teve o Mateus e a Quézia.

A Antonietta casou-se com o Davi e teve o Marcos e o Fábio. O Marcos casou-se com a Isabel e ainda não tem filhos.

A Clara casou-se com o Roque e teve a Maria Cristina e a Mirella, que são solteiras.

A Maria Rosa casou-se com o Caetano e teve o Gustavo.

Hoje a família é composta de oito filhos, quatro genros, três noras, 33 netos, 19 bisnetos, num total de 67 pessoas. "Nonna" Maria Cristina faleceu em 18 de novembro de 1965. "Mamma" Fedina faleceu em 28 de janeiro de 1985. O pai faleceu em sete de julho de 2002 e o marido da Leonella, Hugo Vanzo, também já faleceu.

E assim termina esta pequena história da família Crescenzi.

(*) Ítalo Crescenzi é morador de São Caetano do Sul

Lembranças do Segundo Grupo Escolar Monte Alegre...

Crédito: Reprodução: Álbum de São Bernardo



Segundo Grupo Escolar Monte Alegre

As tardes daquele janeiro de 1944 foram muito especiais para nós, meninas e meninos, pois iniciávamos a nossa vida escolar.

Nós não tínhamos a idade das crianças que hoje vão para a primeira série, mas é certo que éramos mais crianças, mais inocentes e tão infantis que seria impossível fazer qualquer comparação.

A nossa escola era o Segundo Grupo Escolar Monte Alegre, na rua Monte Alegre, no bairro do mesmo nome, aqui em São Caetano. Nosso horário era das duas às cinco da tarde, e todas as classes eram do primeiro ano. Os uniformes eram iguais para todos, do primeiro ao quarto ano. Usávamos saia azul marinho, blusa branca, laço azul marinho de cetim na gola. A fita nos cabelos ia do verde, no primeiro ano, ao

branco no quarto ano, passando pelo amarelo no segundo e pelo azul no terceiro ano.

Em função de as aulas do nosso primeiro ano terem ocorrido no período da tarde é que as tardes de janeiro e fevereiro tornaram-se inesquecíveis para muitos de nós.

Ir à escola era uma aventura, uma emoção cheia de novidades. As novas amiguinhas, o porteiro sr. Benedito, as serventes, as classes, as professoras. Era tudo tão diferente que dava medo ficar horas fora de casa, ainda pior sem a mãe por perto.

O nosso grupo escolar era um prédio grande, assobradado. Devia ter dez grandes classes (salas). Era tão malcuidado. Parecia ser muito velho, pois já não tinha cor: a pintura que devia ter sido amarela estava escurecida. No



Após 62 anos elas se reencontraram para relembrar as primeiras professoras. Da esquerda para a direita, em pé: Belmira Luengo, Umiliana Strufaldi e Zilda Spada. Sentadas: Leonilda Verticchio e Lourdes Ayala

mastro, a bandeira descorada já não se soltava ao vento, não tinha forças para vibrar suas cores. Ficava no meio de um grande terreno. Do lado esquerdo havia muitas árvores, altas e baixas. Um pequeno portão dava acesso às professoras para a secretaria. Do lado direito, o portão de entrada e um largo corredor que seguia para o pátio atrás do prédio. Nesse pátio eram formadas as filas para as classes. À direita do largo corredor havia pés de ciprestes - altos e de troncos grossos - que iam até o pátio do fundo.

Se o prédio grande, escuro e em meio às árvores já nos assustava as tardes de chuva então eram apavorantes: mais parecia um casarão mal-assombrado do que uma escola. Quase todas as tardes, nuvens escuras cobriam o sol: o medo e a escuridão tomavam todo prédio. Dava medo mesmo: as chuvas vinham com ventos fortes, relâmpagos, trovões; as árvores do lado esquerdo batiam-se, fazendo barulho. Os altos ciprestes, do lado direito, com o vento atravessavam a entrada e batiam nos vidros, parecendo gemer, gemer.

As janelas não tinham todos os vidros. Algumas meninas mais corajosas tentavam segurar as cortinas para evitar que a chuva molhasse as carteiras. Era ali, naquele sobradão

que nos assustara nos primeiros dias, dos ciprestes que gemiam batendo nos vidros, que nos esperavam nossas fadas madrinhas, nossas primeiras professoras!

As fadas madrinhas, que com paciência nos abriram os olhos e a mente para a vida, revelando-nos os mistérios da escrita e a beleza das letras, até nos passando um pouco de brasilidade naqueles anos da Segunda Guerra Mundial.

As professoras do nosso tempo pareciam ter nascido para ensinar. Elas se formavam *mestras de ensino* depois de completar o curso normal. Enquanto estudavam, ganhavam o bonito nome de *normalistas*, o que as diferenciava das outras estudantes. Até uma linda música lhes foi dedicada com o título de *Normalista*.

O curso normal era preferido pela família das moças. Naquele tempo pouquíssimas jovens estudavam medicina ou engenharia. Jovens ou idosas, solteiras ou casadas, tinham o mesmo jeito de ser, discretas no vestir, sempre sérias. Mesmo as mais alegres jamais riam alto ou faziam gestos exagerados. Algumas eram severas, bravas mesmo, e poucas falavam da própria



Leila Abib e Melsiedes Dall'Mas Resende

família. Nós nos orgulhávamos das nossas professoras. Havia até uma certa rivalidade entre as alunas: a nossa professora era sempre a melhor.

A recomendação maior da mãe de cada uma de nós era o respeito que tínhamos de ter com as professoras. A escola era como o lar, e nosso comportamento tinha de ser tal qual o que de nós era exigido em casa.

Aprendemos mais do que ler e escrever as matérias escolares. O comportamento pessoal das nossas professoras influenciou muito no nosso desenvolvimento. Afinal, foram quatro anos de convivência com diversas professoras, que só nos deram bons exemplos.

Essa homenagem é para nossas mestras dos anos compreendidos entre 1944 e 1947, porém, a alegria das lembranças é nossa: depois de 59 anos conseguimos nos reunir para recordar. Lamentamos pelas que já partiram desta vida, mas temos a felicidade de saber que a querida professora dona Maria Bacchi vai receber esta homenagem de suas antigas alunas.

RECORDANDO - Dona Maria era a “mestra-mãe”, exigente, dedicada. Viveu como professora, repartindo seu saber, sua missão de ensinar para centenas de crianças. Dona Isaltina Leite Sousa,

morena, bonita, alegre, muito boa. Usava vestidos de cores claras estampadas. Casada, gostava de falar da família. Dona Orzila Antunes Correia, segundo ano, séria, só falava o necessário. Parecia ser solteira. Usava saias e blusas escuras, sapatos de meio salto, amarradinhos. Dava reguadas em mãos de unhas compridas e aplicava puxões de orelha. Eu levei um. Dona Dulce de Castro, sempre querida! Não havia aluna que não quisesse estar em sua classe. Ela era delicada, bonita, elegante nos seus tailleurs escuros. Seu perfume, tão suave e gostoso, avisava-nos da sua presença!

Muito discreta, sempre bem vestida, tranqüila até no modo de atravessar a rua para vir dar as aulas era dona Maria América. A jovem dona Áurea era clarinha, bonita, sempre bem vestida. Tinha o mesmo jeito tranqüilo da mamãe Maria América. Dona Maria da Penha, já senhora, era muito simples no vestir. Parecia muito tímida, mas era atenciosa com suas alunas e muito lembrada por elas. Dona Evangelina era bem idosa. Sempre de vestido preto, era a mais sofrida: seus alunos eram sempre repetentes e muito indisciplinados. Dava pena dela. Dona Eunice era muito boa, carinhosa, querida pelas suas alunas. Muitos anos depois ainda tinha a

amizade de suas antigas alunas. Dona Guiomar Abrão, bonita, tinha olhos bem azuis, cabelos ondulados, curtos. Descendente de sírios, era uma moça agradável e parecia gostar muito de nós. Dona Maria de Lourdes Menezes era muito estimada por suas alunas. Dona Maria de Lourdes Brilha Cezar era pequenina, engraçadinha, bonitinha e, no quarto ano, substituiu o dr. Aureliano na diretoria. Dona Chiquinha, a Francisca Sigliano Rago, era solteira, jovem, alegre e linda! Tinha olhos verdes e cabelos pretos um pouco longos. Alta, corpo bem-feito, usava vestidos claros justos e sapatos e sandálias bem altos. Falava muito da família, da mamãe Conceição e da irmã Alzira. Morava na Bela Vista, em São Paulo.

Eu tive a alegria de privar da sua amizade, de visitá-la uma vez e de nos telefonarmos até cinco anos atrás.

NOSSO ENCONTRO - Na intenção de homenagear nossas professoras, eu tive a alegria de reencontrar algumas colegas parceirinhas daqueles anos de escola.

Já se passaram quase 60 anos desde o dia em que nos separamos e demos adeus ao nosso querido grupo escolar. Dia em que recebemos nosso diploma do primário: o primeiro dia da nossa separação.

Quando nos encontramos, agora, dia nove de agosto de 2006, os longos anos de separação desapareceram nos primeiros abraços. Foi com muita alegria que recordamos aqueles tempos, falamos do tempo presente e fizemos acordar muita lembrança adormecida, o que nos trouxe à mente a nossa infância.

Éramos meninas mesmo. Depois, moças esperando que o destino traçasse os caminhos que cada uma iria percorrer na vida. Nesses anos, cada dia foi outra lição. Aprendemos a viver passando por alegrias e tristezas, felicidades e decepções, preocupações e esperanças.

Enfim, vivemos a vida como ela é, sem perceber com que rapidez o tempo passava. Tivemos de esconder os cabelos brancos nas

tinturas, disfarçar as rugas nos potinhos de creme. Mantemos ainda uma ótima aparência, mas o sorriso da mocidade perdemos nas asas de um tempo que voou muito rápido.

Porém para muitas a lição mais difícil foi ser mãe de família. Tenho certeza de que foram aprovadas com louvor e receberam o mais belo dos diplomas: o de missão cumprida.

Todas lamentamos não termos podido contar com mais colegas no nosso encontro. Algumas já deixaram esta vida; outras, não foi possível encontrar. Mas temos certeza de que antigas alunas e antigos alunos, quando souberem, quando lerem a revista *Raízes*, sentirão um pouco de saudades daqueles bons anos.

No nosso encontro todas nós reconhecemos o valor do nosso primeiro diploma, que na época era uma conquista inestimável. Sem a dedicação das nossas mestras, essa conquista não teria sido possível: muitas vinham de São Paulo e subiam, a pé, desde a estação de trem até a rua Monte Alegre.

Concordamos que esta será nossa humilde, mas carinhosa, homenagem às nossas queridas professoras.

Por certo, sentir-se-ão elas, no lugar em que estão, eternas nas lembranças das suas alunas Zilda Spada, Belmira Luengo, Melsiedes Dall'Mas Resende, Lourdes Ayala, Umiliana Strufaldi, a professora Leila Abib e eu, Leonilda.

() Leonilda Verticchio é memorialista*



*Clube Esportivo São José,
rua Rio Grande do Sul,
ano de 1963*

Os craques da bocha

A bocha é um esporte que consiste em lançar bolas (bochas) com o objetivo de se aproximar do bolim (bola menor). Além de trabalhar o físico do atleta, estimula a estratégia, a lógica e o espírito de equipe.

O primeiro campeonato brasileiro da modalidade foi realizado em 1964, na cidade de São Paulo. Um ano antes, fora criado o primeiro clube de bocha em nosso município: Esporte Clube São José.

Falar do jogo de bocha em São

Caetano do Sul é falar de gente que viveu intensamente as nuances desse esporte, nos sessentas e setentas do século passado. É descrever um tempo em que os esportistas eram independentes de clubes (amadores), em que as canchas eram construídas em terrenos livres (só depois vieram as áreas cimentadas e, finalmente, os espaços sintéticos) e possuíam medidas diferentes umas das outras. É falar, enfim, de uma época em que as largas dimensões dos bares da cidade permitiam que muitos deles se

transformassem em pontos de jogo.

Alguns desses pontos, segundo lembranças de Adolfo Marani e Edison Zanon, ficavam no Bar do Momi, no bairro da Fundação; no Bar Piauí, na rua também chamada Piauí, na altura da rua Nossa Senhora de Fátima; no Bar Amazonas, na altura do número 1253 da rua Amazonas; no bairro Cerâmica, na rua Armando de Arruda Pereira; na rua João Pessoa, bairro Centro; no Bar Botafogo, situado na rua Alagoas.

Os mais idealistas e apaixonados pelo esporte passaram a reunir-se no intuito de criar um clube capaz de, mediante o atendimento de certas exigências das entidades oficiais do jogo da bocha, disputar torneios de alto nível técnico. Foi então que se iniciou a saga desses pioneiros, cuja trajetória é aqui descrita através das palavras de alguns deles. Transcrevemos na íntegra a fala desses senhores, já porque elas são bastante claras e elucidativas, já porque nossas próprias palavras não seriam melhores do que as deles.

Sou um dos fundadores, o primeiro tesoureiro e ajudei a formar o Esporte Clube São José e a equipe de bocha. Antigamente, o sistema de bocha era diferente: era conhecido como "ponto" e "bota". Mas, depois, veio o [campeonato] sul-americano e tivemos de formar um clube e nos adaptar às novas regras para participar dos campeonatos. Então, o clube se fez nessa época. Eu, infelizmente, tive de parar de jogar bocha em [19]67, porque tive um começo de arritmia cardíaca. Foi difícil, mas eu tinha uma cantina no clube para me distrair. (Adolfo Marani, 83 anos.)

Sou um dos fundadores e um dos mais antigos jogadores de bocha de São Caetano e do clube. Eu fui o segundo tesoureiro depois do Adolfo Marani. Nós dois somos os



Primeira missa de aniversário do Clube Bochófilo São José, em julho de 1964

mais velhos do clube. Comecei a jogar aqui profissionalmente em [19]64 e joguei até 2000. Fui o atleta que mais vestiu a camisa de São Caetano. Nós íamos para todos os lugares do Brasil levar o nome da bocha do Esporte Clube São José. Fomos inclusive para a Argentina, em [19]69, defender a seleção brasileira: isso para mim foi um orgulho (...). Nós ganhamos o primeiro em [19]75, no Rio. Depois vieram Uberlândia em [19]77, Belo Horizonte em [19]81 e Chapecó em [19]85 (...).

Tivemos de fazer uma cancha oficial, que é a sul-americana, com medida de 4x24m. Então nós nos reunimos com todos os clubes de bocha de São Caetano para propor uma união. Seleccionamos nessa reunião 14 pessoas para estudar como seria feito. A primeira reunião foi feita no início do ano de 1963: ficamos discutindo onde seria feito o clube. Aí



VI Taça Brasil de Bocha, realizada no Rio de Janeiro, entre os dias nove e 12 de junho de 1977. Da esquerda para a direita: Edson, Mazola, Vanderley, Macari, Moinha, Guilherme, Fernandinho, Breda, Carlinhos e Antônio Perin

Primeira diretoria do Esporte Clube São José. Agosto de 1963. Da esquerda para a direita: Adolfo (Café), Antônio Benedetti, Antônio P. E. Silva, Paulo Boaventura, Carlos Fernandes, Edison Zanon, Orlando Pegorin e Luiz Francisco



resolvemos falar com o Lorenzini, que era proprietário desse terreno. Conseguimos alugar o terreno por 500 cruzeiros, que era muito dinheiro na época. Para conseguirmos pagar esse aluguel, tivemos a idéia de fazer um plano em que cada um dos 14 integrantes pagaria uma mensalidade de 50 cruzeiros por mês. Era muito dinheiro. Até briguei com a minha esposa por causa disso! Nós dávamos o dinheiro para o Marani, que era o tesoureiro. Nessa época, era só uma parte desse terreno. Depois é que ficou grande assim. Assumimos a responsabilidade sem saber se daria certo. Fui até o Braido e o Massei atrás de ajuda (...).

Aqui eu conquistei vários títulos. Sou o atleta com mais títulos: 11 vezes campeão paulista (dez pelo São José e uma pelo São Bernardo). Eu tive uma discussão com o presidente, em [19]72, e fui jogar em São Bernardo. Tenho oito títulos estaduais, sete pelo

Equipe campeã paulista de 1965. Da esquerda para a direita, em pé: Carlos, Salvador, Olavo, Guilherme Boscoli, Edson, Giacomo, Greco, Walter Braido, Orlando. Agachados: Garbelotti, Landinho, Pícolo, Mazola, Macari, Imperador, Nelson Sturaro e João



São José e um pelo São Bernardo, e quatro brasileiros. Somos os únicos tetracampeões do Brasil (...).

Sempre joguei bocha. Comecei a jogar bocha um pouco antes de formar o clube, em um bar aqui na rua Amazonas. O clube foi formado em 1959, e vinha pessoal do Cruzada, da Cerâmica ... Havia oito ou dez clubes [na cidade], e todos os anos era feito um campeonato aqui. Aí surgiu um

regulamento pan-americano e tivemos de nos adaptar ao novo regulamento. Joguei também três anos no São Caetano e aí voltei para cá, porque eu era fundador. Sou há 43 anos associado do clube (...).

O nome do Esporte Clube São José surgiu porque a primeira reunião foi feita na casa de José Benedetti. Então, esses 14 membros iniciais resolveram colocar o nome José em homenagem ao dono da casa. Depois que arrumamos o terreno, cada um dos 14 cuidou de uma parte da construção. Todo mundo colocou a mão na massa: uns foram atrás do eucalipto em Rio Grande da Serra, outros trabalharam como pedreiros. Levamos seis meses.

Depois, tivemos de decidir como seria feito o fardamento. Cada um apresentou uma proposta, e a que venceu foi a de um irmão meu que nem era sócio. Ele

aprovou esse emblema que temos, e os próprios atletas ajudavam na compra do fardamento (...). A escolha da cor branca e bordô surgiu porque a família Benedetti, que era italiana, tinha o costume de tomar vinho nas reuniões do clube e, uma vez, o vinho caiu na mesa e manchou de bordô a toalha branca (...).

Era difícil competir naquela época, mas a confederação ajudava nas viagens. Sempre gostei de ir às viagens. Era o nosso maior prazer. Eu chegava a deixar o meu

estabelecimento para vir jogar aqui. Naquele tempo, a bocha era bem prestigiada e o clube era muito freqüentado. O clube chegou a ter mais de mil sócios. Como não havia outros divertimentos, todo mundo vinha pra cá. A gente treinava uma ou duas vezes por semana e, na véspera do jogo, eu comia menos. (Edison Zanon, 74 anos.)



Equipe mista de 1970. Da esquerda para a direita, em pé: Paiva e Silva, Benedetti, Terezinha, Luigi, Harmonia, Chico, Boscoli, Rina, Candinha, Laura, Aninha e Pura. Agachados: Moia, Landinho, Salvador, Lia, Nilza, Cleide Façal e Anna

Tipos de jogada

A ponto - Joga-se a bola, sobre a superfície da quadra, na reta ou pela tabela, com o objetivo de ganhar o ponto do adversário.

Rafada - Joga-se a bola, com força, na reta ou pela tabela, com o objetivo de deslocar o bolim ou as bolas do adversário.

Bochada - Joga-se a bola, pelo alto, com o objetivo de deslocar o bolim ou as bolas do adversário.

Conforme Adolfo Marani e Edison Zanon, havia ainda outros tipos de jogada. Entre as mais populares, de todo modo, estava a *rafa*, lance predileto de alguns de nossos entrevistados. Para participar do campeonato sul-americano, no entanto, os atletas tiveram de adotar o tipo *a ponto*.

Este é o primeiro clube de bocha de São Caetano. Ele existe há mais de 43 anos, mas mantemos o clube com muito custo, pois não temos mais a ajuda que tínhamos antigamente. Em época de torneio, aqui chegava a ficar lotado, pois vinha gente de todos os lados do Brasil. Hoje estamos abandonados. Se não fosse o Detur (Departamento de Esportes e Turismo da



Equipe campeã paulista estadual da Copa São Caetano, tabela ABC, ano 1988. Da esquerda para a direita, em pé: Breda, Salvador, Perin, Nivaldo e Raul. Agachados: Sidney, Vanderley, Moinha e João Ernesto

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul), *seria complicado. Não estou aqui no clube desde a fundação. Estou há 32 anos e já fui presidente duas vezes, em [19]85 e [19]86. Há três anos me chamaram novamente. Eu lembro que [19]85 foi o ano do último título que o São José recebeu. Somos quatro vezes campeões brasileiros, porque sempre foi intercalado. O único clube que tem um título a mais do que nós é lá de Santa Maria, no Sul (...).*

Quando chegamos aqui, o terreno estava cheio de barracões, casas velhas ... Estava abandonado. Este clube deveria ser um clube de primeira grandeza. Aqui poderia ter de tudo, até pela sua localização central. Todos os clubes estão afastados, mas o nosso está no centro. Ele poderia ter de três a quatro mil sócios. Isso poderia ser uma potência, mas o problema é que a bocha não é divulgada em todo lugar do Brasil (...). Quando se fala no clube de bocha São José,

Fundadores do Esporte Clube São José

*Antônio Benedetti
Antônio Carmine Iezzi
Antônio Zorzim
Antônio Paiva e Silva
Adolfo Marani
Edison Zanon
João Marqueto
João Batista Coam
Humberto Pícolo
Barcelona Velho
João Molinari
Orlando Pegorin
Orlando Hipólito
Paulo Boaventura*

todo mundo conhece. É uma referência de nossa cidade lá fora.

Hoje a bocha não é mais amadora. Ela é profissional. Por causa disso, o Detur dá uma verba para pagar os atletas. O clube não gasta um tostão com os atletas, e eles são de primeira. Temos duas e q u i p e s femininas e duas masculinas. Quem recebe

mais é o pessoal da Equipe A. Tenho como jogadores: Caco Gaúcho, Lampião Gaúcho, Leandro Gaúcho, Paranaense, Romeu e Ivano. Tenho um argentino que coopera com a equipe (...). Ninguém ganha da equipe feminina (...). Agora temos uma equipe de rafa, mas não é nossa especialidade. Eu fui obrigado a contratar quatro jogadores especializados em rafa.

Comecei a frequentar o clube por sugestão do meu cunhado, - hoje falecido -, que era jogador de bocha. Como eu morava aqui perto, comecei a vir aqui. Ficava sentado, vendo o pessoal jogar. Aí me perguntaram por qual motivo eu não entrava de sócio. Vinha aqui aos sábados e domingos e comecei a gostar e acompanhar o clube. Cheguei a ser diretor de esportes do clube. Mas só fui presidente porque João Bonaparte e Ubirajara Garcia me chamaram no canto e me pediram para fazer uma chapa, pois eles iriam me apoiar. Isso foi em

Desfile de abertura da
Copa São Caetano de
Bocha Feminina. Ano
2003



[19]84 e [19]85. Então montei a chapa, com 30 pessoas, mas não coloquei ninguém à revelia. A chapa foi eleita. Então, resolvi me associar e acabei sendo presidente. Eu tinha quatro ou cinco associados, dos quais apenas um está vivo. (José Marinotti, Francisco Marinotti, Lázaro de Campos, Pelozini e Cláudio Musumeci.) Essas pessoas me custearam os atletas. Tínhamos os dois melhores: o Mirinho (de Santos), o

Adilson, o Wanderley ... Então, montamos uma boa equipe naquela época. Fiquei até [19]86 como presidente e, agora, voltei na mesma função. (Alfio Vezzali, 77 anos.)

(Os três depoimentos que serviram de base para este texto foram colhidos em reunião ocorrida na tarde de dez de outubro de 2006, na sede do Esporte Clube São José. Participaram do encontro, além de Alfio Vezzali, Edison Zanon e Adolfo Marani, também José Mariano da Silva, primeiro jogador de bocha da agremiação, Antônio Perin, conselheiro fiscal da entidade e técnico da equipe que disputou o primeiro campeonato brasileiro da modalidade, realizado no Rio de Janeiro, em 1962, Hélia Ap. Zanon de Almeida, diretora social e atleta, Miriam Tereza Tiberio, secretária, e Romão G.G. Mendes, tesoureiro. Todas essas pessoas contribuíram de maneira fundamental para a rememoração exata dos eventos que construíram a história do São José, auxiliando-se reciprocamente na confirmação e no detalhamento dos fatos. Fizeram todos questão ressaltar, não só as glórias passadas do clube, mas também os feitos de destaque dos 43 atletas que compõem as atuais sete equipes de bocha da entidade. Entre esses feitos merece destaque a disputa do torneio Bolim de Ouro, realizado em Milão, Itália, em janeiro de 2004. Quatro atletas do São José - Ricardo Alexandre F. dos Santos, Ivano Sgarabotto, Júlio Cesar A. da Silva e



Equipe Masculina A1, bicampeã estadual de 2005. Da esquerda para a direita, em pé: Orlando Dividino (diretor de esporte e atual vice-presidente), Ivano, Marcio, Romeu, Oscar, Alfio (presidente). Agachados: Leandro, Clayton, Paulinho e Ricardo (Caco). As crianças Alice e Kauê

Alberto Grizuela - dirigiram-se à cidade italiana para enfrentar os europeus. Acompanharam-nos, na oportunidade, além do técnico Orlando Dividino e do então presidente do clube, Jeferson Zanon, também o dr. Sílvio Torres e o padre Geraldo Voltolini.)

(*) *Sônia Maria Franco Xavier, presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Equipe A2 Masculina no Campeonato Paulista de 2006. Da esquerda para a direita, em pé: Jeferson, Guilherme, Fernandinho, Pepe, Sebastião, Alfio (presidente). Agachados: Fabiano, Rizo, Márcio e Zeca



Seleção do exército - 1958. Da esquerda para a direita, em pé: Batalha, Parada, Pelé, Ariston e Parobé. Agachado: Gonçalves

Gonçalves, jogador de São Caetano comparado ao lendário médio Bauer

Ele nasceu em São Caetano do Sul, mais especificamente no bairro Prosperidade, no dia primeiro de abril de 1940. Suas primeiras letras e a seqüência natural dos estudos aconteceram na Escola Estadual de Primeiro Grau Lauro Lopes, no próprio bairro. Além de bom aluno, demonstrava tendência para a prática de esportes, com prioridade ao futebol. Nos campeonatos internos e também no pequeno campo varzeano, sua intimidade com a bola era facilmente notada. Ainda com tenra idade ingressou no Vila Prosperidade FC, onde se destacou, atraindo o interesse de outros clubes amadores como Botafogo FC e Barcelona

EC. Seu nome, Francisco Gonçalves Ferreira, ou simplesmente Gonçalves, nome com o qual viveu importantes momentos dentro do futebol profissional.

De família humilde, Gonçalves teve de trabalhar muito cedo. Conciliava, até com facilidade, seu emprego na Fábrica de Louças Marinotti com a prática do futebol. Nessa época, fruto da fusão entre o São Caetano EC e o Comercial (da Capital), surgiu a AA São Bento, e nosso craque, então zagueiro, ingressou nos juvenis desse clube, onde permaneceu pouco tempo, pois foi levado para o São Paulo FC. Ali, seu treinador, Luís Bravi, percebendo a grande intimidade que Gonçalves tinha com a bola, sua facilidade para passá-la aos companheiros, colocou-o para atuar no meio de campo. Tiro certo, pois Gonçalves transformaria-se num dos melhores volantes do futebol brasileiro.

Do juvenil do São Paulo, Gonçalves foi contratado pelo Nacional, da rua Comendador de Sousa. Na primeira oportunidade que teve de enfrentar seu ex-clube, nosso atleta destacou-se de tal modo que o jornal *O Esporte* afirmou que ele havia zombado da sabedoria de Zizinho, confundido Dino Sani e colocado de lado a majestade de Canhoteiro. Chegou então a época de servir no exército, em 1959. Gonçalves assentou praça na Companhia do Quartel General, sediada no Ibirapuera. Ali foram organizadas várias competições esportivas, entre elas um campeonato de futebol entre os quartéis, com a finalidade de unir os militares.

Mais à frente formaram-se as seleções estaduais entre militares, quando Gonçalves teve a oportunidade de jogar junto com Pelé, que servia na cidade de Santos. Em seguida surgiu a convocação para a seleção brasileira entre militares, e Gonçalves, ao lado de Pelé, Batalha, Parada, China, Viana e Parobé, entre outros, conquistou a Taça Intercontinental Sul-Americana dos Militares, em 1959. Esse largo



sucesso fez despertar o interesse de clubes como Palmeiras, Vasco da Gama, Corinthians, Santos e Portuguesa de Desportos. Mas a diretoria do Nacional recusava-se a vender seu passe. Levado pelo saudoso Waldemar de Brito, o descobridor do Pelé, Gonçalves chegou a treinar no San Lorenzo de Almagro, na Argentina, mas na hora do contrato o Nacional, de novo, não o liberou.

Essa decisão aborreceu muito o jovem Gonçalves, que chegou a pensar em desistir do futebol, tanto é que sumiu do clube por cinco meses. Em razão disso o Nacional concordou em emprestá-lo para o Corinthians, para substituir o consagrado volante Roberto Belangero. Uma das formações corinthianas da época era: Aldo, Augusto, Valmir, Oreco e Clemente; Gonçalves e Rafael; Espanhol, Manoelzinho, Adilson e Neves. Mas, com o Alvinegro não vivia um bom momento, as coisas não caminharam muito bem.

Nesse ano, finalmente, nosso craque deixou o clube da Capital, ingressando no São Bento de Sorocaba, onde passou a receber 2.500 cruzeiros por mês. Formou-se ali uma importante dupla de meio de campo com Gonçalves e Bazzaninho. O Internacional de Porto Alegre tentou contratá-lo, mas o São Bento não concordou. Em 1969, foi contratado pelo Juventus. Em seguida, viajou para a Venezuela, retornou ao São Bento e, em 1973, então com passe livre e 33 anos, foi para o Comercial de Campo Grande, onde passou a

Sport Club Corinthians Paulista. Da esquerda para a direita, em pé: Aldo, Gonçalves, Augusto, Oreco, Valmir e Clemente. Agachados: Irineu, Espanhol, Manuelzinho, Adilson, Rafael e Neves



Da esquerda para a direita: Gonçalves, Luís Pereira, Leandro e Ademir da Guia, em um encontro de amigos

ser o Mestre Gonça.

Em 1976, por insistência dos dirigentes do clube, resolveu trocar o campo pelo banco, tornando-se treinador durante um ano e dois meses, assumindo, depois, a supervisão do Comercial. Gonçalves continua em Campo Grande, onde é assistente de um vereador local. Tem 66 anos de idade. Nosso ex-craque não se arrepende de nada que fez. Ao contrário, está muito orgulhoso de sua carreira futebolística limpa e honesta, como também foi a de seu irmão mais velho, já falecido, José Gonçalves Ferreira, que foi igualmente jogador profissional dos bons, defendendo o Ypiranga, de São Paulo, o Botafogo, de Ribeirão Preto, e a Ponte Preta, de Campinas.

Francisco Gonçalves afirmou estar convencido de que nasceu para o futebol em momento errado, mas está feliz e grato por tudo. Atuou na época de Bauer, do São Paulo FC, a quem chegou a ser comparado, Zito, Dino Sani, Lorico, Zizinho, Pelé, Coutinho, Chicão, que certa vez afirmou que Gonçalves foi o melhor volante que ele viu jogar. Ademir da Guia apontou-o como um dos jogadores mais clássicos e mais injustiçados do futebol brasileiro. Por temperamento, Gonçalves tinha um tipo mais amador, pois se apegava muito ao clube, à cidade, aos amigos. Basta lembrar que ele ficou seis anos no Nacional da Capital e sete no São Bento de Sorocaba.

Gonçalves relembra uma de sua melhores atuações como profissional. Foi pelo São Bento de Sorocaba contra o Corinthians.

Não lembro o resultado, mas fiz uma das minhas melhores partidas. Inclusive lembro de um cruzamento, em nossa área, em que eu dominei a bola no peito, e o Flávio, antigo centroavante corinthiano, veio: dei-lhe um chapéu ainda dentro da área e saí jogando. Indagado se ganhou dinheiro com o futebol, Gonçalves disse: Sempre joguei em time médio ou pobre. Por isso o dinheiro foi pouco, mas deu para construir a segurança para minha família. O que ganhei, e muito, foi consideração por onde passei. O carinho de todos é muito importante. Sempre me preocupei mais fora do que dentro do campo. Sempre procurei ser decente, direito e honesto, pois sabia que o futebol um dia iria terminar, mas a minha vida teria de continuar.

Gonçalves jogou contra verdadeiros craques de bola. *Meu primeiro jogo como profissional foi contra o São Paulo. Tive de marcar o Zizinho, que eu conhecia das figurinhas. O Mestre Ziza era um dos monstros sagrados do futebol. Joguei também contra o Jair Rosa Pinto e o Chinesinho. Foi emocionante (...). Lembro de outra partida quando o São Bento venceu o Corinthians por 3 a 1. Naquele dia o Rivellino queria morder a gente. Vencemos também o Palmeiras, com Vavá e tudo, lembrou.*

O ex-atleta demonstra com entusiasmo a saudade que sente de São Caetano do Sul. *Ali nasci, estudei, iniciei minha carreira futebolística. Acompanho pela imprensa e por visitas eventuais o crescimento fantástico da cidade, constituindo-se numa das melhores do Brasil para se viver. Penso em voltar. Francisco Gonçalves Ferreira aproveitou para deixar uma mensagem aos jovens que pretendem jogar futebol. Encarem a profissão com bastante responsabilidade e muita humildade. Procurem dedicar-se muito aos treinamentos. Hoje em dia todos devem defender e atacar, e isso exige bom preparo físico. Antigamente, a gente fazia o “cerca-Lourenço”; hoje, isso acabou.*

(*) João Bresciani é jornalista e radialista

Memórias do nosso futebol

Em oito de junho de 1945, em Oswaldo Cruz, cidade do interior de São Paulo, na região de Tupã, ele nasceu. Estranha coincidência em sua vida. O nome da sua cidade ou origem. O nome da empresa em que até hoje trabalha: Cerealista Oswaldo Cruz (ou, hoje, Supermercados Joanin). O nome do time de futebol, tenho certeza, do seu coração: Sociedade Beneficente Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz. A Sberoc da rua Oswaldo Cruz. Esotéricas ou não, são coisas da vida. Ele, ainda hoje, mora na rua Bom Pastor, 608, no bairro Oswaldo Cruz. Não cabem aqui explicações.

De lá, por volta de 1955, veio para São Caetano, com apenas dez anos de idade. Seu primeiro emprego foi num posto de gasolina. Depois, no mercadinho do *seu* Joanin, na rua Ingá. Duas pequenas portas, o início da hoje fortíssima rede de mercados Joanin (Cerealista Oswaldo Cruz) e, atualmente, a *loja um* da rede. Lá, pasmem, caros leitores, permanece ainda. E lá se vão 47 anos de trabalho.

Filho do sr. Antônio Dias Neves e de dona Catarina Arencua Neves. Família pequena. Ele é o filho mais velho; em seguida, a Zilda, a Aidê e o caçula Dirceu. Sempre foi pacato, quieto mesmo - logo, muito reservado. Daqueles que falam pouco, mas

sentem muito.

Eu o conheci, na Sberoc, por volta de 1962/63. Morava ele na rua São Bento; eu, na Bom Pastor. Domingo à noite..., à tarde, havíamos jogado pelo São Bentinho, um time azul e branco, ali mesmo da Bom Pastor e que não durou muito tempo. Ele já namorava a Clarice, hoje sua esposa, senhora que, não sabia eu, no futuro seria minha cunhada. Na ida para a casa desta, ele passou pela minha. Preocupado, queria saber o que eu faria naquela noite. Perguntou:

E aí, Paulinho? Você vai no cinema?

Eu!? Com que dinheiro!? - respondi.

Estou duro, como sempre.

Ele não respondeu. Despediu-se e saiu.

O cinema a que ele se referia era o Cine Átila, lá na Visconde, quase esquina com a Bom Pastor, onde hoje funciona um bingo. Era tão antigo que a sala de espetáculos era retilínea, reta. Se alguém mais alto ou um tanto cabeludo sentasse à sua frente, ver o filme seria uma sessão de ginástica. Mas era o nosso cinema. Este ficava no caminho para a casa da sua namorada. Qual não foi a minha surpresa, dali a alguns minutos: ele estava de volta a minha casa,

com um ingresso na mão, intimando:

Tá aqui, negão! Vai no cinema. E foi namorar a Clarice.



O casal Clarice e Haroldo numa excursão à Fonte Sônia, em Valinhos, no ano de 1963

1960 - Época conturbada. A renúncia do então presidente Jânio da Silva Quadros e a posse de João Goulart, a Revolução de 31 de março de 1964 e a ditadura militar. Nós juntos, novamente. Agora no tiro de guerra, mas em turmas diferentes. Eu de manhã e o nosso herói, o Haroldo, à noite, na turma do sargento Trevisan. Com ele uns boleiros *da hora*. O Aurélio Regine, grande amigo nosso, filho do já referido Regine, nosso técnico no Sberoc e, mais tarde, no Bonsucesso FC, da vila Gerty. Além do clima do 31 de março de 1964, da suposta revolução, tinha-se também a revolução no futebol. A criação do futsal de hoje, o futebol de salão. E, na quadra do TG 277, da rua Maranhão, o time do sargento Trevisan.

Ainda bem, pois, em 1964, o futebol de campo, para mim e para o Haroldo, naquele conturbado ano político, ficara restrito aos raros domingos de folga. Mesmo assim, vivemos alguns momentos

emocionantes. Servíamos no TG 277 aos domingos, mas estávamos ligados naquilo que acontecia no campeonato da cidade.

A Sberoc desse ano foi campeã da segunda divisão do campeonato da Liga de Esportes de São Caetano. Tanto eu como o Haroldo jogamos um jogo cada um, justamente contra o Vila Gerty, que decidiria contra nós a final. Ele no primeiro turno e eu no segundo. Embora ele tenha levado um verdadeiro baile do Tesourinha, endiabrado camisa 11 do Vila, o Sberoc ganhou. Eu, no segundo turno, enfrentei o outro - tão ou mais endiabrado - camisa 11 do Vila, o Baltazar. Além do baile que levei, o Sberoc ainda perdeu o jogo por 3x2, única derrota naquele ano. Mas na final, Sberoc x Vila Gerty, lá embaixo, no bairro da Fundação, campo do América do Sul FC, o time do Serafim Sanches Monteoliva fez a festa. Eu e o Haroldo, após nosso turno no TG 277, voamos a pé da rua Maranhão até lá e vimos o *azul-branco-e-vermelho* da rua Oswaldo Cruz sagrar-se campeão.

E chegamos no ano de 1965. Eu e ele jogávamos no então juvenil extra, hoje juniores. O jogo foi em Americana, interior de São Paulo. Nunca tinha jogado em campo gramado. Hoje este campo em que joguei é o estádio do Rio Branco FC.

Entramos no campo. Em fila indiana, só o primeiro quadro (que era o time titular). Pela ordem: número um, Beline (goleiro); Branco o número dois (lateral direito); o zagueirão central, o Sótima, com o número três (centromédio); o Gordinho, com o número cinco, era o que hoje equivale a um quarto zagueiro. Eu era o volante, meio-de-campo, com o número quatro. O ponta-direita, com o número sete, era o Pironatto. Daí em diante, esses quatro craques inesquecíveis: com a camisa oito, o Guilherme; com a nove, o Binho; com a dez, o Quico; com a 11, o Natalino, irmão do

Gordinho. Esses quatro últimos eram tão bons quanto os Ronaldinhos e os Kakás de hoje - talvez melhores.

Infelizmente perdemos o jogo, mas foi para nós uma verdadeira festa. Chegamos a Americana às dez horas da manhã. Um tratamento *vip*, como diriam hoje: visita aos locais turísticos da cidade e passagem pelos bares especializados “naquela” cachaça especial. Um verdadeiro banquete no almoço, digno das festas dos deuses gregos no Olimpo. Todos os tipos de carne: galinha, vaca e porco. Todas as saladas. Imaginem: verduras, legumes, maionese, macarronada, lasanha, arroz etc.. Fomos tão bem tratados, na hora do almoço, que, às 16h, início do jogo, ninguém tinha pernas para correr. A maioria empanturrada, ainda assim começamos bem: o Binho fez o primeiro gol e o Quico o segundo. Só então eles fizeram o primeiro: 2x1. Para nós, depois do segundo gol, um baile. Eles viraram o jogo: 4x2. Tudo isso antes do casamento do nosso herói, que aconteceu em seis de maio de 1966.

Já casado, houve um certo distanciamento natural entre mim e ele. Ele foi morar aí na rua Amazonas, onde hoje é a quadra de futsal do Monte Azul FC, vizinho da Faenac (Faculdade Editora Nacional). Por isso, joguei com ele alguns jogos no time de futebol do Monte Azul. O time, na época, era o que hoje chamamos de timaço. Tanto eu como o Haroldo éramos reservas. Nessa condição, jogamos aqui em São Caetano, na Vila Zelina, contra o time da então Cestas de Natal Columbus. Além dessa, disputamos muitas outras partidas. Em 31 de dezembro de 1965, ainda na condição de reservas, fomos jogar em Porto Feliz. Do time adversário não me lembro, mas lembro-me de que o Haroldo jogou os 20 minutos finais no lugar do Português, o lateral direito titular. Eu, uniformizado o tempo inteiro, na esperança de entrar no jogo, e acompanhando a partida



Em pé, da esquerda para a direita: Jaiminho (conhecido como Pelezinho), Haroldo e João Pedro Pedullo. Agachados: Souza e Guilherme

no meio de uma nuvem de mosquitos que iam de um lado para outro, não joguei. Foi uma decepção para mim e uma festa para a nuvem de mosquitos.

Assim, como não consegui sair da condição de reserva, no Monte Azul, resolvi voltar para o Bonsucesso, da vila Gerty, onde, antes, eu e o Haroldo havíamos jogado. Levados na época pelo meu cunhado Leninho, já veterano, em fim de carreira.

Bonsucesso FC, último time em que jogamos juntos.

Tantas são as histórias que vivemos no Bonsucesso. Não dá para contar todas, mas uma me tocou - e muito. Foi no campo do Estrela Vermelha FC, bairro Barcelona, hoje APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional). Como o irmão que sempre fui, ele comprou a briga, a minha briga.

Esta começou na decisão do campeonato de 1967, entre Bonsucesso e



Time do Bonsucesso FC. Da esquerda para a direita: (?), diretor da época; Bigorriho; Anterinho, goleiro; Jaimão, zagueiro; Paulinho da Villa; Haroldo; Preto; (?). Agachados: Gonzaguinha; Índio; Minella; Barão.

Estrela Vermelha. O jogo foi no hoje Estádio Anacleto Campanella, casa da AD São Caetano. Eletrizante foi a decisão. O Estrela tinha um número sete endiabrado, menino ainda, e eu, número seis do Bonsucesso, era seu marcador. Fui implacável. Tanto que ele não conseguiu fazer nada. Irritado, o Nardinho, número oito deles, gritou: *Sai daí! Vou jogar em seu lugar.* E aí não prestou: um entrevero, eu e o Nardinho. Brigamos o resto do jogo. Fiz um belíssimo gol como lateral esquerdo, mas perdemos o jogo: 2x1.



No início de 1968, o Eurides, ou Minella, como também era chamado, voltou ao Bonsucesso, onde tinha raízes. O Minella, já falecido, é irmão do Nico, amigo hoje da diretora desta revista. E ele arrumou o primeiro jogo do Bonsucesso nesse ano, com o Estrela Vermelha, pois ele havia disputado a decisão do campeonato passado pelo Estrela. É o jogo ao qual eu já me referi.

Quando entramos em campo e olhei a escalação do time, notei que o jogo seria quente, embora se tratasse de um amistoso. O número oito deles era o Nardinho, e eu, naquele dia, estava com o número cinco, quarto zagueiro - logo, seu marcador. Do início ao final, provocações, entradas violentas, xingamentos e, como não poderia deixar de ser, no fim, o tumulto. O Haroldo, como já disse, comprou a minha briga. Coitado, acabou levando os tabefes que eu merecia. Quer mais prova de amizade e de amor fraterno que esta?

Hoje estamos um tanto velhos, mas ele continua a me ajudar na resolução dos meus problemas, emocionais ou não; continua sendo o meu irmão, não carnal, mas espiritual. Até quando? Acho que até o dia em que um de nós já não estiver por aqui. Pena que não é possível contar aqui as histórias que, ainda hoje, vivemos.

() Paulinho da Villa é professor aposentado da rede municipal e estadual de São Paulo*

Time dos veteranos da Indústria Tognato. Da esquerda para a direita, em pé: Aparecido Regine (técnico e pai do Aurélio), Chimbica, Mário, Hércules, Haroldo, Paulinho (eu) e Getúlio. Agachados: Bife, Roberto, Maurício, Sossego (irmão do Barbosa) e (?)



Distribuição dos artigos produzidos pelas voluntárias do Roupeiro de Santa Rita. Ao centro, Luzia Martins de Conti, primeira presidente, sócia honorária e grande batalhadora da entidade. Setentas do século XX

Crédito: Roupeiro de Santa Rita

O Roupeiro de Santa Rita foi fundado no dia 25 de maio de 1972, nas dependências da Igreja Sagrada Família. Desde então, a entidade vem desenvolvendo trabalho caritativo em São Caetano. Suas integrantes confeccionam aventais, panos de prato, toalhas de banho, pijamas, lençóis e fronhas para os carentes. Todos esses artigos (e mais os cobertores que são comprados pela instituição) são enviados a asilos, orfanatos e congregações de vicentinos das paróquias da cidade. Ao longo dos anos, o Roupeiro de Santa Rita funcionou em diferentes endereços. Sua primeira sede ficava em uma sala, na Matriz Sagrada Família. No dia 25 de maio de 1983, passou a funcionar numa casa situada no nº 362 da rua Espírito Santo. Deste local, foi transferido para os fundos de um salão de beleza, na rua Amazonas (nº 986). Atualmente, encontra-se instalado em parte das dependências da loja Móveis Residence (rua Perrella, 151). Às terças-feiras, no período da tarde, suas integrantes se reúnem para dar prosseguimento a trabalho iniciado há 34 anos, sob os ensinamentos de Santa Rita de Cássia, segundo os quais as pessoas não podem permanecer desabrigadas e desamparadas.

Crédito: Fundação Pró-Memória



Integrantes da entidade, em foto de 12 de setembro de 2006. Em pé, da esquerda para a direita: Eidir Tavares, Sara Magalnik, Renata Vannini, Lourdes Vick, Tereza Falzarella Dias e Leonilda Vendramini Ferreira. Sentadas, da esquerda para a direita: Rosa Maria Pierin Arantes, Marli Astolpho, Aureluce Pellegrini Borges e Lourdes Russo

Crédito: Fundação Pró-Memória



Da esquerda para a direita: Leonilda Vendramini Ferreira, Lourdes Vick e Aureluce Pellegrini Borges

Crédito: Fundação Pró-Memória



Renata Vannini

Crédito: Fundação Pró-Memória



Tereza Falzarella Dias (sentada) e Lourdes Russo

Crédito: Fundação Pró-Memória



*Marli Astolpho,
presidente da
entidade*



Doação: Maria de Lourdes Santarnecchi De Nardi
Crédito: Fundação Pró-Memória

Em 28 de julho de 1964, defronte da portaria da Indústria Rayon, houve comemoração do aniversário da cidade, inclusive com a colocação do nicho do Santo São Caetano.

Da esquerda para a direita, primeira fila: ?, ?, Gilberto Benevente, ?, Pedro Bonesso, ?, ?. Na segunda fila: Nelson Darvin, ?, ?, padre José Roldan Ibanez, Jaime D'Agostini, Matheus G. Santarnecchi, ?, Manoel Cláudio Novaes e sua esposa Palmira Batistel Novaes. As crianças: Maurício Novaes, Marta Novaes, ?, ?, ?



Praça Hermelino Matarazzo, em frente à Frábrica Rayon, em foto de 24 de novembro de 1946. Da esquerda para a direita, o do meio é Dante Santarnecchi



Em 15 de Agosto de 1956 foi realizada, de bicicleta, a Romaria da Juventude Operária Católica (JOC). Saída: Igreja Sagrada Família. Destino: Igreja da Aparecidinha, Km. 15 da via Anchieta. Da esquerda para a direita: Nelson Scarparo e Matheus Glomir Santarnecchi

Matheus Glomir Santarnecchi, restaurador da imagem de Santa Rita



Casas de operários das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. As casas térreas, à esquerda, eram dos chefes; e os sobrados, dos funcionários. Ano de 1946



Crédito: Blas Julian Reche Martos

Moradores de São Caetano do Sul durante um passeio ao bairro do Jabaquara, em São Paulo. Da esquerda para a direita: Aydê Dias, Carlos Dias, Mercedes Maldonado, Rosária Maldonado e Blas Reche Filho. O Chevrolet 1946 que aparece na imagem pertencia a Blas Reche Filho. Início dos cinqüentas do século XX



Crédito: Arlindo José Mangianelli

Vista da avenida Goiás, na esquina com a rua Manoel Coelho - 1970



Crédito: Benito Campoi

Idelvez Campoi e Dalmo Campoi em foto oferecida pelas Casas Palumbo como recordação do carnaval de 1942



Crédito: Benito Campoi

Armazém do Tio Paulino, localizado na rua Amazonas - 1940. Da esquerda para a direita: Carlos Martinez e Benito Campoi

Crédito: Narciso Ferrari

Reinaldo Zamai e seu irmão Orlando Zamai no primeiro campo do Cerâmica Futebol Clube, situado no início da rua Casemiro de Abreu com a Major Carlos Del Prete - 1939. O vestiário era a olaria existente na fábrica





Crédito: Oscar Garbelotto

O Clube Atlético Centenário, do bairro da Fundação, foi um atuante clube entre 1954 e 1962. Dentre suas atividades sobressaía o vôlei, cuja supremacia local a agremiação dividia com o Unidos Vôlei Clube e a General Motors. Em 1956, o Centenário disputou o campeonato paulista da segunda divisão, obtendo a terceira colocação e o honroso título de “Clube mais simpático” dado pela Federação Paulista de Futebol. Da esquerda para a direita, em pé: Stefan Wolyneç, Valdir Galo, Décio Zampini, Osvaldo Jose Lodi, Darci Rodrigues Prado, Lino Ceschin e Oscar Garbelotto (técnico). Abaixados: Gilberto Bueno, Nelson de Paula e Ronaldo Perrella

As festas de São João do Clube Atlético Centenário sempre eram motivo de união para as famílias do bairro da Fundação. Na foto, o “casamento”. Da esquerda para a direita: Antônio (Nico) Garbelotto, Lídia Perrella, Ronaldo Perrella, o “juiz” Girolano Ceschin, Darci Rodrigues Prado e Lino P. Ceschin - 1956

Crédito: João Gallo

Crédito: Oscar Garbelotto



Crédito: Eduardo Thomé



Catarina Gallo e Arnaldo Gallo na entrada da relojoaria de João Gallo, na avenida Dr. Augusto de Toledo, 252. Ao fundo, a avenida Goiás. Setentas do último século



Em 1960, na inauguração de Brasília, uma comitiva com integrantes da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul representou a região. Da esquerda para a direita, em pé, a sétima pessoa é o senhor Antônio Cândido Lindolpho, fundador e sócio número um do referido sindicato



Crédito: Fundação Pró-Memória



Comemoração do Natal de 1951 na Cerâmica São Caetano

Durante a exibição de “A Muralha”, a TV Excelsior promovía uma caravana com atores dessa novela. Diversos lugares receberam a visita dos artistas da emissora, entre os quais São Caetano do Sul. A imagem registra o evento organizado na antiga Concha Acústica, durante a passagem da caravana pela cidade. No canto esquerdo, aparece Paulo Tachinardi Domingues. Ao centro, o autor de novelas Sílvio de Abreu (que, na época, estava iniciando sua carreira como ator). No canto direito, o cantor Benito de Paula. Fim dos últimos sessentas

Crédito: Arquivo pessoal



Maria Antonia Ferreira Fiorotti desfilando em festa de formatura de escola de corte e costura. Ano de 1958

Crédito: Antônio Rosa Alves



Funcionários da Tinturaria Monte Fuji, em 1944. Em pé, da esquerda para a direita: Hermógenes Cecatto, José, João, Paulo e Rafael. Agachados, da esquerda para a direita: (?), Aparecido, (?), André, Antônio Rosa Alves e Geraldo. A Tinturaria Monte Fuji localizava-se na rua Manoel Coelho. Era propriedade da família Osawa



Crédito: Cláudio Musumeci

Era final do ano de 1933. A sociedade de São Caetano aguardava com ansiedade o dia da inauguração do novo salão do São Caetano Esporte Clube (SCEC), agremiação tradicional da cidade. Das pequenas e simples instalações da rua 28 de Julho, o salão do SCEC passaria para área mais ampla, na rua Perrella, em terreno da família de José Lorenzini, ao lado do Cine Central.

Na noite de nove de dezembro deu-se a inauguração. Logo na entrada do novo salão, situavam-se duas salas nobres: à esquerda, a da diretoria; à direita, a da chapelaria. Esses dois recintos ladeavam o acesso ao salão propriamente dito. Com 350m², amplas portas, janelas de dois lados, um grande palco ao fundo, cortinas de veludo pretas com bordas brancas, o salão passava oficialmente a receber a sociedade local. Havia ainda outras dependências, como os camarins, o bar e área com mesas e cadeiras para o conforto dos frequentadores. Acima, um grande mezanino enobrecia ainda mais o já imponente salão do SCEC. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Arthur Garbelotto, Bruno Bisquolo, ?, Francisco Garbelotto, ?, Darré, Vicente Luiz Pina, ?, Antonio Matarazzo, José Musumeci, ?, Henrique Lorenzini, Hermínio Lorenzini, ?, ?, Mário Bortoletto, Zezinho, ?, Júlio de Mello, Jarbas Cid Godoy, Antonio Flaquer (tabelião), Armando de Arruda Pereira (diretor da Cerâmica São Caetano), José Lorenzini, ?, Felício Laurito (prefeito de São Bernardo do Campo), ?, Antonio Barille, ?, Francisco Paulillo, José Mariano Garcia Júnior, João Batista de Lima, José Giardullo, Cláudio Musumeci, ?, ?, ?, Helena Musumeci, Lourdes Laurito (esposa do prefeito), ? (filha do prefeito), ?, Rosa Fiorotti Lorenzini, Clara Lorenzini, ?, ?

Exposições

Futebol: uma paixão sul-sancaetanense



Em época de copa do mundo, a paixão pelo futebol fica ainda mais aflorada entre os brasileiros. Aproveitando esse momento e o entusiasmo dos torcedores com os jogos, a Fundação Pró-Memória fez uma homenagem ao esporte mais popular do planeta por meio da exposição *Futebol: uma paixão sul-sancaetanense*, que ficou em cartaz no Salão de Exposições II de primeiro de junho a 31 de julho.

Em 28 imagens a mostra contou a história dos times de várzea e dos clubes profissionais que surgiram na cidade ao longo do século passado. A exposição contou como, com a chegada de milhares de imigrantes nos últimos quarentas e cinquenta, São Caetano ampliou seus horizontes, tanto no futebol amador quanto no profissional. Uma prova disso é que desde 1948 existem registros da participação do São Caetano Esporte Clube na divisão dos profissionais.

Somos Italianos



Em comemoração ao aniversário de 129 anos de São Caetano e em homenagem às famílias de imigrantes italianos, o Museu Histórico Municipal promoveu, de 20 de julho a 31 de agosto, a exposição *Somos Italianos*.

Reunindo objetos, fotografias e documentos, a mostra revelou aspectos da cultura italiana. Uma sala do museu teve como tema a Itália e suas regiões. Roupas típicas regionais completaram a exposição. Uma apresentação de dança típica, do grupo Nostra Itália, e a música da banda Viva Itália animaram o evento de abertura da exposição.

Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano



No dia 20 de julho a Fundação Pró-Memória abriu a exposição *Os Velhos Tempos do Comércio em São Caetano* no saguão da Associação Comercial e Industrial

de São Caetano do Sul.

Nesta exposição, a Fundação Pró-Memória apresentou um pequeno esboço da evolução do comércio na cidade, mostrando estabelecimentos antigos de diferentes segmentos, e permitiu ao visitante conhecer as etapas evolutivas do comércio sul-sancaetanense e os hábitos de consumo presentes na cidade, ao longo de diferentes períodos históricos.

Antonio Lucio Pegoraro - pequena retrospectiva



A abertura da exposição *Antonio Lucio Pegoraro - pequena retrospectiva*, na Pinacoteca Municipal, em comemoração ao aniversário de 129 anos da cidade, aconteceu no dia oito de agosto e foi seguida do recital do Witkowski Piano Duo.

A mostra, que ficou em cartaz até o dia 31 de outubro, apresentou 37 obras de Pegoraro, um artista autodidata. Com 77 anos, Pegoraro é morador de São Caetano desde 1968. Premiado em concursos como XI Salão de Pintura de Recife, VI Salão de Pintura de Porto Alegre e XXV e XXVI Salão Paulista de Belas Artes, sua marca é o uso de cores fortes e intensas.

Artista de personalidade própria, avesso a estilos ou escolas, prepara suas próprias tintas e telas. Não é preocupado com as formas, mas com as idéias que quer transmitir. Formado em restauração, estudou

na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e estagiou numa das principais instituições na área de restauração, o Setor de Conservação e Restauração de Objetos de Arte do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Exercendo essa função, trabalhou por 34 anos no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Museu do Ipiranga).

Tradições e Crenças: Manifestações Folclóricas em São Caetano do Sul



De 22 de agosto a seis de novembro, a Fundação Pró-Memória apresentou, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, a exposição *Tradições e Crenças: Manifestações Folclóricas em São Caetano do Sul*, que retratou diferentes manifestações folclóricas ocorridas na cidade entre 1949 e 2005.

Em 28 reproduções fotográficas, apresentações de capoeira, dança, teatro e música, festas e exposições promovidas por escolas, mostraram-se manifestações folclóricas que, em sua maioria, integraram antigos programas de festejos do aniversário da cidade. As imagens diziam respeito, não só ao folclore brasileiro, mas também às tradições pertencentes a outros povos.

Mastrotti: três décadas de traço

A mostra *Mastrotti: três décadas de traço* iniciou a série de exposições da Fundação Pró-Memória que poderão ser vistas na Faenac (Faculdade Editora Nacional). Aberta no dia 31 de agosto, a exposição em homenagem aos 30 anos de carreira do cartunista Mário Mastrotti, de São Caetano, ficou em cartaz no campus 2 da faculdade até 31 de outubro.

A mostra fez uma ampla



apresentação do cartunista, que atualmente é também professor universitário da instituição e editor. Dividida em décadas (1975-1985, 1985-1995 e 1995-2005), apresentou painéis com reproduções de tiras, quadrinhos institucionais, charges, caricaturas e cartuns premiados nacional e internacionalmente, além de ilustrações de seus livros.

Um Quarto do Século Passado

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul participou da *2ª Quinzena Casa & Cia*, evento promovido pelo Shopping ABC de 17 a 30 de outubro, com a exposição *Um Quarto do Século Passado*. Misturando objetos e móveis do final do século XIX e início do século XX, a mostra



permitiu ao visitante conhecer usos e costumes de antigos tempos. Uma cama de casal, um guarda-roupa, um berço, uma cômoda e uma penteadeira (dos vintes do século passado), um despertador e um rádio de 1950, além de outros acessórios e utensílios, como uma lata de talco de 1920 e uma colcha dos últimos trintas, compuseram o ambiente. Roupinhas de bebê e uma camisola, dos últimos sessentas, deram o toque real ao dormitório da exposição.

O Dinheiro do Brasil e do Mundo

De dia cinco de setembro a dez de novembro, o Museu Histórico Municipal contou a história da moeda nacional e internacional. A exposição *O Dinheiro do Brasil e do Mundo* apresentou cédulas e moedas brasileiras e de diversos outros países, como Tailândia, Líbano, França, China e Iraque.

Eram cerca de 200 cédulas e moedas originais em exposição, pertencentes à coleção do Museu Histórico Municipal e ao acervo do colecionador Alexandre



Zevzikovas, de São Caetano. Além disso, painéis cedidos pelo Banco Central do Brasil e pelo Itaú Cultural apresentaram reproduções detalhadas de notas e moedas raras. Todas as crianças que visitaram a exposição ganharam uma cartilha sobre a história do dinheiro (cedida pelo Banco Central) e moedinhas de chocolate.

58 Anos da Autonomia de São Caetano

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul prestigiou a segunda edição da Semana da Autonomia, evento promovido pelo Instituto Renovador do Movimento Autonomista, que comemorou os 58 anos da conquista da independência política de São Caetano do Sul, ocorrida em 24 de outubro de 1948. De 18 a 31 de outubro a Fundação apresentou a exposição fotográfica *58 Anos da Autonomia de São Caetano*, no saguão da sede da instituição.



Cerca de 15 imagens de reuniões de autonomistas e vereadores da época apontaram os caminhos percorridos até a conquista da autonomia política. Também foram expostas reproduções do *Jornal de São Caetano* com notícias dos acontecimentos da época. Os painéis trouxeram, ainda, os nomes de todos os líderes autonomistas da cidade.

A abertura foi marcada pela presença dos autonomistas e do prefeito José

Auricchio Júnior.

Os Filhos da Mãe África no ABC

De sete de novembro a 12 de janeiro, a Fundação Pró-Memória fez sua homenagem ao Dia da Consciência Negra (20 de novembro), através da exposição *Os Filhos da Mãe África no ABC*, em cartaz no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes.



Por meio de imagens que retratam trabalhos desenvolvidos por entidades de São Caetano do Sul, de São Bernardo do Campo e de Diadema, na área de valorização da cultura africana, a Pró-Memória incentivou a discussão e a reflexão sobre a condição atual da raça negra no Brasil.

Objetos de Desejo

A Fundação Pró-Memória abriu no dia dez de novembro, na Pinacoteca Municipal, a mostra simultânea de Antonio Valentim Lino e Valdo Rechelo, intitulada *Objetos de Desejo*. Com obras pouco convencionais e que sugerem reflexão e observação, os artistas tiveram como objetivo mostrar sua forma particular de olhar o mundo. Ambos trataram, cada um a sua maneira, assuntos como religião, família e

erotismo, não deixando de retratar e fazer um paralelo entre arte e vida.

Valdo Rechelo utilizou a técnica da colagem em todas as suas 50 obras, que de forma direta ou indireta falaram de amor, erotismo e sensualidade, entretanto, o artista apresentou tudo com delicadeza para que nada fosse explícito. Os tons de vermelho, preto, branco e dourado, bem como anjos, santinhos, carimbos, selos diversificados e pequenas flores vermelhas, além de rendas e fitas, estiveram presentes na maior parte das obras.

Antonio Valentim Lino buscou uma

noção de mundo renovada em suas 21 obras presentes na mostra. Seu projeto estético utilizou a iconografia das representações populares e religiosas como elemento de construção de seus objetos de desejo. O artista plástico trouxe humor em suas composições, que mesclaram objetos diversificados, como oratórios, super-heróis, santos e anjos. Os tons vermelho e branco também marcam presença bastante forte nas obras de Antonio Valentim.

A exposição *Objetos de Desejo* ficou em cartaz na Pinacoteca até o dia 13 de janeiro de 2007.

Eventos

Revista *Raízes* 33

Cerca de 400 pessoas estiveram presentes ao lançamento da revista *Raízes* número 33, realizado no dia 21 de junho, nos jardins do Complexo Educacional de Ensino Fundamental.

As cores verde e amarela dominaram o cenário da festa, afinal de contas, o tema principal da revista foi a copa do mundo. O evento serviu para comemorar também os 15 anos da Fundação Pró-Memória, criada em 1991.

Houve a exibição de um vídeo sobre as copas do mundo, produzido pela



Fundação, e foram servidos aos convidados quitutes típicos de festas juninas.

Festa Italiana



A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul participou da XIV Festa Italiana, que aconteceu durante todos os sábados e domingos do mês de agosto, na praça Comendador Ermelino Matarazzo, no bairro da Fundação, fazendo uma homenagem aos imigrantes italianos através da exposição *Quadros da Vida Sul-sancaetanense - Os Italianos*.

Instalada no salão paroquial da Igreja

São Caetano (Matriz Velha), a mostra apresentou imagens de 29 famílias italianas, algumas pioneiras, chegadas no dia 28 de julho de 1877, e outras que vieram nas primeiras décadas do século passado.

Witkowski Piano Duo



Cerca de 300 pessoas acompanharam o recital do Witkowski Piano Duo, promovido pela Fundação Pró-Memória, no Teatro Santos Dumont, logo após a abertura da exposição *Antonio Lucio Pegoraro - pequena retrospectiva*, no dia oito de agosto. Formado pelo casal Fábio e Gisele Witkowski, o Witkowski Piano Duo apresentou um recital a quatro mãos. No programa, composições de Mozart, Schubert, Barber, Villa-Lobos e Mignone.

Os pianistas, que atualmente residem nos Estados Unidos, já passaram por palcos da Europa, China e Brasil. As apresentações mais recentes incluem o Union Square Park e o Kennedy Center, nos Estados Unidos, e a Villa Rufolo, na Itália. Em 2005, o Witkowski Piano Duo apresentou-se no Carnegie Hall, em Nova Iorque.

Witkowski já foi morador de São Bernardo e estudou na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Atualmente é professor e chefe do departamento de música da Hotchkiss School, nos Estados Unidos.

Gisele, esposa de Witkowski, formou-se em piano no Brasil e, enquanto conclui seu doutorado em *piano performance*, é

professora e dirige o departamento de piano da Hotchkiss School.

Oficina Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus

Cerca de 50 pessoas participaram da oficina *Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus*, promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em parceria com o Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos dias 27, 28 e 29 de setembro.

O programa da oficina incluiu um histórico sobre os museus do Brasil e do mundo e suas tipologias. O palestrante Paulo Lima falou ainda sobre o Sistema Brasileiro de Museus e sobre a legislação nacional referente ao tema. Museólogo do Iphan, Lima ainda fez exercício prático para a elaboração de um plano museológico, além de dinâmicas de grupo.



O público participante incluiu estudantes e profissionais da área de museologia de São Caetano, de São Paulo e de cidades como Jundiaí, Santa Bárbara D'Oeste, Itapira, Praia Grande e Santos.

Lançamentos



Livro Pegoraro

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul editou seu primeiro livro sobre artes plásticas. *Pegoraro*, baseado na vida e obra do artista plástico Antonio Lucio Pegoraro, foi lançado no dia cinco de outubro.

Escrito por André Caram e Neusa Scaléa, o livro é ilustrado e tem 112 páginas. Neusa é fotógrafa, especialista em museus de arte, e, atualmente, é coordenadora da Pinacoteca Municipal. Caram é arquiteto e trabalha na Fundação Pró-Memória.

O próprio artista também participa

do livro, com dois textos de sua autoria. Imagens de sua trajetória e sua família ilustram a publicação. Comentadas, 32 obras ficam na parte final, formando um catálogo. A biografia de Pegoraro e sua produção artística também estão nas páginas da nova publicação da Pró-Memória.

Segundo Sonia Xavier, presidente da Fundação, o livro integra uma nova área de publicações desenvolvida por nossos pesquisadores. *O projeto editorial da Pró-Memória sempre foi voltado para as áreas de história, memória e literatura. O livro Pegoraro é a nossa estréia no campo das Artes, completa.*



Projetos

Medalha Di Thiene

A Medalha Di Thiene, entregue a 41 personalidades de São Caetano no dia 31 de julho de 2006, dentro das festividades do 129º aniversário da cidade, foi resultado de uma parceria da Prefeitura Municipal com a Fundação Pró-Memória. As pesquisas, os estudos e a definição das imagens que ilustram a medalha foram desenvolvidas por profissionais da Fundação Pró-Memória.

Com a proposta de homenagear pessoas que prestam serviços relevantes em benefício da coletividade ou que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, a medalha foi criada com a intenção de representar a história de São Caetano, seu passado, presente e futuro.

A frente da medalha, onde consta a inscrição *Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul*, significa o presente e o futuro da cidade. A tocha, símbolo da

autonomia política e administrativa de São Caetano, alcançada em 1948, é a imagem principal nesse lado da peça. Ao fundo, o desenho de contorno de prédios e o brasão oficial, localizado abaixo, representam o crescimento e o desenvolvimento do município.

No lado oposto, no qual está impresso o nome *Medalha Di Thiene*, está gravada a imagem do Monumento aos Imigrantes Italianos. Localizado na entrada da cidade, é uma obra do artista plástico Miguel Locoselli e uma homenagem aos primeiros imigrantes italianos, que chegaram à cidade em 1877. Chaminés de indústrias ilustram o fundo deste lado da medalha. Este conjunto de imagens representa a história, o passado de São Caetano, seus imigrantes e seu processo de industrialização.

A Medalha Di Thiene foi criada pela Lei n.º 4407, de 14 de junho de 2006, e será entregue anualmente a cidadãos sul-sancaetanenses .





Associação de Amigos da Fundação Pró-Memória

Cerca de 60 pessoas participaram da assembléia pública de criação da *Amigos da Memória - Associação Amigos da Fundação Pró-Memória* de São Caetano do Sul, realizada no dia 25 de julho, na Academia de Letras da Grande São Paulo.

O estatuto da associação foi aprovado e a primeira diretoria eleita e empossada. Foram eleitos para o conselho diretor da *Amigos da Memória*: José Ramos Vitorino (presidente), Sonia Maria Franco Xavier (vice-presidente administrativa e financeira), Glenir Santarnecki (vice-presidente/secretário geral), Maria Arlinda da Fonseca (vice-presidente comercial) e Nanci Navarrete (vice-presidente social). O conselho fiscal tem como presidente Cláudio Musumeci e como membros Mauro Russo e Antonio Peres Filho. Como suplentes, foram eleitos Clóvis Esteves, Vera Monari, Isabel Cristina Ortega e Mário Porfírio Rodrigues.

A *Amigos da Memória* tem por finalidade conquistar e reunir adeptos e admiradores das ações da Pró-Memória, dar apoio às atividades históricas, culturais e artísticas da instituição e, ainda, auxiliar na preservação e divulgação do acervo do patrimônio histórico, cultural e artístico da cidade.

Conseguir o apoio da comunidade para a conservação e proteção do acervo do patrimônio cultural do município, promover encontros com órgãos públicos e privados, com a intenção de conquistar apoio para a Pró-Memória, e propiciar melhores condições de trabalho para a autarquia, através da captação de recursos financeiros, são algumas das tarefas da nova associação.

(*) *Paula Fiorotti é jornalista, especializada em Relações Públicas*

Amigos da Memória

Você, leitor da revista *Raízes*, e seus familiares e amigos, que gostam da história de São Caetano do Sul, fiquem atentos para a novidade cultural, de cunho popular, destinada a todos os interessados de nossa comunidade.

No dia 25 de julho de 2006, um grupo de 70 pessoas da comunidade criou, em Assembléia Geral, uma associação civil, de caráter particular, para reunir os amigos da história e da memória cultural da cidade.

Já registrada, essa associação será um meio de divulgação da nossa memória histórica e também um meio de preservação e defesa do patrimônio histórico de São Caetano. Esta preocupação hoje é exclusiva da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Mas a partir de agora, esse será também um objetivo da ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Também chamada de AMIGOS DA MEMÓRIA tem sede provisória na Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255, 1º andar, Bairro Santa Paula.

Se você gosta da memória histórica da cidade, procure conhecer melhor a AMIGOS DA MEMÓRIA. Associe-se e tenha acesso às atividades de manutenção e defesa do patrimônio histórico e cultural de São Caetano e, ainda, aproveite os benefícios culturais de um associado.

Amigos da Memória
E-mail: amigosdamemoria@gmail.com
Telefones: 4221-9008 / 4221-7420

ISSN 1415-3173

